POESIAS

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

PORTO

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Poesias posthumas. 1 vol...... 1$000

GUERRA JUNQUEIRO

O crime (a proposito do assassinato do alferes Brito). 1 vol........ 200
Victoria da França, 4 de setembro de 1870. 1 folheto............. 100

CASTILHO

Theatro de Shakespeare. 1.ª tentativa. Sonho d'uma noite de S. João, drama em 5 actos e em verso. 1 volume......................... 600

LAURINDO JOSÉ DA SILVA REBELLO

Obras poeticas, colligidas e annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores nacionaes e de uma noticia sobre o author e suas obras, por J. Norberto de Sousa e Silva. 1 vol. in-12.º............... 600

ANTHERO DO QUENTAL

Odes modernas. 2.ª edição, contendo varias composições ineditas. 1 volume..................... 400

CUNHA VIANNA

Relampagos, com um prologo por João Penha. 1 vol.............. 400

DAVID DE CASTRO

Vislumbres. 1 vol........... 500

CASIMIRO J. M. D'ABREU

Obras completas, colligidas e annotadas, precedidas d'um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e d'uma noticia sobre o author e seus escriptos por J. Norberto de Sousa e Silva. Nova edição, ornada com o retrato do author. 1 vol........................ 500

M. A. ALVARES D'AZEVEDO

Obras poeticas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e d'uma noticia sobre o author e suas obras, por J. Norberto de Sousa e Silva. 4.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 vol. in-8.º.......... 2$000

FRANCISCO GOMES D'AMORIM

Versos.—Cantos matutinos. 3.ª edição. 1 vol..................... 800

AUGUSTO LUSO DA SILVA

Impressões da natureza. 1 vol.. 50

THEOPHILO BRAGA

Visão dos tempos. 2.ª edição. 1 volume....................... 50
Torrentes. 1 vol............. 60
Folhas verdes. 2.ª edição. 1 vol. 60
Historia da poesia popular portugueza...., *Cancioneiro popular...*, *Romanceiro geral.....* 3 vol. 1$50
Floresta de varios romances. 1 volume........................ 50

JOÃO DE LEMOS

Serões d'aldêa. 1 vol......... 60
Impressões e recordações. 1 vol. 60

FERNÃO R. L. SEROPITA

Poesias e prosas ineditas, com uma prefação e notas por Camillo Castello Branco. 1 vol......... 600

A. GONÇALVES DIAS

Poesias. 5.ª edição, augmentada com muitas poesias, inclusivé os Tymbiras, e cuidadosamente revista pel dr. J. M., precedida da biographia do author, pelo conego dr. J. C Fernandes Pinheiro. 2 volumes in-8.º, edição de luxo, com o retrat do author...... .... 2$00

JULIO DE CASTILHO

Primeiros versos 1 vol........ 50

JOSÉ IGNACIO ALVARENGA PEIXOTO

Obras poeticas, colligidas e annotadas precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o author e suas obras, por J. Norberto de Sousa e Silva. 1 vol........... 60

BERNARDO GUIMARÃES

Novas poesias. 1 vol.......... 60

AFFONSO LAMARTINE

Lamartineanas, poesias traduzidas por poetas brazileiros. 1 vol.... 600

LUIZ N. FAGUNDES VARELLA

Cantos do ermo e da cidade. 1 volume........................ 600

PORTO — TYP. OCCIDENTAL — PICARIA, 50 a 54.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

POESIAS

PUBLICADAS

POR

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON | EUGENIO CHARDRON
PORTO | BRAGA
1879

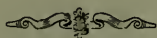
Á

Exc.^{ma} Snr.^{a}

D. MARIA FELICIDADE DO COUTO BROWNE

Em testemunho de respeito e admiração

Faustino Xavier de Novaes.

Não é Prologo

Um prologo não faço — que não tenho
Um modêlo a seguir — falta-me o engenho
Para ao fim caminhar, sempre afastado
Da estrada que já teem muitos pizado;
E d'esses que até hoje eu tenho lido,
Apenas consegui ser convencido
Que, nova, ou velha, já, seja a maneira,
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

E não se agaste alguem que os tenha escripto,
Que eu vou dar a razão d'este meu dito:

Se o poeta, d'orgulho arrebatado,
Alguns nomes, como eu, tem decorado,
E em *Goethe*, em *Schiller* falla, e em outros, tantos

Como ás vezes o atheu nomeia santos;
Se diz, com a maior sinceridade,
Que prestavel quer ser á sociedade,
E, sem de gloria ou d'ouro estar sedento,
Os fructos lhe quer dar do seu talento;
E o direito roubando aos seus leitores
De serem, porque pagam, julgadores,
Além de sustentar basofia insana,
Na fazenda que vende inda os engana,
Que um livro promettendo de poesia,
Dez folhas enche assim de prosa fria;
Se depois, a rimar, compára a lua—
Porque alumia—ao lampeão de rua;
E se o bello da imagem mais inflamma,
Meigo bico de gaz á lua chama;
Se em bombastico estylo hymnos entôa
Ao mar, que ronca, e ao trovão, que trôa;
E, escolhendo vocabulos d'arromba,
Cada verso que faz é uma bomba,
Que, do povo nos bolsos rebentando,
Espalha os pintos, fumo, só, deixando;
Se gordos palavrões juntando aos centos,
Os infia em cordel, sem pensamentos,
Sem uma ideia só, que mostre engenho;
E de promessas taes no desempenho
Só dá sobre sandice frioleira,
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Se, modesto, o escriptor diz no começo
Que aos seus versos jámais ligára apreço;
Que sem estro, d'estudos separado,

Mão da lyra lançou por desenfado,
Como lança o aldeão mão da viola,
Quando a terra não lavra, ou joga a bola;
E aos amigos cedendo — que á porfia
O instavam para os dar á luz do dia —
Como cede ao ministro o deputado,
Ou a seu dono o cão, se o vê zangado,
Ao prélo os dera, d'ambição ausente;
(Vendendo-os por dinheiro a todo a gente)
Se a critica a temer, que desafia,
Curva a fronte, e com toda a cortezia
Lhe pede que não venha, desalmada,
Nas costas estender-lhe a rija espada;
Se prova em rima quanto disse em prosa,
Comparando o botão da idalia rosa
Com os labios sem *par da* sua amada,
Ás vezes, mais que parda, amulatada;
Ao dôce orvalho da rosada aurora,
Chuva que cáe, ou lagrimas que chora,
E outras *imagens*, muito em verso usadas,
Que nada representam, por safadas;
Se ao passo que aos amigos obedece,
Jura, á face do céo, que se conhece,
É tôlo, é parvo, e diz á terra inteira:
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Nem fugir podem da fatal verdade
Os que o valor invocam d'amizade,
E ao publico vem dar seus livros, cheios
De criticas, e prologos alheios:
Que seja o seu auctor homem sisudo

Ou falso adulador, que incensa tudo,
Inda fica a sentença verdadeira:
Um prologo por fim é sempre asneira.

E não se agaste alguem que os tenha escripto,
Que eu vou dar a razão d'este meu dito:

Se um critico de nome abalisado,
Que do prologo fôra encarregado,
Tanta como saber não tem coragem
Para dizer, em franca linguagem,
Que é bom moço e honrado o seu amigo,
Mas que do senso e gosto é inimigo,
Como ha-de encher dez folhas do volume?
Juntando os versos todos em cardume,
E dizendo ao auctor: «És um portento!
«Que rara perfeição! Que sentimento!
«De Bocage, Camões e Tolentino,
«Quanto em louvor se diz é desatino:
«São teus versos mais bellos — são perfeitos —
«Ricos d'imagens, ricos de conceitos,
«Dão-te um nome immortal, que a antiguidade
«Não pôde a ninguem dar com mais verdade!
«*Lamartine,* que a França toda admira,
«Se ouvir podera os sons da tua lyra,
«Pela mão te levára ao alto assento
«Que na Gloria lhe dera o seu talento,
«Ávante, pois, amigo, ávante! á Gloria!
«Prosegue, que o teu nome é já da historia!»
E como o destro e fino saltimbanco
Que de papel azul, vermelho e branco,

Cobre as esquinas das mais bellas ruas,
Ao povo a annunciar proezas suas;
Pintando posições, com tinta incerta,
Com que deixa os pataus de bôca aberta;
Pelos nomes citando mil cidades
Que pasmaram de taes habilidades;
Os applausos que teve em toda a parte,
Mimos e distincções em honra d'arte,
E chamando a attenção d'um povo inteiro,
Mostrar-se vem sagaz pelotiqueiro,
Torcendo o corpo todo, em piruetas,
Dando saltos por cima de bayonnetas,
Ligeirezas fazendo, d'arte alheias,
Só proprias de palanques, nas aldeias;
—Assim o louco vate vem á praça
C'o *prologo-cartaz,* que o povo embaça,
Como quem o leitor obrigar tenta
Esse livro a louvar, que lhe apresenta,
Que por dicção, por gosto, e pela rima,
De critico sagaz merece a estima: —
Mas, longe de mostrar tanta belleza,
Tanto gosto e lição, tanta agudeza,
Lá vem um verso extenso, outro vem manco,
E ligeiro, qual outro saltimbanco,
Que ultrapassa as bayonnetas, sem receio,
Assim o trovador, d'animo cheio,
Principia a saltar, em toda a parte,
Por cima do bom senso e regras d'arte,
Deixando o amigo seu por mentiroso,
Ou por fraco, talvez, que attencioso
Não póde o que sentiu dizer aovate,

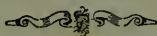
E deixou campear o disparate!
— E, o publico burlando que, verdade,
Julgára quanto disse auctoridade,
Inda dizer-lhe vem d'esta maneira:
Um prologo por fim é sempre asneira.

E se o critico justo e rigoroso,
Põe de parte a amizade, e, audacioso,
A loucas pretenções movendo guerra,
Quer do vate a illusão lançar por terra,
Sem a fama temer pôr-lhe em rúinas;
E, entre duas bellezas pequeninas,
Ao vêr grande sandice entrincheirada,
Sem a mais attender empunha a espada,
Fundo golpe lhe dá que a desaloja;
E não só das bellezas a despoja,
Que a acoitavam alli, mas — por perrice —
A mostra tal qual é, gorda sandice;
— Se o poeta acceitando o corretivo,
Passar deixa o defeito primitivo,
Dando em meio do livro o feio ripio
Que apontado já fôra no principio;
Não póde contestar que o seu volume,
Que pouco ou nada bom em si resume,
Esta verdade traz por companheira:
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Eu que alarde não faço de talento,
E o saber que não tenho não ostento;
Que, versos a fazer, não armo á gloria,
Nem pretendo o meu nome vêr na historia,

Nem mesmo d'ambição sou tão ausente
Que o livro dê, de graça, a toda a gente;
Que um juizo não dou d'auctoridade,
E deixo a todo o mundo a liberdade
—Porque o preço colhido assim o manda—
D'arvorar-se em juiz n'esta demanda;

Um prologo não faço—que não tenho
Um modêlo a seguir—falta-me o engenho
Para ao fim caminhar, sempre afastado
Da estrada que já teem muitos pizado;
E d'esses que até hoje eu tenho lido,
Apenas consegui ser convencido
Que, nova, ou velha, já, seja a maneira,
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

INTRODUCÇÃO AO BARDO [1]

Eis ahi mais um jornal
De versos, á luz do dia!
E ninguem tome isto a mal;
Haja, ao menos, de poesia
Abundancia em Portugal.

Esses vates, escolhidos,
Que n'esta empreza afanosa
Se acham, commigo, envolvidos,
Pela lyra sonorosa
Se tornaram conhecidos.

Foi isso que me excitou
Leda esp'rança, e se inda espero
Vir a ser o que não sou,
Com licença — tambem quero
Fazer versos... arrumou.

---

[1] Esta poesia serviu d'introducção ao BARDO, jornal poetico que o auctor redigiu.

Não vem de taes intenções
Ao meu nome algum desdouro;
Tambem tenho pretenções
A c'rôas, se não de louro,
Ao menos, de dez tostões.

Se a *gloria* tambem fascina
Minha fraca intelligencia,
Que importa, se ha gente fina,
Que ás vezes cáe na demencia
Por causa da tal menina?...

Que tem que me fira a mão
D'uma critica irrisoria?
Em religiosa funcção,
Tambem quem assiste á Gloria,
Já sabe que tem sermão.

Tudo, portanto, reclama
Que eu prosiga n'este intento;
Sou homem, aspiro á fama,
E assim, sem mais comprimento,
Eis-aqui o meu programma.

D'afamados escriptores
Pilharei *lanças, arnezes,*
Estrellas, prados, e flôres;
'Té roubarei muitas vezes
A paciencia aos meus leitores.

A argentea luz do luar,
As *arcadas e obeliscos,*
Rochedos, ondas do mar,
Rouxinoes, pardaes e piscos,
Não ficarão por cantar.

Cantarei a acção guerreira
Do campeão altivo e destro;
E, estando a Musa ronceira,
Me virá soprar ao estro
A dôce briza fagueira.

Tambem as Ellas mimosas,
Hão-de ao vate apaixonado
Arrancar trovas queixosas,
Embora o novo penteado
Lhes dê visos de tinhosas.

Soltarei sentidas queixas
Por lhe terem já fugido
Aquellas lindas madeixas,
Que antes tinham concorrido
P'ra formar ternas endeixas.

Lamentarei que as donzellas,
Por que a moda, em seus rigores,
Quer tornar feias as bellas,
Mostrem testas bicolores,
Co'a falta das bambinellas.

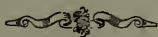
Pedirei com devoção
Que as meninas mais janotas,
De colletes de fustão,
Não se apresentem de botas,
Com espora no tacão.

Pela patria desditosa,
Ouvirá todo o Universo
Minha voz triste e queixosa;
Que muito ha quem negue em verso
Aquillo que prova em prosa.

Ao som da lyra cadente,
Misturarei com meus ais
Á saudade atroz, pungente,
Versos tão sentimentaes,
Que farão rir toda a gente.

Pedirei ao céo piedoso,
Que a não livrar da amargura
O meu viver tormentoso,
Me encaixe na sepultura,
Longe do Mundo enganoso.

E dando forte massada,
D'hoje a moda seguirei,
Em tudo romantisada,
E tanta cousa direi
Que, por fim, não direi nada.

O FIM DO MEZ

Vai fugindo, p'ra mim, o mez sereno,
N'um prosaico viver sempre embebido;
Obrigado a aturar grande e pequeno,
Que lucro apenas deixam, resumido;
Limitado a sentir prazer ameno
No *innocente* cavaco appetecido:
Só quando o fim do mez se vem chegando,
Começam-me os parceiros *seringando.*

Lá chega um assignante, impertinente,
« *O Bardo quando sahe?* » diz muito serio:
Pergunta, para os mais, tão innocente,
Envolve, para mim, fundo mysterio:
Estará pelo vêr impaciente?
Será isto elogio, ou vituperio?...
Pesada obrigação! horrivel fardo!
Quem oito tostões deu tem jus ao *Bardo!*

A invocar principio a pobre musa,
Que se torna, p'ra mim, sempre mesquinha;
Ora, esquiva, de todo se recusa,
Ora, se versos dá, mostra que é minha,
E da exhausta paciencia mais abusa,
Quando do mez o fim mais se avisinha:
Maldigo então essa hora em que, pateta,
Á mania me dei de ser poeta.

Poeta!... não... perdão... que foi engano!
Versejador, apenas, como tantos
Que rimam por ahi, com fogo insano,
E o povo fazem rir, com *tristes* cantos;
Alto valor mostrando, mais que humano,
Em *martyrios* soffrer, proprios de santos!...
Oh vates infelizes!... causaes pena!...
Que grande alma!... Que veia tão pequena!...

Mas debalde um assumpto achar pretendo,
É tudo insipidez... monotonia!
E já vingança atroz estou prevendo,
Não quero mais fallar da *fidalguia*...
Supponham que, de mim caso fazendo,
Um *grande,* muito irado, me dizia:
Se essa lingua, mordaz, se não esconde,
Fecho-te a loja, e faço-te *visconde!*

Irra!... feito *visconde!*... um pobre artista
Mettido em danças altas, quem o atura?
Sem bens, sem creação, por mais que insista,
Ha-de sempre fazer triste figura;

Que é a *grandeza* assim?... fogo de vista,
Que ardendo brilha, só, mas pouco dura:
E d'isto vejo o mundo já tão cheio!...
Que seja estreito o campo até receio!...

D'amor que dizer posso?... a mocidade
Passei-a sem nutrir tal sentimento;
Hoje, que velho estou, cada beldade
Perdeu no imperio seu trinta por cento,
Por fugir-lhe o cabello p'r'a cidade,
Quando á beira do mar, se expõe ao vento;
Demais, respeito assaz o tal *fedelho*,
Que torna o velho moço, e o moço velho.

Já não tenho theatro italiano,
Que me inspire, com dôces melodias;
Fugio, tambem, de nós, o castelhano,
E tu, bojuda *Valle* [1], que farias,
Andar certas cabeças, mais d'um anno,
Como anda a minha bolsa muitos dias!
Apenas resta ao povo galhofeiro,
Mais juizo, mais paz e mais dinheiro.

Se ao menos d'Esculapio na sciencia
Versado me tivesse, eu cantaria
Uns ratões que, em torrentes de sapiencia
Fulminam, em jornaes, a Homœopathia;

---

[1] Uma bailarina redonda que dançava no theatro de S. João.

Bradando, se da febre á forte ardencia
Eu visse que um enfermo succumbia:
Descereis, Homœopathas, ao inferno,
Porque não reformaes as leis do Eterno!

Mas sem ter a sciencia profundado,
Sobre ella dissertar fòra loucura;
E eu, vendo algum parvo, enfatuado,
Que mil sandices diz, quando se apura,
Fico, sobre a questão, sempre calado,
P'ra não me expôr tambem a atroz censura;
N'isto, ha-de concordar a séria gente,
Se mais sabio não sou, sou mais prudente.

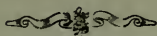
Só tenho no porvir ardente esp'rança,
D'assumptos mil colher para a poesia;
Verei andar o povo n'uma dança,
Quando do São Miguel chegar o dia;
Muita cara verei fazer mudança,
Tão ligeira, que o vento a não faria;
Verei mudar (quem sabe?) p'ra *Pantana,*
Gente que d'opulenta hoje se ufana!...

Lá vem tambem os banhos, *salutares,*
Que off'recem mil petiscos variados;
Verei sem mêdo, entrar por esses mares
Mancebos, na loucura, denodados;
E seu alto valor alçando aos ares,
Carpindo os que sahirem mutilados,
Lamentarei que os taes refrigerantes
Tornem craneos mais quentes do que d'antes.

Principia de novo figurando
Gente que hoje por'hi jaz escondida;
Ha bailes, e saraus, onde, dançando,
Muita dama se torna conhecida;
Cantoras, bailarinas vem chegando,
Começa p'ra os jornaes famosa lida:
Á tua vista, inverno carrancudo,
Succumbe a insipidez... e... morre tudo!

Então em versos mil, altisonantes,
Que possam dar no mundo ingente brado,
Eu terei de cantar acções brilhantes,
D'este povo, de todos *respeitado;*
Tão alegres verei meus assignantes,
E o respeitavel publico, illustrado,
Que se um estranho os vir, dirá contente:
Ditosa condição, ditosa gente!

Porto, 11 d'Agosto de 1852.

QUERO VIVER P'RA ME RIR

Alguns vates eu conheço
Que me inspiram compaixão,
Por darem subido apreço
A cousas que nada são:
A julgar pelos seus versos,
Vivem na tristeza immersos,
Não fazem mais que gemer;
Descrêem do amor, d'amizade,
Erguem cantos á saudade,
E por fim querem morrer!

Anhelam da vida o cabo,
Chamam-se espectros a si,
E fallam, que teem diabo,
Em cousas que eu nunca ouvi;
Nos seus tão sentidos cantos
Fallam só em ais, em prantos,
Em torturas e afflicções:
Não ha leitor tão perdido,
Que não leia, commovido,
Essas *tristes* producções...

Pobres mancebos, coitados!
Quão diff'rentes são de mim!
Já do mundo estão cançados?
Pois eu cá não sou assim:
A par de muita miseria
Ha cousas com tal pilheria,
Que se não póde exprimir;
E eu, que gósto da chalaça,
Hei-de morrer?... isso é graça!
Quero viver p'ra me rir.

Pois não é muito chistoso
Vêr qualquer Manoel João,
Embora seja um leprôso,
Ir ao chrisma, e ser — barão?
Vêl-o já mettido em vicios,
E receber dos patricios
Um sincero — *bosmecê;*
E c'o seu titulo ufano,
P'ra fugir d'algum engano,
Nunca mais largar o — B —?

E ao dar titulos a êsmo,
Transformar qualquer sandeu
Em visconde de si mesmo,
Digo, do appellido seu,
Não é bastante jocoso?
Será menos curioso
Vêr depois estes ratões
Estudarem, noite e dia,
Folheando a Nobliarchia,
A vêr se encontram brazões?

Não valerá outro tanto
Vêr, n'um chôcho folhetim,
Fallar da orchestra, e de canto,
Alambicado *chinfrin?*
Não desafia a risada
Alguem que, pela calada,
Vem apontar o escriptor,
Dizendo que é um Cupido,
Que nem distingue, no ouvido,
Um cornetim d'um tambor?

Não é tambem cousa linda
Vêr por 'hi qualquer lapuz,
Sem, ao menos, saber inda
Fazer o signal da cruz,
Como um possesso fallando,
Mil sandices vomitando
Contra a nossa religião,
E, prégando um dia inteiro,
Sahir-se como um sendeiro,
D'onde entrou como um Catão?

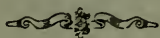
Não promove immenso riso,
Ouvir por esses cafés,
Moços que dizem ter siso,
Mettendo as mãos pelos pés?
Fallando em toda a materia,
Em questão jocosa, ou séria;
Soltarem lingua mordaz
Contra sabios escriptores,
Os que escrevem cousas peores
Do que na escóla um rapaz?

Não é bom vêr mascaradas,
Já depois do Carnaval,
As madamas, penteadas
Como as doudas no hospital?
Vêr pelo mundo dispersos
Mil fabricantes de versos,
Que apenas sabem rimar?
E eu, que tenho igual mania,
Levar a minha ousadia
A ponto de os criticar?

É tudo isto tão jucundo,
E, p'ra mim, tem graça tal,
Que só me afflige, no mundo,
O não ser eu immortal!
Se em momentos de delirio
Eu disser que atroz martyrio
É para mim o existir,
Não julguem que estou zombando;
Mas hoje, sério fallando,
Quero viver p'ra me rir.

Março de 1852.

NO ALBUM

DO MEU INTIMO AMIGO CARLOS NOGUEIRA PINTO GANDRA

Amigo, Carlos Nogueira,
Pedes um canto da lyra,
A quem apenas lhe tira
Sons de viola chuleira?
Insistes d'essa maneira?
Não sabes que, por desgraça,
Por mais esforços que eu faça
P'ra ser vate, é tudo em vão?
Que p'ra mim mente o rifão:
Quem porfia mata caça?

Escrever n'um album!... Credo!
Expôr-me á critica austera!
E se um douto me impozera
Pena de longo degredo!
Nada... nada, tenho medo
D'ir a alguem desagradar;
Não ponho o meu nome a par
Dos que teem estro e sciencia;
Amigo, tem paciencia:
Quem não tem, não póde dar.

Eu quizera enriquecer-te
O album com versos meus;
Mas não sei, valha-me Deus...
E tenho d'obedecer-te!...
Emfim, vou satisfazer-te
Como possa, ou mal ou bem;
Comtudo, se os vir alguem
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim:
Cada qual dá o que tem.

Mas... de *brisas, rosas, fadas,*
D'*estrellas,* te hei-de eu fallar?
De *rôlas, conchas do mar,*
Ferros velhos, trapalhadas?
Rodilhas apontoadas,
Isso não, que é cousa feia;
Mas se não tenho na ideia
Um só pensamento novo,
Seguirei a voz do povo:
Quem não póde trapaceia.

Se eu tivera uma donzella
Que a dentuça me mostrasse,
E, por mim, se conservasse
Dia e noite na janella;
Verias então uma—*Ella!*...—
Meigo canto á minha dama;
Que para isso até na cama
Dera tratos ao miôlo,
Embora morresse tôlo:
Morra o homem, fique fama.

Mas as meninas solteiras
Teem coração d'estalagem,
Onde acham *breve* hospedagem
Janotas, e parvalheiras;
E estas fórmas grosseiras,
Este meu nariz enorme,
Este corpo, tão disforme,
Tudo é mau p'ra namorar;
Demais, quero descançar:
Quem tem amores não dorme.

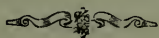
Se eu fôra *politicão,*
D'estes que vão p'ra o Guichard,
Sem dôr o peito rasgar,
Dar á patria o coração;
Um hymno tecêra então
Excitando a lusa terra!
Bradaria:—guerra!... guerra!...
Eia ávante, a ferro e fogo!...
Mas p'ra que?... diriam logo:
O cão que ladra não ferra.

Se eu, por ser grande inventor,
Por meu saber litterario,
O labéo de plagiario
Me não podera alguem pôr;
Então armára ao louvor,
Quizera c'rôas de louro;
Mas é baixeza, é desdouro
Figurar com bens alheios...
E d'isto ha volumes cheios...
Nem tudo o que luz é ouro.

Dera-me hoje por contente,
Se em dôce canto, divino,
Á *amisade* alçàra um hymno,
Dizendo o que o peito sente;
Mas falta-me a voz cadente,
E na lyra a confiança;
Tenho até perdido a esp'rança,
Que n'outro tempo nutria,
Quando minha avó dizia:
Quem espera sempre alcança.

Já vês que pela poesia
Não se augmenta esta amisade,
Que já da infancia na idade
O meu ao teu peito unia;
Mas a mutua sympathia
Que em nossos peitos floresce,
Seguro penhor off'rece
D'infinita duração;
N'isto não mente o rifão:
Quem bem ama, tarde esquece.

6 de setembro de 1850.

UM PASSEIO Á FOZ

Da feia insipidez aborrecido,
Que estende na cidade o seu imperio,
Quando o fecundo estio appetecido,
Lá vai dulcificar outro hemispherio;
Este povo deixando submergido
N'um silencio d'escuro cemiterio,
Vesti a casaquinha afiambrada,
E da *soberba* Foz segui a estrada.

Era domingo, despontava a aurora,
As seges e carrinhos já voavam,
Em busca das meninas que, a tal hora,
Já os cabellos seus arripiavam,
Co'o fim d'irem gastar *a trote* agora
Tudo o que *a passo,* outr'ora, os paes ganhavam,
Quando eu, da celebrada Miragaya,
Sósinho me sentei, na amena praia.

Alli me demorei, analysando
D'este povo o delirio, tão insano;
Animal orelhudo cavalgando,
Co'o janotinha ao lado, muito ufano,
Vi donzellas, as sêdas assoalhando
Que jazeram guardadas todo o anno;
Em quanto o gordo pae, e a mãe roliça,
Bem longe da filhinha ouviam missa.

Em soberbos cavallos, bem montados,
Vi correrem galhardos cavalleiros,
Como depois dos banhos acabados
Seus donos correrão, dias inteiros,
Atraz dos alugueis, tão bem ganhados,
P'ra casa dos tafues aventureiros,
D'alegria devendo ficar cheios,
Recebendo os cavallos e os arreios.

Em tysicos jumentos, abatidos
Ao pêso de pomposas bagatellas,
Vi damas com esplendidos vestidos,
Com lindas fitas brancas e amarellas,
E chailes que eram já meus conhecidos,
Por me verem passar pelas adellas;
E para unida vêr loucura tanta,
A caminho me puz p'r'a *Terra Santa*.

Alli, depois de ter enfunilado
D'*innocente* café meia tigella,
Com fatias d'um pão, que anno passado
Sete dentes quebrou d'uma donzella;

Hoje só, na dureza, comparado
Á conta, que paguei pela tabella,
Á missa logo fui, onde, decente,
Por moda já não ser, vi pouca gente.

Marchei d'alli á praia, onde reunidos
Sobre os altos rochedos, espantados,
Eu vi muitos janotas, conhecidos,
Entre mil papelões ajanotados;
Vi outros que, de todo escandecidos,
Ás aguas se lançavam, denodados;
Vi mais, muitos fidalgos, parvalheiras,
Pasmados para as *ondas bolideiras.*

E roubando o logar aos caranguejos,
Alli, na maré cheia, aposentados,
Eu vi, aproveitando os bons ensejos,
Mancebos, aos penedos agarrados;
E quantos nutririam vãos desejos,
De em caranguejos serem transformados,
P'ra n'agua irem aos pés do madamismo,
A dar larga expansão ao *lamechismo!*

De luzente verniz justo sapato,
Que ao mestre, em vez de lucro, deixou magoa;
Calcinhas, e vestidos d'apparato,
Que treme a terra ao vêl-os entrar n'agoa,
Ao banho vi correr, estupefacto,
Madamas que por casa andam d'anagoa;
Gostei de vêr assim tratar o Oceano,
Quem só vai visital-o d'anno em anno.

De calça de funil, com puxadeiras,
E lustrosos botins envernizados,
Pasmado vi sahirem das fileiras,
E entrarem para o banho, até frizados,
Vomitando—*em francez*—mil frioleiras,
Mancebos que eu suppunha ajuizados;
E tanta dôr os pobres me excitaram,
Como os paes, que p'r'aquillo os não crearam.

Rapazes vi tambem inda mamotas,
Na maneira d'andar fazendo ensaios;
Vi lacaios vestidos de janotas,
E janotas vestidos de lacaios;
Ouvi empavezados idiotas
Fallando, que par'ciam papagaios;
Só quando a arida praia achei vazia,
D'alli me dirigi á hospedaria.

Alli é que era mesmo um céo aberto!
Garrafas a esgotar, limpando pratos,
Causava gosto vêr, qual mais esperto,
Um tremendo esquadrão de litteratos;
Que, inda na juventude, são de certo
De Cicero immortal fieis retratos;
Que inexgotaveis fontes de sciencia!...
Que famosas torrentes de eloquencia!...

Um, n'um bello discurso, e não *com siso,*
A mais pensada lei faz em farrapos;
Lá pede outro a palavra, e d'improviso
Sete constituições desfaz em trapos;

Quer outro, que suppõe ter mais juizo,
Levar os governantes a sopapos!
Torna-se a discussão acalorada,
Põe-se tudo a fallar, ninguem diz nada!

Terminou-se o jantar, todos fumavam,
Eis que invadem a sala, de repente,
Uns tafues que, nos rostos, inculcavam
Serem lá do Alto Douro, e d'alta gente;
Mostrando, pelas fallas que soltavam,
Ter cada qual um rei por ascendente;
Vinham por uns ratões acompanhados,
Ao *monte,* sem ser feras, costumados...

Tomaram estes logo a presidencia,
E p'ra mais occultar subtis enganos,
Aos *nobres* logo off'recem convivencia
Com *damas, condes, reis* e até *sob'ranos*...
Semeando começam a *excellencia,*
Que os pobres pagam cara, mas ufanos...
Já que tão *côdeas* sois, oh parvalheiras,
Sem *miôlo* ficaes nas algibeiras!

Deixei, farto de Foz, a hospedaria,
Quando já, brandamente declinando,
O sol no horisonte se escondia,
E a noite se vinha aproximando;
Parei na Cantareira, ao fim do dia,
Co'os olhos no céo fitos, exclamando:
Que é isto, justo céo, que não te boles?
Que nem fazes da Foz um Rilha-folles?

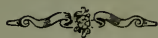
Alli no pasmatorio se descobre,
Esp'rando, a multidão dos passageiros,
Que o vapor os *vá pôr* na Porta Nobre;
Ri-se a gente do *tom,* dos cavalleiros
Que, sem que o aureo metal assaz lhe sóbre,
Fidalgos querem ser, e não caixeiros;
Em quanto que o patrão, lá na cidade,
Ficou de mãos erguidas na Trindade.

O *Duriense* [1] partiu; marchei, por terra,
Porque sou mui cobarde nos revezes,
E escuto como alguma gente berra,
Quando o *lindo* vapor, não poucas vezes,
Com pedras, agua e vento, em crua guerra,
Se põe a caçoar co'os portuguezes:
O passeio findei, bom de saude,
Se mal o descrevi, fiz o que pude.

Porto, 8 d'outubro de 1852.

[1] Pequeno barco, movido a vapor, que morreu de paixão por não poder audar tanto como um carroção puxado a bois.

CASAREI?

(AO MEU AMIGO SAMUEL CESAR DE CARVALHO)

Quando sósinho me vejo,
No meu quarto, a meditar,
Sem ter quem venha, sensivel,
Minhas mágoas adoçar,
Sinto na mente passar-me
O desejo de casar:
Depende d'isso o meu bem?
Pois casarei... mas com quem?

C'uma pequena galante,
D'estas que inspiram paixão?
Mas se, por conveniencia,
D'esposa me der a mão,
E quizer conservar livre
O voluvel coração?
Não a quero, que é p'rigoso,
E eu sou muito escrupuloso.

Irei casar c'uma feia,
Que p'ra ninguem tenha agrado?
Que, aborrecida por todos,
Me não infunda cuidado?
Fôra uma acertada escolha
P'ra quem é desconfiado;
Porém não... do todo seu
Ninguem gosta?—pois nem eu.

Buscarei moça que tenha
Com que eu possa figurar?
Mas... quem sabe se, querendo
Prohibir-me de gastar,
Me dirá, batendo o pé:
Se lhe custasse a ganhar!
Não quero, que anda depois
O carro adiante dos bois.

Casarei com mulher pobre,
Que seja honesta e formosa?
Póde ser... mas se do luxo
Se tornar ambiciosa,
E julgar que não é moda
O ser pobre e virtuosa?
Nada... nada... não acceito...
P'ra cego não tenho geito...

Escolherei uma velha,
Que me chame o seu menino?
Mas se ella se faz zelosa,
E tenta dar-me o ensino?

Estas velhas rabugentas
Fazem cada desatino!
Não... só se ella prometter
De em breve tempo morrer.

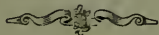
Talvez qne uma viuvinha
Fosse boa acquisição;
Porém temo que o defuncto
Lhe levasse o coração;
Nem ficam bem ao mancebo
Trastes em segunda mão:
Não quero, que ha-de tambem
Fallar sempre em quem Deus tem.

Não quero a moça galante,
Que talvez me julgue feio...
Feia, rica, pobre, ou velha,
Todas me infundem receio;
Tambem não quero a viuva,
Resta-me apenas um meio:
Como todas teem seu mau,
Comprarei uma de pau.

Valpedre, 17 de junho de 1851.

QUE MUNDO ESTE!

Oh mundo, já foste mundo,
Agora já o não és!
Oh mundo, que andas virado
Com a cabeça p'ra os pés!

(CANTIGA POPULAR).

Coitado de quem se obriga
Este mundo a descrever;
Por muito que d'elle diga,
Mais lhe fica por dizer;
Debalde irei dissertando,
O vicio atroz fulminando,
Nos homens, e nas mulheres,
Que é no deserto bradar;
Mas hoje tenho vagar:
Quem tem vagar faz colheres.

É certo que eu não queria
Aggravar chagas d'alguem;
Mas que importa, se hoje em dia
Não se respeita ninguem!

*

Não me teem, linguas damnadas,
Dado terriveis picadas,
Que ferem mais que uma adaga?
Teem... e devo então poupal-os?
Isso não... hei-de tozal-os:
Amor com amor se paga.

Se vejo um padre, janota,
Pela rua a namorar;
De verniz luzente bota,
Casaquinha a dar, a dar,
Não posso ficar calado;
Quem abraça tal estado,
Ė mister que se lhe acabe
O gôso que o mundo tem;
Se o ser padre sabe bem,
Caro custa o que bem sabe.

Mas se o trajo o denuncía,
Mais offende a sã moral,
Vêr no veo de hypocrisia
Envolto o genio do mal;
E quantos, infelizmente,
São o opposto, internamente,
Do que parecem ao longe!...
Se n'isto um pouco medito,
Dou o dito por não dito:
O habito não faz o monge.

Se contemplo um miserando,
Que faz um triste papel,
Os *partidos* bajulando,
Sendo a todos infiel,

Fico então desapontado;
Nem quero vêr empregado,
P'ra limpar-se da carepa,
Quem vivia entregue ao vicio:
Que aprenda qualquer officio,
Quem quer a bolota trepa.

Se vejo um commerciante,
Atropellando o dever,
Ser em tudo traficante,
Cuidar só d'enriquecer;
Os incautos enganando,
Em publico apresentando
Aspecto d'austero monge,
Tambem calado não fico;
Seja honrado, e será rico:
De vagar se vai ao longe.

É verdade que hoje o pobre,
O plebeu, não tem valor;
Seja o homem rico, e nobre,
O meio... seja qual fôr;
Como haja magnificencia,
Dinheiro, muita *excellencia,*
Muita, servil, barretada,
Que importa que o mundo falle?
Quem muito tem, muito vale,
Quem não tem não vale nada.

Se um homem aventureiro,
Sem talento ou instrucção,
Hoje vejo *cavalleiro,*
Amanhã *senhor barão:*

P'ra a semana *deputado,*
Logo *ministro d'estado,*
Sem ninguem saber porquê;
Com sentimento profundo,
Eu só digo — ah mundo, mundo!
Quem te viu e quem te vê!

Se vejo um velho, chibante,
Co'a Natura em guerra audaz,
Ella a curval-o p'ra diante,
Elle a vergar-se p'ra traz;
Julgo que esse estonteado
É o seculo passado
No presente a figurar,
E brado, soltando o riso:
Alto lá! tenha juiso!
Quem andou não tem p'ra andar!

Se vejo, abrindo caminho,
Em dias de procissão,
No descoberto carrinho,
Janota parlapatão;
Co'o suor correndo em fio,
Como quem por desafio
Longa corrida já trouxe,
Digo — tendo compaixão
Do cavallo e do patrão: —
Quem não tem pé não dá couce.

Se um litterato, *pimpolho,*
Ouço, fallando de si,
Sem deitar o rabo do olho,
A vêr se a gente se ri;

Achando graça aos seus ditos,
Notando nos seus escriptos
Estupenda erudição,
Não censuro o pobrezinho:
Antes digo — coitadinho!
Não tem mais na sua mão!

Se vejo um pobre pateta
Arvorado em redactor,
Julgar-se grande poeta,
Abalisado escriptor;
E, despresando dos velhos,
Prudentes, sabios conselhos,
Fazer figura nojenta;
Não entro com elle em briga,
Não... que temo que alguem diga:
Quem tem rabo não se assenta.

Se escuto um *scepticosinho,*
Dizendo que já não crê;
(Quando para o bigodinho
Só o lugar se lhe vê);
A fallar em desalentos,
Em amor, paixões, tormentos,
Com insolito desgarro,
Passo-lhe a mão pelo rosto,
E digo — forte desgosto!
Já a formiga tem catarro.

Se um janota vejo, pobre,
Como o rico a figurar,
E, com fumaças de nobre,
Pôr-se dos grandes a par;

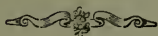
Buscando todos os dias
As luzidas companhias,
A gastar em desperdicios
O que tem e o que não tem,
Digo logo — não faz bem:
Quem é pobre não tem vicios.

Se uma bella dama vejo
Em bicos de pés a andar,
Outra não perdendo o ensejo
D'um — *v* — por — *b* — encaixar;
Uma velha de calcinhas,
Com as faces vermelhinhas,
Da côr que o droguista dá;
Exclamo, soltando o riso:
Se aos homens falta o juizo,
Cá e lá más fadas ha.

Mas uma voz que, isolada,
Queira o vicio combater,
Quando parar, fatigada,
Muito deixa por dizer;
Silencio, pois, Musa minha,
Que não pódes, por mesquinha,
Levar essa empreza ao cabo;
E se tentasses fazêl-o,
Talvez te fossem ao pêllo:
Aqui torce a porca o rabo.

Junho, 17 de 1852.

N'UM ALBUMSINHO

MUITO PEQUENINO, D'UM MEU AMIGUINHO, MUITO BAIXINHO

N'este albumsinho,
Pequerruchinho,
Um vatesinho
Que ha-de escrever?
Uns versosinhos,
Mui sentidinhos?
Uns amorsinhos?
Não póde ser.

Um cantosinho,
Mimosinho,
Ao liriosionho,
Não dá prazer;
Ao pradosinho,
Ao riosinho,
Ao jardimsinho,
Não póde ser.

Um louvorsinho
Ao donosinho
Do livrosinho,
Não vou tecer;
Da lisonjinha,
Sua almasinha,
Vaidosasinha,
Não póde ser.

Á damasinha,
Ao janotinha,
Satyrasinha,
Vai offender;
E as costasinhas
Expostasinhas
Ás coçasinhas,
Não póde ser.

Á Patriasinha,
Desditosinha,
Lamuriasinha,
Fará correr
Nas facesinhas,
Portuguezinhas,
Lagrimasinhas
Não póde ser.

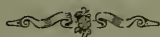
Vontadesinha
Tem, firmesinha,
A lyrasinha
D'obedecer;
Mas... tristezinha!
É pobresinha...
Pacienciasinha...
Não póde ser.

Portosinho.

18 $\frac{14}{10}$ 52.

A MINHA ELLA!

A minha linda amada como as outras,
Não junta á formosura a hypocrisia,
É linda como o sol, e ao mesmo tempo
Tão pura, tão celeste como elle;
Os raios que reflecte no meu peito
São raios, que uma nuvem não baceia,
Luzem no coração sem abrasal-o.

J. F. DE SERPA.

Eu já senti um desejo
Que a poesia me inspirou,
E deu-lhe entrada um bocejo
Que a poesia occasionou;
Li uns versos amorosos,
Tão *sentidos,* tão *mimosos,*
Que jámais vi cousa assim;
Era um vate, *ameno* e *brando,*
A sua *Ella* cantando,
Que era um *anjo,* um *cherubim*!

A *face pura* e *mimosa,*
D'*açucena* era rival;
Tinha os *labios côr de rosa,*
Ou não sei se de *coral;*
Tinha de *marfim* os *dentes,*
Tão *alvos,* tão *refulgentes,*
Que eram mesmo d'espantar!
Tinha um espirito agudo!
P'ra d'uma vez dizer tudo,
Era uma *Ella sem par!...*

Li outra poesia, *bella,*
Que inda mais me impressionou;
Era feita a uma — *Ella!*
O auctor não se assignou...
Essa, então, que era um *anjo,*
Um *seraphim,* um *archanjo,*
Tão formosa, que mais não!
N'alma e corpo era tão *linda,*
Que outra assim não vi ainda!
E tambem era *pernão.*

E fiquei, desde esse instante,
Dizendo cá para mim:
Tambem quero ser *amante,*
Tambem quero uma *Ella* assim:
Quero uma *joven* selecta,
Que d'est'*alma de poeta*
Entenda as *meigas canções;*
Quero em seus *olhos, formosos,*
Ir c'os meus, *tristes, chorosos,*
Receber *inspirações!...*

Eia ávante!... mãos á obra,
E o meu plano ha-de ir ao fim;
Como ha donzellas de sobra,
Ha-de haver uma p'ra mim!
Encontrei-a... e coisa fina!
Eis-me já, d'esquina a esquina,
Dia, e noite, a namorar;
Mas quando estava cahido,
Foi outro canto, *sentido,*
Que me veio levantar.

O que dizia esse *canto,*
Nem eu sei se o contarei;
Se fôra escripto com *pranto,*
Se com tinta... nem eu sei:
«És uma *ingrata!* És *perjura!*
«Pretendes na *sepultura*
«Vêr-me, lançado por ti!
«És mais dura que uma *rocha;*
«Apagaste-me uma tocha,
«Que, ao vêr-te, *n'alma* accendi!

«Estou *sceptico!... descreio*
«De tudo... mesmo do *amor;*
«Rasga-me um *punhal* o *seio,*
«Não posso com tanta *dôr!*
«Tu me déste do *ciume,*
«Em torrentes, o *azedume,*
«Que um *espectro* me tornou!»
Eis o *canto* arrebatado,
Que o pobre *vate, abrasado,*
Nos *fins da vida,* cantou!

Li tudo!..« fiquei absorto!...»
Depois, *triste,* meditei;
Se era *vivo,* se era *morto*
Longo tempo duvidei;
E, carpindo o *desgraçado*
Que assim fôra atraiçoado
Por uma *Ella sem par,*
Disse, olhando o quadro tetro:
Temo tambem ser *espectro,*
Já não quero namorar.

Não, que temo que uma *bella*
Intente zombar de mim;
Mas... serei *Elle* sem *Ella,*
D'esta vida até ao fim?...
Quando n'isto meditava,
E, sósinho, passeava,
Uma estranha apparição
Me tornou estupefacto,
Sem decidir-se se era facto
O que eu vi, se era *visão.*

Atravez d'um vidro claro
Vi um *anjo sem igual;*
De *candor* prodigio raro,
Uma *belleza ideal;*
Tinha a *face tão mimosa,*
Já se entende, como a *rosa;*
Tinha os *labios de carmim,*
E de *jaspe os niveos dentes,*
Que me mostrou, *reluzentes,*
Quando *sorria* p'ra mim.

Vejo-lhe abertos os braços,
Para unir-me ao *coração,*
Dirijo para *Ella* os passos,
Vou á loja do *Simão;*
Começo a comprimental-a,
Não responde uma só falla,
E eu julguei-lhe um peito mau;
Vê-me o caixeiro, zangado,
E me diz, muito espantado:
Essa menina é de pau!

E' de pau!... pois seja, embora,
A minha *Ella* ha-de ser;
Hei-de bemdizer a hora
Feliz, em que a pude vêr!
Será esta a minha *estrella!*
Hei-de sempre aos labios d'*Ella*
Ir beber *inspirações!*
Quebrarei o fado iroso,
Serei com *Ella ditoso,*
E tudo por seis tostões!...

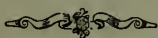
Agora sim, já não temo,
Victima d'uma *traição,*
Tanto *amor,* e tanto *extremo*
Um dia carpir em vão;
Dia e noite lhe deviso
Nos labios, *meigo sorriso,*
Nas *faces* a mesma *côr;*
E sempre abertos os braços,
Para prender-me nos laços
D'um *sincero e casto amor.*

Se um momento me entristeço,
Seu *riso* me consolou;
Se um dia não lhe appareço,
Nem com isso se agastou;
E se fallo, diante d'*Ella,*
Mui *terno,* com outra *bella,*
Nem assim perturba a paz!
D'*amor* podésse no *encanto,*
Como a d'*Ella,* durar tanto
Minha *existencia fallaz!*...

Agora não sou *descrente,*
Já não temo *espectro* ser;
Nem d'uma *paixão ardente*
Receio um dia *morrer;*
Tenho uma *Ella adorada,*
Elegante, e *delicada,*
Graças ao sabio esculptor;
Tem *face pura e mimosa,*
Tem os *labios côr de rosa,*
Graças tambem ao pintor!

Porto, 28 d'outubro de 1852.

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM

DO MEU AMIGO ANTONIO BERNARDO FERREIRA

Um album todo em branco! raridade!...
E todo ao meu dispôr!... oh que pechincha!...
Assim é que, em delirios de vaidade,
Um mesquinho *poeta* todo se incha!
Ao vêr d'alvo papel a immensidade
Já o meu coração cá dentro pincha!
Venha aqui, de joelhos, todo o mundo
O meu estro admirar, *sabio e profundo!*

Porém que hei-de escrever?—caro Ferreira—
Olha que vens metter-me em boa alhada!
Pretendes tu que a pagina primeira
Vá com meu nome, obscuro, ser manchada,
E p'ra cumprir missão tão lisongeira
Desejos tenho apenas—e mais nada!...
—Vou (lembrança feliz) seguir um norte:
A minha comparar co'a tua sorte.

Talvez porque a Fortuna, variante,
Para ti se voltou, leda e risonha,
E estendendo uma tromba d'elephante,
Tomando catadura atroz, medonha,
Além de me arrojar de si distante,
Até d'olhar p'ra mim teve vergonha,
Me creias, mais que tu, desventurado!
Oh triste!... como vives enganado!

Nasceste entre velludos e cambraias,
Eu em grossos lençoes d'aspero linho;
Mas, ai, que tu, mettido nas alfaias,
Se um gemido soltavas... coitadinho!
Lá vinham a gritar, trezentas aias:
Acudam, que lá chora o Antoninho!
E eu, se uma dòr tinha, ora... berrava,
Que toda a visinhança se espantava.

Na idade da instrucção, de mêdo cheio,
P'ra o collegio tu foste, e eu para a escóla;
Tu gosavas, nas horas de recreio,
Um pequeno descanço, por esmola,
Quando eu, no meu quintal, e sem receio,
Jogava c'os rapazes a cachola;
E nos annos da infancia, a liberdade,
Vale mais que as grandezas n'outra idade.

Depois, ao despontar da juventude,
Tu foste por um *Anjo* fascinado;
Mas lá vem do *capricho* o imperio rude
Teu peito suffocar, incendiado!

Venceste, porque adoras a virtude,
E amando com ardor, eras amado;
E eu, quando d'amor me torne escravo,
Caso-me, inda que seja c'o diabo!

Tu, hoje, sobre intrepido cavallo,
Pelas ruas passeias bem montado;
Porém pódes soffrer tremendo abalo,
E de costas cahir, no chão, deitado;
E eu, que ando só a pé, se tenho um callo,
Abrindo uma janella no calçado,
Lá vou decentemente passeando,
Em quanto tu na cama estás gritando.

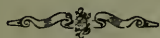
Tens coches, carruagens e carrinhas
Que tornam meio mundo estupefacto,
Mas se uma roda quebra, em maus caminhos,
Lá ficas estendido, como um pato;
E eu, inda que roto em bocadinhos
Torne, com muito andar, cada sapato,
Tiro o chapéo, fingindo que é promessa,
P'r'a missa vou pedindo, e a bolsa int'ressa.

Tens casas, por caseiros occupadas,
Que demandam de ti despeza insana;
Eu tenho-as, por botões só habitadas,
Sem decima pagar, que tanto damna;
Tens quintas, por heranças, ou compradas,
Eu, sem isso, tenho uma por semana;
Tens ouro, que te obriga a estar álerta,
Eu durmo, sem temer, co'a porta aberta!

*

Vê-te, pois, n'este quadro, e com franqueza
Dize se, mais que tu, não sou ditoso?
Se não ha-de a minha alma, á tua preza,
Sentir o teu estado *lastimoso?*...
Mas eu, que o vêr-te assim tanto me peza,
Que teu amigo sou, que sou bondoso,
Um bom conselho — *gratis* — quero dar-te:
— Dá-me o que tens — aprende a minha arte.

Porto, 3 de setembro de 1853.

O CARNAVAL

Que agradaveis illusões!
Que agitação eu diviso
No meio das multidões,
N'este dia, em que o juizo
Suspende as suas funcções!

Eu conheço-te! E' o dito
Que se ouve sahir do seio
Do *carêta,* em voz d'apito!
O bonito faz-se feio,
Torna-se o feio bonito!

Furando como uma agulha
Um, de *principe* fardado,
Lá corre, fazendo bulha,
Como quem diz, muito inchado:
Deixem passar, que sou *pulha.*

Ri-se d'elle o janotismo;
Mas lá surge outro, de *mouro*
Vestido, com brilhantismo!
Coitado, p'ra seu desdouro,
Esse é *pulha* entre o *pulhismo*.

Lá vem a *saloia bella*,
Em bicos de pés a andar;
Corre a canalha atraz d'ella,
Mostrando, a quem duvidar,
Que é lá da sucia a *donzella*.

Com sua casaca rica
Apparece um *lavrador*,
Cuja luva de pellica
Diz ao povo espectador,
Que não é nenhum *futrica*...

E cuida ter-nos logrado
Com cousas tão triviaes;
Porém... falla o desgraçado...
E' um parvo, que jámais
Se vira tão aceado.

Lá surge um *indio* a cavallo!
Correndo, qual mais ligeiro,
Os patuscos, a miral-o,
Decidem ser um caixeiro;
E quem póde duvidal-o?

Vem contente pôr-se em praça
Pastorinha, d'alvo collo,
Mostrando, pela chalaça,
Que já no *Salão d'Apollo*
Entrada teve de graça.

Nos theatros e nas salas
Onde se entra por dinheiro,
Vêem-se *mouras* e *zagalas,*
Dando o braço ao *cavalheiro,*
Trocando grosseiras fallas.

Ferve a chalaça indecente,
Indecente ferve a dança,
Que, enojando a séria gente,
De vez em quando descança,
P'ra surgir mais insolente.

O que p'ra gosar foi só,
Um padecente parece,
Mettido no *dominó;*
Ri-se quem o não conhece,
Quem o conhece tem dó.

E ha paesinho, apaixonado
D'estes folguedos insanos,
Que, em *cortezão* disfarçado,
Vai, c'o filho de seis annos,
Ao pé de si mascarado.

E no momento em que vai
Dizendo graças *sem graça,*
Se o menino diz—ai!... ai!...
Diz o povo:—Deus te faça
Menos tolo que teu pai.

Mesmo a donzella innocente
Paga, na funcção, caseira,
Ao *Entrudo* o contingente,
Vestida de *lavradeira,*
Com sua *figa* pendente.

Dança a *chula* e o *pésinho,*
A *canna verde,* a *chiquita,*
A *Constança* e o *Josézinho,*
Tão inspidas na *invicta,*
Quanto engraçadas no Minho.

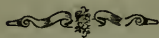
E, quando a mascara tira,
Deixa todo embasbacado
O parvo, a quem se encobria,
Que alli fôra, convidado,
Porque a chorar o pedira.

Vão as carêtas cahindo,
E, ás vezes, são tão medonhas
As caras que veem surgindo,
Que passa as horas tristonhas,
Quem antes se estava rindo.

Morre, *Entrudo!* E que conheças
Que ao senso não fazes guerra,
Sem que a muitos aborreças.
—Tão leve te seja a terra,
Como pozeste as cabeças.

E ao povo, louco ou sisudo,
Permitta-se um desafogo,
Nos paroxismos do—*Entrudo*—
Porque, se hoje é tudo fogo,
Ámanhã é *Cinza* tudo.

Porto, 8 de fevereiro de 1853.

OS MEUS DESEJOS

Se fôra aos humanos dado
Santas leis desattender,
Tomando, por seu agrado,
Nova vida, novo ser;
Zombar do poder da morte,
E, livres do extremo córte,
Ter eterna duração,
Mais do que eu ninguem gosára:
Ninguem mais longe levára
Os seus vôos d'ambição!

Quizera ser vento, e irado
Soprar do leste ou do sul,
E vendo apenas pousado
Um chapéo sobre um taful,
Envolvêl-o na poeira:
Em seguida, a cabelleira
Do janota desfazer;
E, se o tormento inda é pouco,
Fazêl-o andar, como um louco,
Traz do chapéo a correr.

Quizera ser sol um dia,
Mas dia de procissão,
Quando as damas, á porfia,
Ostentam seu brilho, em vão;
E vendo uma na janella,
Com face rosada e bella,
Que jámais lhe vira alguem,
Despedir ardente raio,
Da cara comer-lhe o caio,
Queimar-lhe a pelle tambem.

Quizera, inda mais, ser lua,
Ter no céo a habitação;
Que a nuvem, co'a sombra sua,
Offuscasse o meu clarão;
E quando dois namorados
Visse—horas mortas—filados
Um ao outro, a cochichar,
Surgir então limpa e clara,
Dar-lhes de chapa na cara,
E fazêl-os separar.

Quizera ser onda altiva,
Em cachão sempre a ferver,
E andar n'uma roda viva,
Ao mar e á terra a correr;
E vendo as damas na praia,
Mostrando as rendas da saia,
Por capricho, ou presumpção,
Vir com outras em cadeia
Espraiar-me pela areia,
Pregar com ellas no chão.

Ser fogo tambem quizera,
Que não apagasse alguem;
E quando no rosto ardera
D'um charuto de vintem,
Passar então fumegante
Para as barbas do fumante,
Que em chammas as visse arder:
Queimar-lhe a pelle macia,
P'ra que as barbas, algum dia,
Não podessem renascer.

Quizera ser da Saude
Delegado ou Guarda-mór,
E ao vêr na decrepitude
Um homem namorador,
Logo dál-o por suspeito;
E quando o pilhasse a geito
Prendêl-o, a bem ou a mal,
Dar-lhe nas mãos muito bolo,
Gritar: *Aqui d'El-rei!* — tolo —
Mandal-o para o Hospital.

Quizera ser um cortiço
Onde se fabríca o mel;
E quando achasse em derriço
Algum massador cruel,
Soltar d'abelhas um cento,
Picando-o a todo o momento,
Já por diante, já por traz,
Té que, em fuga, o *assassino*
Caminhasse ao seu destino,
Deixando a *victima* em paz.

Ser mosca um anno quizera,
De dia e noite voar,
E em casas que eu escolhera,
Sem pedir licença, entrar;
Ir poisar em certa gente,
Deixar-lhe o signal patente,
Em alguns, sem dó, morder;
Correr os cantos sem medo,
Devassar muito segredo,
Vil-o cá fóra dizer.

Quizera ser d'uma dama
Cãosinho d'estimação,
—Das que dão o filho á ama
E teem no regaço o cão;—
E quando a criança opprimida,
Nos braços da *mãe fingida,*
Soffrendo, soltasse um ai,
Dar na dama uma dentada,
E, fugindo, ao vêl-a irada,
Ir tambem morder no pae.

Quizera ser pulga, e o dente
Aguçado sempre ter;
Para—como certa gente—
D'alheio sangue viver;
D'algum parvo *litterato*
Encaixar-me n'um sapato,
Ir-lhe aos ouvidos por fim,
E massando-o sem clemencia,
Roubar-lhe tanto a paciencia,
Como elle m'a rouba a mim.

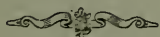
Ser cavallo até gostára,
(Sem d'isso me envergonhar)
E se montar-me tentára
Algum *novo titular,*
De repente dar um salto,
Despenhal-o de tão alto
Como jámais alguem viu;
Dar-lhe um couce bem puxado,
E deixal-o enlameado
Na terra d'onde sahiu.

Quizera ser forte espada,
De não torcer nem quebrar;
E ao vêr-me á cinta amarrada
D'um fanfarrão militar,
Fugir então da bainha,
E com toda a força minha,
Dar-lhe nas costas sem dôr;
Ter da falla o dom famoso,
E dizer-lhe: — «Se é medroso,
«Fuja, e seja lavrador!»

D'um moderno sapateiro
Sovela quizera ser;
E quando o visse altaneiro,
De pé, na gazeta a lêr;
Ou da mão largando a bota,
Com algum freguez idiota,
Em politica a fallar,
Dar um pulo bem depressa,
Pôr-me a pé sobre a tripeça,
Deixal-o depois sentar.

Mas a ideia, o pensamento,
De per si que força teem,
Se os desejos que alimento
Realisar não póde alguem?
Serei homem toda a vida,
Para mim aborrecida,
Sem jámais mudar de ser;
—Inda bem que é livre a imprensa!
Sandices que o homem pensa
Póde-as, affoito, dizer.

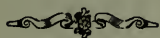
Porto, 18 de novembro de 1853.

SONETO

Se virem um mancebo, impertigado,
P'r'a sombra (havendo sol) olhando attento;
Chapéo, qual barco em agoa, ao som do vento,
De *macassar* em ondas levantado;

No pescoço lencinho avermelhado,
Quinzena d'alvo panno, ou pardacento;
Dous cannos de cotim, verde, ou cinzento,
Da cinta ao lindo bute envernisado;

Nos labios, negros já, sempre suspenso,
De putrido tabaco accêso rôlo,
Deixando após de si nojento incenso;

Suspeitem que lhe falta algum miôlo;
Porém se o nariz limpa a branco lenço,
Não ha que duvidar — então é tôlo.

A MULHER E A MODA

Ha um alvo que arrebata
O heroe que empunha a lyra!
Vendo-o — o valor se dilata —
Carrega o estro — atira —
Se não fere — morre — ou mata!

Mas se fere, causa dôres,
E d'ellas não fica salvo:
Se morre — morre d'amores;
Se mata — não mata o alvo,
Só mata os espectadores!

Mata-os, sim, bem que o não quer;
Mas os balotes, dispersos,
Correm onde o acaso der;
— Aos balotes chamam — *versos*,
Chama-se ao alvo — *mulher*.

*

Dispara, á carga cerrada,
Comparações mais de mil,
Qual d'ellas mais infundada:
Ás *nuvens*, ao *céo d'anil*,
Á *lua*, á *estrella doirada!*

Compara-a ao *cravo*, á *roseira*,
Á *açucena* e ao *martyrio*,
Á *violeta* e á *romeira*,
E, no accesso do delirio,
Á *banana* e á *bananeira!*

Aos *anjos!* altiva ideia,
Que, se perde por antiga,
Fulgura por não ser feia;
Seja, embora, a rapariga
Uma horrenda *centopeia!*

Á *fadas* e *feiticeiras*,
Á coisas mortas e vivas,
Fingidas e verdadeiras,
Agradaveis e nocivas,
— Total — dez mil frioleiras! —

Eu, que apenas sei rimar,
Qual sineiro de capella,
Na sinêta a badalar,
Á *moda* — e sómente a ella —
Posso a *mulher* comparar.

Quem hoje a negar se atreve
O poder que tem a *moda,*
Pilhando cabeça leve,
De fazêl-a andar á roda,
Sempre, sempre em giro breve?...

Tem a *mulher* força igual!
Que soprando um só momento
Á cabeça d'um mortal,
N'um giro de catavento
Gasta-lhe a mola real.

A *moda,* se um velho a adora,
Expõe-o no pelourinho
Das chufas, a toda a hora,
De bigode e chicotinho,
Ponta do lenço de fóra.

A *mulher,* se attende ás vezes
Janota que só lhe falla
Sobre a *invasão dos francezes,*
Recebe-o na sua sala
Como galã d'entremezes.

A *moda,* aos trastes usados
Faz a valia perder;
Mas tambem — annos passados —
Faz de novo reviver
Costumes já despresados.

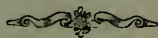
A *mulher,* por creancice,
Quer só mancebos formosos;
Mas, ás vezes, por perrice,
Faz tornar homens idosos,
Tristemente, á meninice!

A *moda,* por leviana,
Ao que lhe encontra prazer,
E de seguil-a se ufana,
Faz-lhe o credito perder,
Dar com a casa em *Pantana.*

A *mulher,* com modo arteiro,
Ao homem que, d'improviso,
Lhe vota amor verdadeiro,
Deixa-o, por fim, sem juizo,
Sem saude e sem dinheiro!

Ambas, por modos diversos,
Dominando a humana raça,
Teem seus vassallos dispersos—
—A mim só—e por desgraça—
Me obrigam a fazer versos.

Porto, 22 d'agosto de 1853.

TUDO ASSIM VAE!

Como é triste a primavera,
Quando, rispida e severa,
Adormenta a Natureza!
Quando as arvores, despidas,
E as plantas murchas, cahidas,
Infundem negra tristeza!

Lá no fundo do oceano
Canta o rouxinol, ufano,
Por commover corações;
E os peixes, entre os raminhos,
Adejando em tôrno aos ninhos,
Entoam lindas canções.

Passeia, alegre, o campino,
Bemdizendo o seu destino,
Por entre as ondas do mar,
E os navios, em descanço,
Da paz o dôce remanso
Gosam, em volta do lar.

Na terra o sol esfossando,
Vai comendo e vai roncando,
Co'o seu rabinho altaneiro;
E o porco, lá no horisonte,
Ostentando altiva fronte,
Illumina o mundo inteiro.

A juventude, enrugada,
Já encára a lousa alçada,
Da campa que a vae sumir;
E a velhice, rubicunda,
Passa uma vida jucunda,
Com esp'ranças no porvir.

Vem agora o fero estio!
Já tudo treme com frio,
Ruge forte o vento irado;
Sahe do leito o mar furioso,
Desce o raio impetuoso
Ao chão, de neve coalhado.

Por entre as nuvens sombrias,
O fulgor das melancias
Dissipa a negra borrasca;
Nos melanciaes virentes,
Das estrellas refulgentes
Se divisa a verde casca.

Nas agoas do rio iroso,
Navega o rato orgulhoso,
Com as velas enfunadas;
Em quanto que andam os barcos
Mettidos pelos buracos
Das casas arruinadas.

Os defunctos, a tremer,
Com desejo d'aquecer,
Buscam serviços activos;
Vão á caça, tocam, dançam,
E quando, lassos, descançam,
Rezam por alma dos vivos.

Vem surgindo o meigo outono,
E o cuidadoso colono
Principia a semear;
Erguem-se as plantas cahidas,
E as arvores, despidas,
Começam de rebentar.

Pelas moutas escondido
O caçador, perseguido,
Se vai d'hervas sustentando;
E o coelho, d'arma ás costas,
Vae, co'os cães, fazendo em postas
Quantos homens vae achando.

A jumenta colhe o vinho
Das ramadas, e do linho
Vae á noite á espadellada;
A aldeã anda pastando,
De vez em quando orneando,
Com a orelha levantada.

Anda o lavrador cantando,
De ramo em ramo saltando,
Co'o rabinho arrebitado;
O pisco trata da terra,
E vae buscar matto á serra,
P'ra fazer a cama ao gado.

Lá vem do inverno a brandura
Adoçar a temp'ratura;
Já nas manhãs aprazíveis
Se não vê o gêlo frio,
Que na primavera e estio
Causou estragos horríveis.

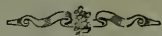
Já se vê o prado ameno,
E no céo, limpo e sereno,
O sol, a terra queimando;
Tornam-se os bosques sombrios,
Seccam-se as fontes e rios,
Vão-se os dias augmentando.

Nas sachas o lavrador,
Todo banhado em suor,
Chega á noite fatigado;
E depois, ao somno brando
Lá se entrega, descançando,
No bosque, á sombra deitado.

Já o gato, berrador,
Na rede do pescador
É, lá no rio, caçado;
E a saborosa lampreia
O seu amor patenteia,
Miando sobre o telhado.

Leitor, se não penetraste
O que lêste, e se julgaste
Aqui mysterio profundo,
Direi, p'ra desenganar-te,
Que só intento mostrar-te
Que anda ás avessas o mundo.

Valpedre — Novembro de 1851.

NO ALBUM D'UMA ARTISTA

A ideia que presidira
Ao ser este album formado,
Todo o mundo a traduzira: —
Vê-se que foi destinado
Ao pincel, e não á lyra.

Não sei, pois, a que vim cá,
Se em pintura eu sou tão cego!
Mas querem que eu pinte? — Vá —
Que ha-de ser? — eu não me nego —
O meu retrato? — Será. —

E se alguem me censurar
A ousadia — não pequena —
De ao pé do pintor, *pintar,*
Eu respondo: — pinto á penna,
É mais raro, hei-de agradar.

Mas para que me dilato?
Pois não será já bastante
Para exordio, o que relato?
Alto lá — Vamos adiante —
Comecemos o retrato:

Não sou alto — vejo a lua,
Mas preciso a fronte erguer;
Nem baixo — que pela rua
Ando affoito, sem romper
O nariz na pedra sua.

Não sou gordo — ando á vontade
Por toda a rua ou viella:
Nem magro — que pela grade
De qualquer porta ou janella,
Nunca entrei — valha a verdade.

Branco não sou — que de gêsso
Jámais alguem me julgou;
Nem preto — nenhum travêsso,
Por escarneo, me espirrou,
Nem *negreiro* me pôz preço.

Córado não sou — cereja
Ninguem se lembrou julgar-me:
Nem pallido — entro na egreja,
Sem que alguem queira enterrar-me,
Por crêr que um defuncto seja.

Não sou bonito — que as bellas
Não me tentam namorar:
Nem feio — que algumas d'ellas
Olham, sem arripiar,
Para mim, lá das janellas.

Não sou velho — que não vi
Em Lisboa o terremoto:
Nem novo — que já nasci
Antes de ter o teu voto
P'ra depôr um canto aqui.

Eis senhora, o meu retrato!
Sei que os fazes mais perfeitos,
Mas por isso me não mato;
— Póde um teu, sem ter defeitos,
Julgal-o alguem pouco exacto;

E n'esse caso se some
A fama do teu engenho!
E a minha não se consome,
Que um grande recurso tenho,
Pondo-lhe por baixo o nome.

21 de janeiro de 1854.

OS DUELLOS

(AO SNR. ALEXANDRE HERCULANO)

Se não fossem as leis, ha tantos annos,
Como a borracha, brandas e flexiveis;
E entregues ao arbitrio de maganos,
Aos gemidos dos réos sempre sensiveis,
Quer o sejam de crimes deshumanos,
Ou d'esforços de genio, quasi incriveis;
Se os *duellos,* emfim, fossem vedados,
Mil *heroes* morreriam affrontados!

Mas — graças dos governos á incuria —
Campêa qualquer parvo de *valente!*
Chamando a um gracejo atroz injuria,
P'ra laval-a faz rir a séria gente;
E, de mêdo a tremer, finge-se em furia,
O nome quer ganhar de combatente:
Mas não conheço um côxo, ou aleijado,
Que fosse n'um *duello* assim marcado!

Supponhamos que um *dandy,* um *cupidinho*
Vae o rasto seguindo á sua *Ella:* —
Um menino de collo, e bonitinho,
Que um dôce está papando, na janella,
Faz da casa cascata, e de mansinho
Um chafariz se torna, sem cautella...
E sôa no chapéo da nossa *joia,*
Estrondo, qual de chuva em clara-boia!...

Diz comsigo o *janota:* «Estou perdido!...
«Não me devo portar como um galucho.»
E as escadas galgando, enfurecido,
Lá vae pedir ao pae do pequerrucho
Cabal *explicação* do succedido,
Se uma bala não quer dentro do bucho!...
Já falla de pistolas e d'espadas,
E ri-se o auctor do insulto ás gargalhadas.

Se da casa o senhor é já pesado
E c'o joven não quer uma pendencia,
Pede, humilde, perdão, e socegado,
Do filhinho mostrando a innocencia,
Á familia apresenta o moço irado,
E lhe off'rece com ella a convivencia:
Já, pacato, o rapaz não quer vinganças,
E em polkas tudo acaba e contradanças!

Dêmos, porém, que, em vez d'homem sisudo,
É da creança o pae ratão de gosto,
Que o *valente* escutando, carrancudo,
Tremendo bofetão lhe manda ao rosto,

E a escada o faz transpôr, portal, e tudo,
Sem para o *desafio* o ter disposto!
Eis um caso horroroso, e formidavel,
No qual é um *duello* inevitavel!

De raiva em fogo ardendo o *cavalheiro,*
Corre a casa, inda cheio de vaidade,
Manda logo o chapéo ao chapelleiro,
Na face, onde apanhou, põe alvaiade,
Recorre, inda a tremer, ao seu tinteiro,
E d'este modo invoca uma amizade:
«Fulano! Se és o meu maior amigo,
«Vem cá! Da minha *honra* acode ao p'rigo!»

Lá vem o pobre amigo, esbaforido,
A causa quer saber de tanto alarde;
E, da razão do *heroe* já convencido,
Pela vingança vota, e que não tarde:
«Pois então parte já — diz o *offendido* —
«Um duello propôr ao vil covarde!
«Porém previne-o lá, que se conforte,
«Porque d'um, de nós dous, é certa a morte!»

Eis em marcha o *padrinho,* que, apressado,
Se dirige ao ratão, pae da creança,
Que o convite escutando, socegado,
Responde, a rir, que é justa essa vingança:
Do *combate* o lugar fica marcado,
Arma escolhida, e hora, sem mudança:
Satisfaz ás demais formalidades,
E rompem-se as crueis hostilidades!

*

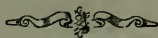
Chega, emfim, da *batalha* o duro instante!
De pistolas nas mãos os *combatentes,*
Um a rir-se da graça, outro arrogante,
C'os *padrinhos,* no campo estão presentes:
Dão fogo!... Eis que uma bala fulminante,
o mancebo, infeliz nos precedentes,
uatorze pêllos queima do bigode,
E o beiço, que jámais produzir póde!

Fazem-se os comprimentos, e em seguida
Põem-se os dous *campeões* em retirada;
Vae o triste rapaz curar a f'rida,
Com honra tanta, com valor ganhada,
E embora conte já na insana lida
A *molhadella* — o *tiro* — e a *bofetada* —
Brada, cheio de si, ao mundo inteiro:
«Assim é que se vinga um *cavalheiro!*»

Se eu podésse chegar a ser um dia
O director na *casa dos orates,*
Nenhum d'estes *heroes* lá chegaria,
Que entrada não tivesse, e sem debates:
Mas vós, que padeceis d'essa mania,
Não me chameis, por isso, a taes combates!
balde tomareis o caso a peito:
Declaro — alto e bom som — que não acceito!

Porto, 15 de dezembro de 1854.

NO ALBUM

DA EXC.ma SNR.a D. MARIA FELICIDADE DO COUTO BROWNE

Senhora, as minhas canções
Has-de tu ouvil-as? — não...
São ellas d'inspirações
Como São Sebastião
A respeito de calções.

Tu, cantora divinal,
Que pelo canto mavioso,
Fazes teu nome immortal;
Tu, que no sexo mimoso
Não tens no mundo rival;

Exiges uma canção
D'uma sanfona, sem graça,
Que só, d'um cego na mão,
Servíra, a tocar na praça,
P'ra fazer dançar um cão?

E que hei-de eu cantar?... amores?
Oh! não! que por esse lado,
Entre immensos dissabores,
Apenas tenho gosado
A amostra dos seus favores.

Do travêsso rapazelho,
Confesso-o, tenho receio;
Que, apesar de não ser velho,
Se as damas me chamam feio,
O mesmo me diz o espelho.

Hei-de, p'ra satisfazer-te,
O teu *mimoso presente*
Em versos agradecer-te?...
Isso não!... nem o consente
O receio d'offender-te.

O teu *Livro de Poesias,*
Onde tão sublime engenho
Derramou mil harmonias,
É um namoro que eu tenho,
Que vou vêr todos os dias.

É um thesouro, p'ra mim,
E se não posso esgotal-o,
Imitando-te, por fim,
Hei-de, ao menos, decoral-o;
Senhora, eu cá sou assim.

Pedir-te, n'um requ'rimento,
Que o teu segundo volume
Venha p'ara o meu aposento?
Não!... causára-te azedume...
Fôra grande atrevimento!

Demais... estou descançado,
Que elle, apenas venha ao mundo,
Ha-de ser logo mandado
Vir, como *filho segundo,*
Comprimentar o *morgado*...

Então que hei-de fazer eu?
Para que mais me aborreças,
Enviar-te um Album meu,
Pedir-te que m'o enriqueças,
Tendo-te estragado o teu?

Mas... perdão... foi sem querer
Que eu pedi com tanto excesso...
Conheço que é meu dever
Respeitar-te... já não peço...
Mas, emfim... se podér ser!...

Quando eu possa, ou tarde ou cedo,
Pagarei tantos favores
Em versos... porém segredo...
Ha por'hi certos *censores*
Que me infundem tanto medo!...

Fôra um desgosto, p'ara mim,
Vêr aos meus versos filado
Analphabeto *chinfrin,*
Censurando-os, debruçado
Na mesa d'um botequim;

Ou algum d'estes ratões
Que juntando, em cabedellas,
Tres *rolas,* quatro *condões,*
Cinco *rãas,* seis *filomelas,*
Sete *soes,* oito *trovões*;

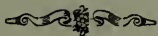
Cortando em partes iguaes
Esta trapalhada *fria,*
Sem temerem mil rivaes,
Lhe põem por cima — Poesia —
E mandam para os jornaes...

Lá d'esses, Deus me defenda!
Que, cortando sem piedade,
Se fazem alguma emenda,
Lá vae dos versos metade
Servir d'embrulho na tenda...

Mas o teu genio elevado,
Depois de tão longo ensaio
Ter na poesia aturado,
Não requer que um papagaio
Falle como um deputado.

Porto, 1 de junho de 1851.

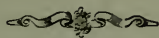
A UM ASPIRANTE A POETA

SONETO

Quiz um joven marchar, só por mania,
Das letras pela senda trabalhosa;
Diz-se vate — mas prenda tão famosa
Ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia,
Que logo (alçando a voz imperiosa)
Lhe brada a Natureza: *Arre p'r'a prosa!*
E o diabo inda a fugir para a poesia!

Vem Apollo, munido d'um chicote,
P'ra traz lhe dá nas ventas dous embates,
E diz, n'um tom severo, ao tal pichote:

Eu não dou protecção a bonifrates!
Se na Musa inda dás mais um pinote,
Encaixo-te na casa dos orates!

O HOMEM FELIZ

Não julguem pela apparencia,
Nem creiam quanto se diz;
Nem sempre o que tem carencia
É pobre; — nem é feliz
Quem recebe uma *excellencia*.

Só provém da natureza
A mais sólida ventura;
Porque d'herança a riqueza
Vae quasi sempre á loucura,
Á estupidez, á vileza.

Feliz só posso chamar
Ao homem que, sem ser mau,
Tem cara p'ra não córar;
Mas d'estanho — que de pau
Podem-lh'a ás vezes quebrar.

De *figurar* não se inhibe,
Nem teme que o bem se acabe;
— Sem que do luxo se prive,
Vae vivendo como sabe,
Sem saber-se como vive.

E julga ter mais valia
Se, buscando pôr de lado
A origem, que o deprimia,
Consegue vêr-se enxertado
No tronco da fidalguia.

Dos hoteis no de mais fama
Um quarto alluga, decente,
Onde tenha á noite cama: —
De dia, p'ra dar ao dente,
Tem traçado o seu programma.

Relações com que se ufana
Procura mais estreitar;
E, fingindo que se engana
Nas horas, lá vae jantar
Um dia cada semana.

Sete familias só tendo
Que em casa lhe dêem entrada,
Vae-se o *fidalgo* mantendo,
Sem despender a *mesada*
Que a muitos vae promettendo.

E longe de occultar onde
Tem a forçada ração,
De dizer já mais se esconde:
« Jantei c'o primo barão,
« Ceei com o tio visconde. »

Assignante eternamente
No theatro italiano,
Vem do camarote á frente,
Onde o dono, todo o anno,
Contra vontade, o consente.

E se vae pessoa rica
A familia visitar,
Como a politica indica,
Cede prompto o *seu* logar,
E á porta encostado fica.

Não soffre o pundonor seu,
Embora venha um mais crasso
Que, da grosseria reu,
Lhe lance a capa no braço,
Lhe pouse em cima o chapeu.

Conservando a posição,
Não julga ter-se abatido:
Que é grande compensação,
De *graça,* ter appar'cido
Ao pé d'um *conde* ou *barão.*

Tornando-se alvo do povo,
Gastando a mesma galhofa
Para o velho ou para o novo,
Serve aos pequenos de mofa,
Aos grandes serve de bôbo.

O alfaiate, o sapateiro,
O dono da hospedaria,
O ourives, o chapelleiro,
O conhecem — noite ou dia —
Do *môfo* pelo mau cheiro.

E se estes, no fim do mez,
Tornam as contas patentes,
Safa-se o homem, cortez,
Ralhando contra os parentes,
Que assim tardam d'esta vez.

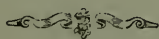
E aqui paga, acolá deve,
O *distincto cavalheiro,*
Tenha embora a bolsa leve,
Quando geme o mundo inteiro
Elle está sempre na neve.

Que importam linguas damnadas,
Ou perversos escriptores?
Suas queixas são baldadas;
Que um homem d'estes humores
Despresa taes caçoadas.

O commercio é para os pobres,
As artes para os plebeus;
Quem só tem ricos e nobres
Nos muitos amigos seus,
São-lhe escusados os cobres.

Vive enganado quem diz
Que o trabalho nos dá ganho,
Com proveito do paiz:—
Quem tiver cara d'estanho
É esse—*o homem feliz.*

Porto, 14 de março de 1854.

SÃO GOSTOS

Ha quem ame o tempo frio,
Amaldiçoando o calor;
Eu prefiro o mal do estio
Do aspero inverno ao favor;
Inda assim, de frio cheio,
Eu quizera o gosto alheio
Respeitar, mas tento-o em vão —
E sei bem que estes dous gostos,
Um ao outro, embora, oppostos,
Fundam-se ambos na razão.

Quem do quarto ao meio-dia
Já vestido e *quente* sáe,
E, em quanto o sol alumia,
Dar um passeio só vae;
Quem volta em meio da tarde
Á sala, onde o fogão arde,
E inda mais *arde* ao jantar;
Quem, depois, livre d'aragem,
Vae e vem na carruagem,
Não póde o inverno odiar.

A chuva, que me incommoda,
Não altera a opinião;
Que um rico, seguindo a moda,
É raro pôr pé no chão;
E se o põe, por desenfado,
De *gutta-percha* forrado,
Enxuto, caminha bem,
Sobre a lama navegando,
Como a boia que, boiando,
Á flôr d'agua se sostem.

Eu, que, apenas surge o dia,
Do leito deixo o calôr,
E se vejo a neve fria
Vou-lhe os pés em cima pôr;
Eu, que em manhãs de nebrina
Sinto a *brisa matutina*,
Que o nariz me vem gelar;
Eu, que á chuva o corpo offereço,
Porque da borracha o preço
Não me deixa emborrachar;

Que se a noite divertida
Passo em theatro ou funcção,
Contra mim tenho á sahida
Chuva, frio, escuridão;
Que só no impulso do vento,
Dos ferros ao movimento
Sei que existem lampeões,
E por baixo das biqueiras,
C'os pés cheios de frieiras,
Vou, gemendo, aos trambolhões;

Em lugar do frio inverno
Que me faz estremecer,
Quizera, em estio eterno,
Antes suar que tremer :
Ouvir das aves o canto,
Em quanto, em manhãs d'encanto,
O rico dorme, a suar;
E ter ainda outros gosos
Que aos ricos e preguiçosos
Não é dado avaliar.

Gosar da tarde a belleza,
Quando, em fogo abrasador,
O rico, sentado á mesa,
Maldiz, irado, o calor;
Sentir da noite a frescura
Que em vão o rico procura
No theatro ou baile onde está;
Divagar no prado ou monte,
E beber agua da fonte
Quando o rico toma chá.

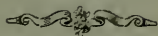
Condemnem-me, embora, o gosto,
Roguem pragas contra mim —
Que o inverno ao tempo exposto
Passo, do principio ao fim —
Os ricos, os ociosos,
E os poetas preguiçosos,
Que por não ter nunca o sol
Despontado á sua vista,
Comparam qualquer *corista,*
No canto, c'um rouxinol.

*

Mas concedam que ao estio
Consagre eu mais affeição,
Esses que o inverno frio
Dizem amar, com razão;
E se ao certo saber querem
Das estações que differem,
Qual mais offende os mortaes,
Perguntem ao cereeiro,
Ao armador e ao coveiro
Em qual d'ellas lucram mais.

Fevereiro 19 — 1855.

SYMPHONIA D'ABERTURA

(NA PRIMEIRA PAGINA D'UM ALBUM)

Um livro todo em branco!... Estou pasmado!
É possivel que assim tenha escapado
Ao metrico furor, tal quantidade
De mimoso papel!... Oh raridade!
Um Album, que, (sem n'isto haver offensa
Á gente de pensar, e á que não pensa)
É sempre um armazem de frioleiras,
De tristes, amorosas baboseiras,
De *zelos* — de *saudades* — *desesp'ranças,*
De *florinhas,* brinquedos de creanças,
Ha-de em branco ficar?!... Deus nos defenda!
E eu, mesmo, a quem tocou abrir a senda
Para os mais caminharem, vou mostrar-te
Que injustiça não é fallar d'est'arte:
Uma prova acharás de quanto hei dito,
No que vou escrever e tenho escripto.

Mas que esperas de mim?... Canção mimosa,
Á *candida cecem, à rubra rosa?*
Um canto em que appellide o audaz guerreiro
Heroe, entre os heroes heroe primeiro?
Que á minha dama, em verso campanudo,
Eu chame archanjo meu, *meu Deus, meu tudo?*
Nada d'isso...que a rosa é muda á off'renda,
E eu gósto de fallar com quem me entenda;
Com guerreiros, peor... não quero nada,
Que da polvora o cheiro não me agrada;
Das damas... infeliz!—já nada espero...
Nem uma tenho, só... nem mesmo a quero.
Já vês que uma canção não posso dar-te,
Á qual a gloria caiba d'agradar-te;
Nem promettêl-a posso, que receio
Principio dar-lhe só... deixal-a em meio:
E d'isto a causa ignoras, caro amigo?
Pois espera... vae lendo... eu já t'a digo:

Quando, ás vezes, em casa socegado
Me sinto pelas Musas inspirado,
Pela testa correndo a mão callosa,
Que a poesia chama, e enxota a prosa;
Disposto, já, a erguer altivo canto,
Que a *fosseis* e *burguezes* cause espanto;
Lançando olhar furtivo para as *Ellas*
Que tenho *vis-à-vis* pelas janellas;
Erguendo, após a vista ao firmamento,
Que poetas tem feito mais d'um cento;
Passeando a passos largos pela sala,
Co'a mente em fogo ardendo... alçando a falla
P'ra o mudo canapé, para as cadeiras,

Que mudas ficam sempre ás frioleiras
Sahidas pela bocca do poeta —
Que mil vezes tem horas de pateta —
E sinto abrir a porta de repente
Insulso massador, impertinente,
Que a dextra, com vigor, logo me aperta;
Já vejo que a massada, então, é certa.

Aos diabos dou logo essa amizade;
Mas como, pelas leis da sociedade,
Aos labios é mister chamar o riso
Para um amigo, tolo, ou de bom siso,
Eis-me já sobre a mesa recostado,
Resolvido a escutar o desalmado,
Que apenas tres palavras solta, insanas,
Faz um estro fugir, por tres semanas!

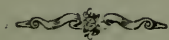
Eis que um discurso o mono principia,
Dizendo brandamente: — *Está mau dia!*
Ora diga-me: então que lhe parece
Este tempo?... P'r'as tardes arrefece...
E tão mal isto faz a toda a gente,
Que fará para mim, que sou doente?!...
Estou sentindo agora uns arripios...
E tenho, inda p'ra mais, os pés tão frios!...
E emquanto assim vomita baboseiras,
Linguagem de velhas falladeiras,
De novo me esvoaçava pela mente
Um verso, que eu supponho mui cadente;
Lanço os olhos ao chão, deixo-o fallando,
E vou as consoantes procurando
Para a triste canção — que o peito triste

Do vate, só á dôr assim resiste —
Mas, quando com a idéa me commovo,
De lá torna o lapuz: — *Qùe dá de novo?*
Tem visto ha poucos dias as gazetas?
Que trazem? Talvez nada... ou tudo petas!
Os taes periodiqueiros, hoje em dia,
Não valem trinta reis... esta mania
D'escreverem nas folhas só fedelhos,
Não tem graça nenhuma, cá p'ra os velhos;
Por mais que a procurar se a gente cance
Que encontra?... Quatro versos... um romance,
E outras cousas em que eu já não aprendo,
P'ra verdade fallar, nem as entendo...

E mais inda diria o horrendo mono,
Se d'elle não tomasse conta o somno;
E mais inda eu aqui talvez dissesse,
Se egual dóse de somno não tivesse.

Porto, 16 d'abril de 1852.

NO ALBUM

DO MEU AMIGO J. J. DE L. E COSTA

Na linda quadra da infancia
Foste meu sincero amigo;
Na juventude a constancia
Me tem ligado comtigo.

Se p'ra mim soar primeiro
A hora do passamento,
Serás meu — testamenteiro —
É este

O MEU TESTAMENTO

Em alva, fina cambraia,
Será meu corpo envolvido;
É bem que, por morte, saia
Da estopa em que tem dormido.

Em caixão de ferro duro
Será posto com cuidado;
Deixem-me os bichos, que aturo,
Ter lá somno socegado.

Quatro ricos, avarentos,
Irão levar o caixão,
Já que só pobres aos centos
Meus amigos aqui são.

E como sei que o dinheiro,
Lhes dá cá todos os bens,
Deixo aos quatro, e ao coveiro,
A cada um seis vintens.

N'esses ultimos instantes,
Quero que, até me enterrar,
Vão do Bardo os assignantes
Atraz de mim a chorar.

Pretendo ser sepultado
N'um cemiterio profundo;
Mas onde eu seja avisado
Do que vae cá pelo mundo.

Da campa na cabeceira
Devem negra lousa alçar,
Onde possa mão ligeira
Este epitaphio gravar:

« Aqui jaz quem riu do mundo,
« E de quem o mundo riu;
« Em vida carpia o mundo,
« Morrendo, o mundo o carpiu. »

Deixo a vergonha que eu tive
Aos *grandes*, p'ra repartir;
Quem na *grandeza* hoje vive,
Pouca deve possuir.

A roupa que velha seja,
Deixo-a dos novos barões
Ao primeiro que se veja,
Por ser tolo, sem calções.

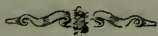
Deixo a nova aos que em pobreza
A vida passado teem;
Já que das mãos da *nobreza*
Não recebem um vintem.

Deixo aos vis aduladores
A minha lingua, mordaz,
P'ra que diga a alguns *senhores*,
Verdades, como hoje faz.

Deixo o meu juizo ás damas,
As minhas cinzas ao vento,
Os meus escriptos ás chammas,
Meu nome ao esquecimento.

E tu, d'amigo sincero
Se exijes o galardão,
Deixar-te mais nada quero:
— *Deixo-te o meu coração.*

Porto — Setembro de 1852.

CONVITE

Vem, oh Musa risonha, vem commigo,
Por esse mundo além, dar um passeio!
Quero, seguro, conversar comtigo
Sobre as miserias de que o mundo é cheio;
Verdades só dizendo, que ao abrigo
Fiquemos ambos de desforço alheio:
Bem sabes que, ao zurzir a turba ignara,
Quem cospe para o ar, cáe-lhe na cara.

Ao lyrico theatro ambos iremos —
E, se mais se desfructa á custa alheia,
Para o Parnaso *senha* pediremos,
De *lettras* fique embora a casa cheia:
Alli, occultamente, nos riremos
Da empreza, dos cantantes, da plateia...
A ti, sómente a ti, quero ao meu lado:
Antes só do que mal acompanhado.

Mas se ouvirmos alli nobres *borlistas,*
Que a Empreza, *generosa,* alto defendem,
Co'a *sabia* opposição jogando as cristas,
Em questões musicaes, que não entendem;
De pontudo aguilhão tu não desistas,
Quando vires, oh Musa, que se *entendem*...
Mas... silencio!... fallando não te esbarres!
Mais valle uma aguilhoada que dous arres.

Iremos aos cafés onde, famintos,
De boas distracções, moços bem novos,
Nos jogos *innocentes* perdem *pintos*
Sem que tenham gallinha a pôr-lhe *ovos;*
Gastando vinhos bons, brancos e tintos,
E fazendo pasmar sisudos povos,
Porque, passando em ocio a vida inteira,
Não teem eira nem ramo de figueira.

Com ricos paletots, fugindo ao frio,
Muitos d'esses veremos enfeitados,
Que dentro em pouco, sem que venha o estio,
Aos casaquinhos voltarão, coçados;
Porque os trastes, outr'ora d'alto brio,
Já d'uma adella á porta pendurados,
Parece a quem passar virem dizer:
Quem compra sem poder, vende sem querer.

E se virmos os paes que, trabalhando,
Assim deixam fugir a vida inteira,
Tantos filhos vadios sustentando,
Sem buscar-lhe no mundo uma carreira,

Dir-lhe-hemos que, em desleixo, estão cavando
A ruina para a idade derradeira;
Que o pae que tolhe o filho a si se tolhe:
Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.

Nos bailes entraremos, onde a paga
O nobre c'o plebeu põe em contacto;
Onde este, mui risonho, aquelle affaga,
Que na rua, se o vê, se finge abstracto;
E se virmos que em luxo o pobre estraga
O que tem, que só chega ao que é barato,
Dir-lhe-hemos que não folgue á rédea solta:
Quem adeante não olha, para traz volta.

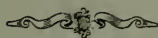
Aos templos, mesmo, iremos, com respeito,
Na hora em que de povo estão desertos;
E se virmos batendo alli no peito,
Ou co'a bôca no chão, braços abertos,
Algum, grande ratão, cá fóra affeito,
Sem consciencia, a enganar os mais espertos,
Não me desmintas, tu, se eu lhe disser:
Quando o diabo reza enganar quer.

Se a enumerar os nobres seus parentes
Ouvirmos algum louco enfatuado,
Um que o titulo herdou dos ascendentes,
Outro que tem milhões, e é muito honrado,
Em termos lhe diremos, mui decentes,
Que, se em todos fallar, tenha cuidado:
Que é rara a este adagio uma excepção:
Em longa geração, conde e ladrão.

E quando virmos que a missão tremenda
De a verdade espalhar, é já cumprida,
Sem que este mundo louco tenha emenda,
Voltaremos por fim á antiga vida;
Com tanto que a vingança que isto renda
Entre nós seja, oh Musa, repartida.
Acceito a parte minha — a tua acceita:
Quem boa cama faz, n'ella se deita.

Março 20 de 1855.

NO ALBUM

DA EXC.ma SNR.a D. CELESTINA CHARDONNAY

Folheando as lindas folhas
D'este Album, fiquei pasmado!
Não encontrei um poeta
Que não fosse desgraçado!

Chorei ao vêr a *descrença*
Arreigada em corações
De mancebos, que no mundo
Passam por grandes ratões...

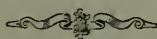
Será moda chorar sempre?
—Não quero a moda seguir:
Em quanto os poetas gemem,
Eu passo os dias a rir.

É moda descrêr de tudo?...
Tambem não quero descrêr:
— Creio em tudo quanto vejo
E em tudo o que ouço dizer:

Creio nos jornaes politicos,
Nos hymnos e nos vivorios;
Creio até nos almanachs,
Folhetins e reportorios;

Creio em homens e mulheres,
Creio em sabios e patetas,
Creio em vivos e defunctos,
Só não creio... nos poetas!

Janeiro 20 de 1853.

AO CARNAVAL

Louco Entrudo! Vae-te embora,
Que o teu prestigio acabou!
Foste grande — mas agora
O tempo tudo mudou!
Seguindo mais largo trilho
Vae, longe, ganhar o brilho
Que perdeste em Portugal!
Aqui venceu-te o — *Progresso* —
Que este povo traz oppresso
N'um perpetuo carnaval!

Foi-se o tempo em que enfeitado
Com as pennas do pavão,
Em teu dia, mascarado
Se via qualquer peão,
Que alheias roupas vestia,
E fidalgo se fingia
Illudindo os seus iguaes;
Isso, que então era engano,
Vê-se agora todo o anno...
Sem careta... inda p'ra mais!...

*

A plebe, então, que se via
Pelas ruas a rodar
Em ricos trens, pretendia
Por nobre gente passar;
As multidões, apinhadas,
Rindo, embora, ás gargalhadas,
Sabiam culto fingir:
Isso, que era então folguedo,
Hoje é sério; mas, sem medo,
Continúa o povo a rir!

Coberta a cara, escondida
Sob papel e verniz,
Sotaina larga e comprida,
Cangalhas sobre o nariz;
Os mancebos, á porfia,
Assoalhavam no teu dia
Os trages de seus avós!
Hoje — sempre, e sem careta,
Manda-os a moda, indiscreta,
Andar assim entre nós!

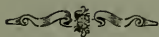
Feio, antigo penteado
Se via em tuas funcções: —
Hoje — o pêllo arripiado
Usam damas nos salões!
De longa cauda os vestidos,
Que ás velhas eram pedidos
Em teu dia, — usam tambem!
E entrou tanto a moda em brio,
Que nem me lembra o feitio
Que um pé de senhora tem!

Perdia então quem, por brinco,
Duas caras vinha expôr ; —
Hoje o que tem quatro ou cinco
Fazem-n'o commendador !
Então na rua, e nas salas,
Jámais do mascara ás fallas
Attenção se ia prestar !
Hoje esses, todos os dias,
Recebem mil cortezias,
Tem ouro para as pagar !

Louco Entrudo ! Vae-te embora,
Que o teu prestigio acabou !
Foste grande — mas agora
O tempo tudo mudou !
Seguindo mais largo trilho
Vae, longe, ganhar o brilho
Que perdeste em Portugal !
— Aqui venceu-te o — *Progresso* —
Que este povo traz oppresso
N'um perpetuo carnaval !

Fevereiro, 12 de 1855.

N'UM ALBUM

EM QUE SÓ HAVIA UMA POESIA E UMA PINTURA

«Bons dias, meu devotinho,
«—Á sua porta me tem—
«Favoreça o pobresinho
«Que a vez primeira aqui vem:

«Não se fie nos doirados
«Que vê na capa a brilhar;
«Nasci de paes abastados,
«Mas nasci p'ra mendigar:

«Correndo de porta em porta,
«Ando a vêr se alguem me dá;
«Mas vejo aqui—cara torta,
«Vejo *pobreza*—acolá:

«Dos que teem ricos thesouros,
«Menos que d'outros, colhi;
«Porque esses pretendem louros,
«Que não lhes nascem d'aqui...

« Trago embalde o sacco ás costas,
« Que ninguem de mim tem dó;
« Tenho immensas más respostas,
« Mas... esmolas... duas só!

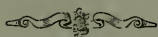
« Deu-me um poeta uma — rica —
« Deu-me outra — bella — um pintor;
« Deus lhes augmente o que fica,
« Que ambas ellas teem valor:

« Se póde, meu devotinho,
« Tenha dôr dos males meus;
« Dê-me... dê-me algum versinho,
« Será pelo amor de Deus.»

Pobre *Album*. Quanto se engana!
A que porta vem bater!...
O dono d'esta choupana
Mal o póde soccorrer:

Sou propenso á caridade,
Deu-me Deus bom coração;
Mas... tenho apenas vontade,
Tome lá... perdôe, irmão.

Porto, 26 de julho de 1854.

PRÉGAR NO DESERTO

Se eu fôra janota, com pouco dinheiro,
Com fumos de grande, com meu pergaminho,
Buscára um fidalgo, polido ou grosseiro,
E fôra, contente, seu manso cãosinho.
E em vez de vergonha
Só tendo paciencia,
De graça jantára,
Theatros gosára,
Chupára *excellencia*.

Se eu fôra escriptor, de saber conhecido,
Ninguem aos corruptos mais guerra accendera,
E os pobres e humildes zurzindo, atrevido,
Aos ricos, aos grandes, zumbaias fizera.
E embora os collegas
Me dessem massadas,
Tivera *presentes,*
Metaes reluzentes,
E mil barretadas.

Se eu fôra soldado, mas não destemido,
Seria em revoltas a entrar o primeiro;
E os meus juramentos havendo trahido,
E já capitão, general, conselheiro,
Barão, deputado,
Mais *graças* pedira;
E assim atrepando,
Riquezas juntando,
Dos outros me rira.

Se eu fôra um *labroste*, que, lá por Angola,
Vendendo irmãos meus, ajuntasse riquezas,
Viera na patria fingir-me carola,
E assim sepultára as antigas torpezas.
E tendo lacaios,
E um trem magestoso,
Palacios e alfaias,
Tivera zumbaias,
Vivêra ditoso.

Se eu fôra doutor, por empenhos formado,
Aos sabios collegas chamára pedantes;
E as ruas correndo, n'um burro montado,
Palavras soltando, das mais retumbantes;
Tornando incuravel
O mal d'um momento,
Visitas contando,
Mil vidas ceifando,
Ficára opulento.

Se eu fôra agiota, mettêra n'um sacco
Quanto ouro no mundo podésse juntar;
E ouvindo um mendigo a pedir-me um pataco,
Voltára-lhe as costas, deixára-o chorar;
E assim, miseravel
E vil farrapão,
Por gosto quizera
Viver como a féra,
Morrer como um cão.

Se eu fôra *Manel*, em visconde chrismado,
De pobres parentes nem mais me lembrára;
E, já da nobreza no tronco enxertado,
Até aos monarchas meus primos chamára;
E o pejo, a vergonha
De casa expulsando,
Á sombra das *graças*
Fizera trapaças,
Thesouros juntando.

Se eu fôra mancebo — com quem me dotasse
Casára — e seria da esposa vassallo;
E embora o pae d'ella de mim se informasse,
Como usa na feira quem compra um cavallo,
D'amor e virtude,
Constante zombando,
Vivêra contente,
Fingira ser gente,
De pé caminhando.

Se eu fôra empregado, mas bem protegido,
Com pouco trabalho, com grande ordenado,
P'ra todos, na rua, cortez e polido,
Seria um *kalifa,* na banca apoiado;
E entrando bem tarde,
Sahindo bem cedo,
Comêra e dormira,
Nunca sentira
Nem pejo nem medo.

Mas não sou janota — escriptor — ou soldado —
Labroste — doutor — nem agiota tambem;
Manel ou mancebo — nem mesmo empregado —
E então — longos braços quizera ter cem;
E em cada um sustendo
Bem grosso azorrague,
No mundo ir, voando,
Zurzindo, e bradando:
« Quem deve que pague! »

Porto — Janeiro — 1855.

A CAMPONEZA

Como és linda, oh camponeza,
Quando tão meiga sorris,
E os dentes mostras d'aljofar
Engastados em rubis!
Que lindos são teus cabellos,
Para mim prisões subtis!

Serei tudo quanto queira,
Sim, senhor, é como diz!

Não pódes crêr que te adoro,
Por vêr-me inda assim tão moço?
Por dizer-te quanto sinto,
E occultar eu já não posso?...
Não vês que olhar-te um momento
Me causa tanto alvoroço?

Vejo, vejo, bem te entendo...
'Stá gordo... tem cada osso!...

Não fica bem o motejo
N'essa bôca tão formosa!...
Nem um beijo me concedes
N'essa face côr de rosa?...
Dize que sim!... que te custa?...
Não sejas tão desdenhosa!...

Se lhe deixo dar-me um beijo?
Ai... deixo, que eu sou briosa!

Não deixas, não, que tu foges,
Zombar de mim só quizeste;
No teu «sim» tão gracioso
Outra ideia não tiveste;
Nem d'outro modo faltáras
Á palavra que me déste!...

Pois eu fiz-lhe essa promessa!...
Faria... pois não fizeste!

Não peço mais, que um amante
Enfastia quando abusa;
Mas eu sei que esse melindre
Nas aldeias ninguem usa:
Dizes-me como te chamas?
Para isto não ha recusa!

Inda não sabe o meu nome?
Pois olhe, chamo-me Escusa.

Já vejo que me despresas!
Não tens dôr de quem padece;
Mas o fogo que me escalda
Inda assim não arrefece;
P'ra ser por ti adorado
Dava tudo o que tivesse!

Ora vês tu!... que fortuna,
Pela tarde, me apparece!

Uma impressão tão ardente,
Meu peito jámais soffreu!
Não encontrarás no mundo
Um amor igual ao meu;
Vou dar-te um coração puro,
Aqui o tens... é só teu.

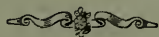
Ai... pois não, Marianninha!
Toma lá, que te dou eu!

Dize — eu amo-te! — isso basta
Para eu não ser desgraçado;
Vou abraçar-te e beijar-te,
Vou assentar-me a teu lado,
Jurar de ser teu esposo,
Oh meu anjo idolatrado!

Ai... sabe o senhor que mais!
Adeus... temos conversado.

E pódes, sendo tão bella,
Ser mais dura que um penedo?
Deixas-me triste chorando,
Á sombra d'este arvoredo?...
Foge, sim, que és muito joven...
Fallei-te d'amor tão cedo!...

Ai... não que o gato escaldado
Té d'agua fria tem medo!...

O OURO

Aureo metal! que mysterios
Encerra esse brilho teu?
Tem-se visto altos imperios
Curvarem-te o collo seu! —
Rival de todos os santos,
Os teus milagres são tantos
Que os homens fazem pasmar!
Tornas loucos os prudentes,
Dás sensatez aos dementes,
Pódes o mundo virar!

Mil parvos fazes doutores,
Honrosos premios lhes dás;
E na lide dos amores
Tornas um velho rapaz!
A moça feia, estouvada,
Por ti, bella e concertada,
Inspira aos homons paixão;
Nem já lhe falta um marido
Que, só por ti seduzido,
Queira dar-lhe o coração!

Protector do negro crime,
Dando ao perverso o trophéo,
Torces a lei como um vime,
D'um juiz fazes um réo!
Concedes ao criminoso
Que alegre viva, e ditoso
D'este mundo gose o bem;
Dás-lhe homenagens e preitos,
E a seus pés dobras, sujeitos,
Os que virtude só teem!

Da aldeia mais desgraçada
Vaes tirar o mais peão,
Dás-lhe camisa lavada.
E fazes d'elle um barão!
Ás sandices que vomita,
Dando uma graça infinita,
Dás-lhe elegancia e poder;
Suppres-lhe o engenho e juizo,
Em tudo o tornas preciso,
Dás-lhe a virtude e o saber!

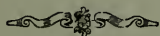
Transformas um mau soldado,
Dentro em pouco, em marechal;
De valente e denodado
Lhe dás fama sem igual!
De *fitas* lhe enches o peito
E a tributar-lhe o preito
Obrigas quem tem valor;
Dás-lhe grandezas e gloria,
Seu nome levas á historia,
Seus filhos ao esplendor!

Das *más linguas* e dos prélos
Abafar sabes a voz;
Somes autos e libellos,
Escondes o crime atroz:
Ao illicito negocio
Conduzes os que, no ocio,
Pretendem gosar-te em paz;
E do receio os socegas,
Porque, por teu brilho cegas
A vista mais perspicaz...

Mettes em coches dourados,
Com grandeza, a deslumbrar,
Muitos que só, enfeitados,
Podiam na taboa andar!
Léval-os ao baile e á festa,
Onde cada falla attesta
Sua ignobil condição;
Onde ás vezes são servidos
Por homens bem mais polidos,
De mais fina educação!

Ao que é mau dás sempre geito,
Ao que o tem vaes-lh'o tirar;
Fazes do torto direito,
Sem ninguem te guerrear!
Do direito fazes torto,
E ás vezes dás falla ao morto,
P'ra te ser inda fiel! —
De ti, só eu tenho queixas!
Foges-me — bem que me deixas
A penna, a tinta e o papel!

Porto — Janeiro 10 — 1855.

*

A AMBIÇÃO

A ambição enche a cabeça e cerra o coração.
(R. DE BASTOS).

Odiosa ambição, mãe da torpeza,
D'immensos crimes principal motora!
Aos fracos mostras, com fallaz belleza,
D'aureo porvir a imagem seductora,
Conduzindo-os á posse da grandeza,
Da infamia pela estrada aterradora;
E, tendo em todo o mundo quem te siga,
Da honra e da moral és inimiga!

Quantos, nascidos d'ascendencia pura,
Teem seguido, por ti, vereda errada,
Porque da vida na estação futura,
A riqueza lhe apontas, desejada!
Então debalde a educação procura
Na lucta contra ti vencer-te, ousada;
Que d'alma uma só vez por ti vencida
A virtude se ausenta espavorida!

Vens de longe mostrar, por zombaria,
A muitos que de ter brios se ufanam,
Lindas *fitas* de côr, já sem valia,
Com que lã, nos sertões, *negros* se enganam;
Tambem *negros* lhes mostras — que hoje em dia,
D'esse trato immoral *fitas* dimanam —
E consegues, em fim, com taes chimeras,
Os homens transformar em rudes feras!

No templo vaes unir gentil donzella
Ao velho, que passára a juventude
Sem achar sobre a terra mulher bella,
A quem pagasse amor com trato rude,
E se compraz ao vêr encantos n'ella,
Que o ouro préza mais do que a virtude;
Porque, do teu poder já dominada,
Ao luxo aspira só, não quer mais nada!

Ao mancebo que os dotes do talento
Ditoso recebeu da natureza,
Um porvir lhe promettes opulento,
Sobre o throno radiante da grandeza;
Conduzindo-o a tomar alli assento
Pela escada espinhosa da vileza,
Onde em cada degrau que vae transpondo
Um sentimento nobre vae depondo!

Ao nefando lugar onde, em *recreio,*
Se jogam cabedaes, se perdem brios,
O moço incauto vae, d'esp'rança cheio,
Sem que o mundo contemple os seus desvios;

Mas, deixando o que é seu, perdendo o alheio,
Lá corre a commetter mais desvarios!
Deixa o credito alli, persegue-o a sorte,
E tudo porque, audaz, seguiu teu norte!

O homem sem moral a ti curvado,
Lá vae, com fim sinistro, uma pendencia
Levar aos tribunaes, tentando ousado
Comprar co'a honra alheia a independencia...
Perante a lei vacilla o magistrado,
Mas, ao dominio teu, cede a consciencia,
E, ao passo que o infeliz, lesado, opprimes,
Dás origem a dous, bem negros crimes!

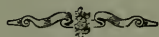
Aquelle que vê cheio o seu thesouro,
Vasio o peito, já, de sentimentos,
Tu lhe fazes comprar a pêso d'ouro,
Fallazes distincções, vis ornamentos,
Porque ser inferior julga desdouro
Aos que nobres já são, sendo opulentos;
E, assim subindo a imaginarios mundos,
De dia em dia vê descendo os fundos!

O que humilde logar na sociedade
Grangear póde só, — por ti vencido,
Presando o ouro mais que a dignidade, —
A honrosa profissão deixa, illudido;
Mas, sujeito da sorte á variedade,
Se hoje sobe, ámanhã vê-se abatido,
E perde o que á vaidade só convinha,
P'ra nunca mais voltar ao que antes tinha!

O que pobre nasceu, e a juventude
Passou sem cultivar a intelligencia,
Submisso ás puras leis da sã virtude,
Deseja, por sentir tua influencia,
Deixar a vida humilde e o trato rude,
Chegar á desejada independencia;
Mas, sem valor, inculto, o desditoso
Torna-se, em fim, por ti, um criminoso!

És tu, negra ambição, a causadora
Dos males d'esta vida transitoria,
Que tu pintas risonha e seductora
Aos que inda te não crêem falsa, illusoria!
Teriam mais valor, se assim não fôra,
A virtude, o amor, a honra, a gloria!
Mas, desde que nasceu o homem primeiro,
Imperas, sem rival, no mundo inteiro!

Porto — Março 6 — 1855.

A MEDICINA

Quando no Eden viviam
Adão e Eva, sómente,
E boticas não haviam,
E, embora houvesse um doente,
Medicos não existiam;

Adão e a companheira
Tinham bem ditosa sorte;
Mas a mulher fez asneira,
E por isso veio a Morte
Dominar a terra inteira.

Ia a familia crescendo,
A Morte ia-o dizimando;
E o braço cançado tendo,
Viu que podia, casando,
Ir seu poder estendendo.

E, unida c'um mariola,
O seu empenho remata!
Cheia de sciencia a bola,
Se a esposa dizia: — *mata!*
Elle gritava: — *degolla!*

E d'ambição dominado,
P'ra ganhar nome, sómente,
Fez-se o medico um malvado:
Quando o chamasse um doente,
Era em seguida enterrado!

E negando á caridade
O culto que lhe é devido,
P'ra augmentar a mortandade,
Fez quantos filhos tem tido
Algozes da humanidade!

Desde então os armadores
Tornaram-se homens possantes!
De mãos dadas c'os doutores,
São elles os imperantes
No mundo, que geme em dôres!

Quem ao boticario imputa
Parte do crime — não pensa! —
Eu ponho-o fóra da lucta —
O doutor lavra a sentença,
O boticario executa.

E, para que o dote valha,
Um compõe systema novo,
E contra os antigos ralha —
E se mais o adora o povo,
Mais o armador trabalha.

De sciencia a bola pejada,
Homœopatha ou allopatha
Teem a nossa vida em nada;
Que por fim todos teem — *pata* —
Quem tem *pata* dá patada.

Pelo *Raspail* encantado,
Chupando camphora immensa,
Um julga ter escapado;
Por fim é, quando o não pensa,
Um defuncto camphorado!

Outro a ventosa e a sangria
Soffre, sem que o golpe tema:
Nem se lembra que hoje em dia
É cada novo systema
Uma nova epidemia!

Um quer *Hanheman*, sósinho!
D'allopathia aos rigores
Tem medo... mas... coitadinho!
Vae soffrendo as mesmas dôres,
Morre mais devagarinho!

Embora, vendo exaltado
Um doutor, pelas gazetas,
Fique o povo embasbacado!
Quem quizer coma taes petas...
Eu... fico mais despeitado...

« Foi curado o *sôr Fulano,*
« Graças á homœopathia,
« Pelo medico *Beltrano,*
« D'uma forte dysent'ria
« Que soffria ha mais d'um anno! »

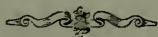
« O *barão de Pamporrilhas*
« Sarou — c'o systema antigo —
« D'uma indigestão d'ervilhas!
« — Parabens ao *nosso amigo,*
« Á *barôa* e suas filhas! »

— Difficil operação! —
« Foi felizmente operado
« O nosso amigo *Fuão!* —
« — Seja o facto registrado,
« Do grande cirurgião! »

Medicina!... coisa minha
Espero em Deus que não tolhas,
Porque a razão me encaminha —
E os elogios das folhas
Sei quanto custam por linha.

Lamento, com dó profundo,
Vêr sobre alguns vossos actos,
Esquecimento tão fundo —
Por não virem, com taes factos,
Gazetas do outro mundo...

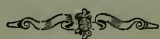
Guardae a vossa esperteza!
O que a experiencia me ensina,
Tem mais força e mais clareza:
« — Manda á fava a medicina,
Deixa obrar a natureza! »

SONETO

Curioso estrangeiro aqui chegado,
Pelas ruas corria, esbaforido,
C'um oculo d'alcance, o mais comprido,
Constantemente aos olhos applicado;

E, sendo por alguem interrogado,
Contra os jornaes bradava, enfurecido,
O tempo lamentando, aqui perdido,
Por ter em taes papeis acreditado!

Depois d'exame longe e o mais profundo,
Da praça até ao bêco mais nojento,
Foi-se o homem, do Porto, furibundo!

E julgaes que era louco o seu intento?
Que ambicionava coisas do outro mundo?
Pois buscava ao *Garrett* o monumento!

EU NÃO!

Creiam outros fallaz apparencia,
Creiam fallas e escriptos, em vão;
Creiam quanto diffunde a sciencia,
Creiam tudo, sinceros.—Eu não.

Se um poeta disser em seus cantos
Que o devora cruenta paixão;
Se fallar em tristezas, em prantos,
Podem crêr em seus males.—Eu não.

Se em artigo de negro tarjado,
Sem um nome que abone a asserção,
Se exaltarem acções d'um finado,
Quem podér creia n'ellas.—Eu não.

Quando virem que em simples escripto
Não vem linha sem vir citação,
D'esse auctor, que se inculca erudito,
Do saber pasmem todos.—Eu não.

Se um cantor nos fallar, muito ufano,
Dos applausos que teve em Milão;
D'escripturas que tem para o anno,
Ouaçm-n'o outros mui sérios. — Eu não.

E se diz que bem triste se ausenta,
E protesta immortal gratidão,
Quem julgar que elle não representa,
Póde crêr nos protestos. — Eu não.

Se estiver de joelhos na egreja
Um agiota a affectar devoção,
Quem suppõe que sincera ella seja
Tenha co'elle negocios. — Eu não.

Se um doutor massacrar um doente,
A explicar da molestia a razão,
Creiam outros que diz o que sente,
Ou devassa mysterios. — Eu não.

Se encontrar algum padre podérem
C'os *sobrinhos* fazendo oração,
Vão por ahi perguntar se quizerem,
Quem é o pae dos meninos. — Eu não.

Se andar sempre algum rabula esperto
A correr, e com autos na mão,
Creiam outros que é pobre, e que é certo
O triumpho das causas. — Eu não.

Se correrem copiosas vagadas
Pelas faces de gordo escrivão,
De pesar por alguem dimanadas,
Quem quizer póde crêl-as. — Eu não.

Se algum rico em demandas se cança,
Como quem busca alli distracção,
Creiam outros que ficam da herança
Seus parentes felizes. — Eu não.

Se jurar escriptor afamado
Velar só pelo bem da nação,
Quem do mundo viver separado
Creia em seus juramentos. — Eu não.

Se uma velha que toda se enfeita
Virem séria, de contas na mão,
Vão dizer-lhe, p'ra vêr se inda acceita,
Amorosos gracejos. — Eu não.

Se uma viuva, que herdou do marido,
Mil protestos ouvir d'affeição,
Creia, embora, o namoro attrahido
Pelos seus lindos olhos. — Eu não.

E se o joven disser que a belleza
Lhe inspirára uma ardente paixão,
Vão á viuva tirar a riqueza,
E depois... vão ás bodas. — Eu não.

*

Quando um velho, cançado, appareça,
Que inda tenha ao amor pretenção,
Podem outros abrir-lhe a cabeça,
A vêr se acham miolos. — Eu não.

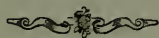
Quando um joven, sem fundo e sem tino,
Se metter em profunda questão,
Tente alguem, que se julgue mais fino,
Ir contar-lhe as sandices. — Eu não.

Quem tiver a coragem bastante
Para, ao perto, escutar o canhão,
Quando vir o pendão tremulante
Seja heroe — côrra ás armas! — Eu não.

E o leitor que tiver a bondade
D'aturar tantas rimas em *ão*,
Tenha, ao lêl-as, commigo piedade,
Diga, até, que lhe agradam. — Eu não.

29 de março — 1855.

POESIAS INEDITAS

Á MUSA

Foge, foge, ingrata Musa,
Que a perder me tens lançado,
Fazendo com que eu traduza
Em chôcho palavriado
O que ensinas, e se escusa!

Por tua causa, indiscreta,
Reformar o mundo, torto,
Pretende o louco poeta;
Mas, se a fome o não tem morto,
Morre cançado o pateta!

De males que não teem cura
Pretendes ser curandeira?
Destruir a vã loucura,
Que é dos homens companheira
Em quanto que a vida dura?

Baldado intento, fatal,
Que ha-de encher, em resultado,
De poetas o hospital,
Sem ter a terra livrado
Da molestia universal!

Bradando ser cousa feia
Os maus andarem dispersos,
D'extinguil-os tens a ideia?
E tentas vencer, com versos,
O que não vence a cadeia?

Com a politica em briga,
Proclamas a independencia,
Sem que o bom senso te diga
Que está calada a consciencia,
Em quanto falla a barriga?

Não sabes que é infeliz
Quem abraça uma bandeira?
Que o bom caçador, se quiz
Seguir direita a carreira
Nunca matou codorniz?

Que n'uma mesa, tambem
É grato o vario sabôr?
E não agrada a ninguem
Vêr que, tendo uma só *côr,*
Uma comida só tem?

Queres, em laço sagrado,
Vêr á honra o genio unido?
Não vês que, se teem casado,
Ou foge aquella ao marido,
Ou morre este esfomeado?

Mandas que seja a existencia
Nos estudos consummida?
Não sabes que é imprudencia
Nas letras gastar a vida,
Vendo as *tretas* na opulencia?

Pretendes que o sabio intente,
Ao seu paiz dando lustre,
Vêr do peito a *cruz* pendente?
Que — subindo — a gente illustre
Desça, a par d'infima gente?...

Não vês que, apesar de fraca,
A honestidade inda córa,
Se nodoas alguem lhe assaca,
E se julga a *cruz*, agora,
Uma nodoa na casaca?

Dizes que ha-de, p'ra ser pura,
Ser modesta a caridade?
D'exigir tens a loucura,
Que domine a sã verdade,
No reinado da impostura?

Fulminando o que, atilado,
D'essa virtude faz gala,
Sustentas que anda em peccado?
Que a vaidade ás vezes falla,
Sendo o coração calado?

Não julgas ser com razão
Que da má fama se exime
Quem se entrega á devoção?
Nem sabes que todo o crime
Precisa d'expiação?

Que a nota d'antigos dias
Empana o brilho indeciso
Das actuaes fidalguias,
E que trocar é preciso
Os odios por sympathias?

Dão-te os janotas cuidado,
Porque ha muito á moda tendo
O juizo hypothecado,
Vão entre molas soffrendo
O narizinho apertado?

Nem perdôas, rabugenta,
Á — que em si vale tão pouco —
Luneta, que o luxo augmenta?
Dizes que é, por força, louco,
Quem cego fingir-se tenta?

Nem temes que o vagabundo
Que por janota só passa,
Seja um pensador profundo,
Que atravez d'uma vidraça
Ande a espreitar este mundo?

Ralhando do penteado
Das damas, por zombaria
Tens á cabeça chamado
Propriedade inda vasia
Com pinturas no telhado?

Appellidas *guarda-cama*
O enfeite, de côr-garrida,
Que traz na nuca uma dama?
E travesseiro a torcida
Onde o cabello se acama?

Sustentas que o chapellinho,
No tamanho casca d'ovo,
Nas fórmas fingindo um ninho,
Parece batoque novo
Em casco que não tem vinho?

E fazendo que eu deprima
Os vestidos transparentes,
Dizes que as damas d'estima
Andam na rua indecentes,
D'anagoa, com véo por cima?

Cheia de más intenções,
Dás-me sempre, e sem que tremas,
Perversas inspirações?
E exiges, sobre taes themas,
Que eu toque variações?

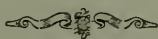
Lá no Parnaso sentada,
Dás o *alamiré,* sem tino,
Ficas depois descançada?
Não vês que, se desafino,
Posso levar pateada?

Não vês que, por mais que eu cante,
Nos tons que dás escolhidos,
Seja alegro, ou seja andante,
Offendo certos ouvidos
Com minha voz dissonante?

Não vês que o publico, vario
Em juizos e em favores,
Á razão sempre contrario,
Dá paulada nos cantores,
E comprimenta o empresario?

Vae-te, vae-te, oh Musa audaz,
Guarda o teu genio fecundo,
Toma um conselho efficaz:
Deixa em paz o louco mundo,
Deixa-me viver em paz!

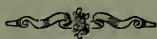
SONETO

A UM RICO, MAS ASQUEROSO VELHO, POR APPELLIDO O «JANEIRO»
QUE PRETENDIA CASAR COM UMA INTERESSANTE JOVEN

Tu não tens um espelho — desgraçado —
Onde possas ir lêr os desenganos?
Não sabes que, vergado á força d'annos,
No teu proprio nariz tens tropeçado?

N'esse teu chapelorio homisiado,
Em velludo envolvido, e finos pannos,
Que vales, se não fazem taes enganos
Ao presente voltar o que é passado?

E pretendes casar c'uma belleza?
Não vês que se uma joven te quizera
Só a mira levára na riqueza?

Vae nas contas resar, e considera
Que fôra grande insulto á natureza
Ajuntar-se o Janeiro á *Primavera!*

EPISTOLA

N'este humilde recinto, onde, sósinho,
Vou a vida arrastando, lentamente,
Sem o ruido augmentar do grande mundo,
Onde vulto não faz o desgraçado
Que visconde não é, nem conselheiro;
Onde só o plebeu póde á nobreza
Affouto ir-se juntar, se, em trem faustoso,
Cercado de galões, vae, opulento,
Porque a sorte lhe dera o véo espêsso
Que nas minas, sem fim, da California,
Tecêra, mysteriosa, a Natureza,
Para encobrir aos olhos do Universo
A infamia, a estupidez, o vicio, o crime;
N'este canto, escondido, onde só canto
Como canta no monte o pobre grillo,
Sem comtudo temer os caçadores
A que o triste bichinho está sujeito,
Porque a *palha* não vem gastar comnigo,

Que lá da escura cova o desaloja,
Esses a quem ferir meu canto possa,
Que p'ra sustento seu d'ella precisam;
Aqui, na escuridão onde, só, vivo,
Pretendes tu que eu saiba o movimento
D'esta machina immensa, e complicada,
Que o Eterno formou só em seis dias,
E ninguem compr'endeu, ha tantos annos;
E exiges, na soidão em que és ditoso,
Que eu seja para ti gazeta monstro,
Que noticias te dê, de toda a parte?
Não sabes que os jornaes noticiosos,
Que tantos aqui são como as formigas,
Mais do que ellas, talvez, unidos vivem,
E aquillo que diz um todos o contam;
Que ás vezes nos dá um, por cousa nova,
O que outro, ha quinze dias, já contára?
Apenas da immortal cidade, *antiga,*
Muito nobre, leal, e sempre invicta,
Dizer-te posso aqui tristes verdades:
O Porto é terra livre, e livre a ponto
Que aos reis de Portugal já se não curva!
A *rainha Victoria,* d'Inglaterra,
Essa estende até cá os seus dominios,
E feliz ella fôra se os britannos
Como os lusos, d'aqui, lhe obedecessem!
Jorge Quarto, e *Guilherme,* ambos defunctos,
Do outro mundo inda vem dar leis ao Porto;
E em luzente metal mal retratados,
Exercem tal poder, são tão tyrannos,
Que não acham aqui quem lhes resista,
E obrigam por ahi a andar de rastos

Os que blasonam mais d'independentes;
Nem da democracia os partidarios
Ante *sob'ranos* taes erguem a fronte!

Por isso, tudo aqui anda ás avessas,
E o Porto endireitar ninguem já tenta!

Valem mais os jumentos que os cavallos,
Valem menos fidalgos que almocreves!
Parece isto que digo um contra-senso;
Inda bem que o proval-o é mais que facil!
Se na rua parou pobre orelhudo,
Que o almocreve conduz por bamba corda,
E os passeios transpondo, este o encaminha
Á porta d'uma casa, onde o criado
O espera, p'ra comprar dez reis de fructa,
Não tarda que o jumento e o almocreve,
Semelhantes, alli, pela humildade,
A seu lado não vejam reunido
D'altivos figurões longo cortejo,
Que um—*Z*—tendo na testa, e um—*M*—adiante,
Alli vão exercer *zelo maldito,*
Fazendo que, no excesso d'esse zelo,
As letras amarellas decifrando,
Zangões municipaes lhe chame o povo!
A tantas distincções não costumado,
Pendurando o chapéo na mão callosa,
O pobre conductor do pobre burro
Procura agradecer altos favores;
E para os vêr findar, já confundido,
Tenta a bolsa mostrando, besuntada,
Generoso pagar *finezas* tantas;

Porém que o tenta em vão breve conhece!
Como elle e como o burro, a bolsa magra
Não póde suffocar o *zelo ardente,*
Que os leva em procissão, por entre o povo,
Dos paços do concelho ao palacete,
Onde assigna de cruz, em grosso livro,
Onde paga depois a grossa *multa,*
O livre cidadão do burro livre!

Não succede outro tanto, amigo caro,
Ao gordo, folgasão, nêdeo cavallo,
Que é, na raça e no preço, aristocrata!
Esse galopa, em vão, pela cidade,
De lama chapinhando a quantos passam;
E das ruas fazendo picadeiro,
Põe os que andam a pé em debandada,
Tentando evoluções, passos difficeis,
Que ao povo mostrar quer, d'orgulho cheio;
Outras vezes, com luxo, empavesado,
Aprendendo a puxar lustroso carro,
Em que aprende seu dono a ser fidalgo,
As ruas atravessa a passos largos,
Põe tudo em confusão, sobe aos passeios,
Atropella, se póde, alguem que passa;
Mas debalde trabalha, que o *despreso*
De tudo em premio tem, ninguem o attende!
Os *prudentes zangões* não lhe apparecem;
Nem lá do municipio o livro immenso,
Onde o numero avulta dos *multados,*
Por honra chega a ter nas folhas suas
Um nome fulgurante — uma *excellencia!*
Já vês que tudo aqui anda ás avessas,

E o Porto endireitar ninguem já tenta,
E has-de, pois, concordar, que n'esta terra,
Valem mais os jumentos que os cavallos,
Valem menos fidalgos que almocreves!

Vou do theatro, em fim, dar-te noticias,
Pelas quaes chorarás, se inda tens alma,
Se és inda portuguez, como eras d'antes:
O theatro, coitado, está doente;
Do povo á caridade em vão recorre,
Nem da sua nação remedio espera!
E só a homœopathia italiana
Vae, com lyricas dóses, sustentando
Aquelle desvalido e pobre enfermo,
Que de sorte melhor era bem digno!
Os membros d'esse corpo infeccionado
Deslocados estão, verdade seja;
Funccionar já não podem, mas é certo
Que a falta d'alimento a causa fôra
D'esse estado, infeliz, em que se encontra!
Foi-se o tempo em que os bons *Doutor Sovina,*
Serralheiro hollandez, Gallego lorpa,
Ao theatro chamavam povo immenso,
Que hoje, por nosso mal, não quer ser povo!
Theatro portuguez... passou de moda—
E a moda, sujeitando aos seus caprichos
Estes, pobres de senso, e ricos d'ouro,
Que no mundo actual dão leis ao mundo,
Affasta-os, com horror, do bello drama,
Da comedia chistosa, e alegre farça,
Em que de cem palavras quatro entendem,
E leva-os ao theatro italiano,

Lingua que, para os taes, é grego sempre!
E, á musica rebelde o pobre ouvido,
Quantos d'elles iriam, por dinheiro,
Bem rasgada, uma chula ouvir mil vezes,
Com mais gosto, de certo, do que sentem
Se escutarem, de graça, e inda com premio,
A mais bella e mimosa cavatina
Que um genio, qual Bellini, inventar póde!
Quanto custa, meu Deus, o ser fidalgo,
Sem outro auxilio, mais, que o da fortuna,
Sem mais intelligencia do que um pato!
Por isso, tudo aqui anda ás avessas,
E o Porto endireitar ninguem já tenta!

E tu que lá no campo a vida passas,
Entregue á solidão, em que ha ventura,
Se ventura na terra existir póde,
Acreditas, talvez, que o Porto d'hoje
Não é já, para nós, o Porto antigo!
Se algumas horas d'ocio tu consomes
D'alguns jornaes d'aqui, na vã leitura,
De certo has-de suppôr que os portuenses
Andamos a nadar n'um mar de rosas!
Has-de vêr o *progresso,* á frente sempre;
A *creches* e *hospitaes,* as *companhias,*
O *gaz,* preconisado, as *vias-ferreas,*
As mil *associações,* os *monte-pios;*
Os annuncios, sem conto, de *romances,*
De *poemas,* sem fim, de *reportorios,*
Almanachs, folhinhas d'algibeira,
E mil cousas que os prélos nos promettem;
E não sabes que, além da oitava parte,

O mais, amigo meu, tudo é farello!...
O *progresso,* que os typos apregoam,
É quasi um nome vão, no Porto nosso;
Nem póde aqui, jámais, metter o dente,
Em quanto os carroções, d'antigas eras,
Divagam, a dormir, por essas ruas!
O marido infeliz que a esposa veja
Em capoeiras taes tomar assento,
Dirigindo-se á Foz, a tomar banho,
Logo de negra côr vestir-se deve,
E d'esse instante, já, crêr-se viuvo;
Porque as vidas, bem vês, são curtas hoje,
E não deve suppôr caso possivel
Viver até que um dia a esposa volte!
Se é isto o que é *progresso,* então, amigo,
É das outras nações, bem grande o atrazo,
E meu avô, já morto ha quarenta annos,
Como hoje o somos nós, foi progressista!

Corre assim tudo o mais; embora o mundo
Á verdade, talvez, mudando a face,
Por saber que a illusão faz dôce a vida,
Queira as cousas julgar d'outra maneira:
O immenso batalhão de litteratos
Que sitia esta praça inexpugnavel,
Resistencia pasmosa aqui achando,
Não póde com as letras abrir brecha!
Fazem fogo debalde, que os pelouros
Resvalam, sem ferir marmoreos craneos!
São duros como pedra os sitiados,
Com buchas de papel já se não rendem!
Por isso os litteratos, sempre magros,

O estomago com fumo enganar querem;
E lá vão ao contracto do tabaco,
Embora sempre mau, sediço e pôdre,
O sustento buscar que, nos mercados,
Faz despeza maior, a que não chegam!
Da *creche* a instituição é-lhes inutil,
Porque passam da idade: — alguns bem pouco —
Nos pios *hospitaes* não teem proveito,
Que a tudo affeitos, já, logram saude:
Nem um só tem acções nas *companhias;*
O *gaz* lhes incommoda a vista fraca;
Não esperam chegar ás *vias-ferreas;*
E nas *associações* colhem apenas,
Como fructo feliz dos seus trabalhos,
A grande honra de vêr impresso o nome!

Já vês, amigo meu, que o Porto d'hoje
Diff'rença pouca faz do Porto antigo;
Conselheiros tem mais; tem mais viscondes;
As sêdas, casemiras e cambraias,
Já chrismadas, tambem, pelos francezes,
Mais gasto agora teem, que outr'ora tinham;
Ha mais carros, carrinhos, e carroças,
Mais inda ha carroções — fatal verdade!
Contamos entre nós jornaes aos centos,
Das duzias os poetas são ás duzias,
Pretendem todos ser homens de letras;
(E d'isto achas aqui bem clara prova)
Mas nunca se notou miseria tanta,
Jámais a estupidez se viu tão alta!
Desgraçado d'aquelle que alguns annos
Na escóla deu as mãos á palmatoria:

Que em galardão só tem o desabafo
De fazer, sem medida, carapuças,
E mandal-as por'hi buscar cabeças!
Se alguma te servir, ou aos amigos
Que lá, de longe a longe, te apparecem,
Pódes d'ella dispôr, que ha sortimento
Na fabrica onde immensas teem nascido,
E dispersas por ahi, ao som do vento,
Nem uma sem cabeça tem ficado!

Do Porto desejavas ter noticias,
Aqui tens o que, só, dizer-te posso;
E não creias, amigo, que pretendo
O quadro ennegrecer com feias côres;
Quanto julgues aqui pompa d'estylo,
Verdades duras são — mas são verdades.

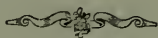
SONETO

Dizem mil sabichões que, n'esta vida,
Só póde quem tem ouro ser ditoso;
Que é pretender, sem elle, achar o goso,
Ambição a que o senso não convida!

Assim julga quem vê na humana lida,
Cercado de galões, em trem custoso,
Qualquer nobre lapuz, louco vaidoso,
Que entre gente de bem não tem guarida:

Que esses fazem figura, eu não desminto:
A toda a parte vão, com seu cortejo,
Porque o mundo lhes dá logar distincto:

Outras glorias teem mais, que eu não invejo;
Mas nunca sentirão prazer que eu sinto
Na risada que dou, se um d'elles vejo!

A UM VELHO ENAMORADO

Pobre velho! Estás perdido,
Se n'esse couro tão duro
Póde inda fazer-te um furo
Uma sétta de Cupido!
D'esse mal acommettido,
Remedio te não darão;
Que n'essa idade a paixão,
Bem que assim te não pareça,
É molestia da cabeça,
Que não sente o coração.

Sendo, além de velho, pobre,
Que esperas tu das mulheres?
Que alguma sinta inda queres
Por ti, um affecto nobre?...
Não vês que — bem que te sobre
Desejo de ser amado —
Uma donzella a teu lado,
Gemĩdos d'amor soltando,
Fôra qual gato miando
Ao pé d'armario fechado?

Não vês que a pôdre gengiva,
Quando á dama sorrir tentes,
Mostra, a chorar pelos dentes,
Em vez de pranto, saliva?
Que a voz, d'amor expressiva,
Da tua bôca sahida,
Finge, debil e tremida,
A d'um *cochico* de feira,
Feito de velha madeira,
Com chôcha pelle encolhida?

Que tem perdido o sabor
Um pomo, quando está pêco;
E não póde um tronco sêcco
Dar seiva a formosa flôr?
Que ao templo não vae d'amor
Quem os pés tem no jazigo;
Que só póde por castigo
Dobrar a amor o joelho,
Quem tem um coração velho,
Passado, já, como um figo?

Que nas guerras de Cupido
Não póde ser bom soldado,
O que, das marchas cançado,
Não corre á voz de — « sentido! » —
Que devias ter fugido
D'obedecer a tyrannos,
Porque um regimento d'annos
Tens, que em teu favor acode;
E ser cadete não póde
Quem já tem praça en vet'ranos?

Toma um conselho prudente,
De quem, mais que tu, é moço:
Em carne que inda tem osso
Não queiras metter o dente:
Põe o chinó reluzente
Sobre esse casco tão liso;
Encobre, que é bem preciso,
Essa abobora tão dura,
Que apodreceu de madura,
Sem ter creado juizo!

Veste a esguia casaquinha,
Macrobia, d'idade incerta,
Onde esse teu corpo acerta
Como a espada na bainha:
Enfia a meia de linha,
Veste o calção de baêta;
Põe fivella de folheta
Sobre o sapato montada,
E na mão, já descarnada,
Segura a torta mulêta!

Põe camisote folhudo,
Cinge ao collo o branco lenço;
N'outra mão leva suspenso,
De castor chapéo felpudo;
Mas assim, diverso em tudo
Da gente que a amar se entrega,
Não jogues a *cabra-cega*
Com moços, d'amor dilectos:
Dos que podem ser teus netos
Não pretendas ser collega!

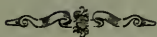
Não te mettas, por bolonio,
De bons rapazes no meio!
Vê que — sendo menos feio —
Fugiu d'elles o demonio;
E tu, velho, e assim laponio,
Com pretenções a casquilho,
Se tentas seguir seu trilho,
Cahindo, como sandeu,
Serás, por bom camapheu,
Mettido em bronzeo caixilho!

Na egreja asylo procura,
Junto á pia d'agua-benta,
E com ella curar tenta
Da cabeça a matadura:
No longo nariz pendura
As cangalhas de latão;
E, de cartilha na mão,
Ouve — em postura submissa —
Sobre uma missa outra missa,
Quantas dér a occasião!

Destina á tarde a sahida
Ao campo, onde, c'um pataco,
Pagando o tributo a Baccho
Te dispões p'ra nova lida:
Lá — sem ser na alheia vida —
Com bojuda taverneira
Cavaqueia a tarde inteira;
Até que a noite nascente,
Porque és gallinha entre a gente,
Te convide á capoeira!

Á noite, com voz fanhosa,
Canta, em casa, a *Joven Lilia;*
Joga o *burro* co'a familia,
Sobre a mesa carunchosa:
N'esta vida tão ditosa
Não farás triste figura;
E o povo, que te censura,
Quando sigas meu conselho
Não dirá que — *burro velho*
Já não aprende andadura.

SONETO

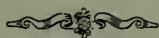
AOS MEUS TRINTA E UM ANNOS

N'esse dia cruel em que os trinta annos,
Chorando, completei, julguei-me velho!
Tremi ao encarar sincero espelho,
Onde sempre encontrei mil desenganos!

Fiz immensos esforços, mais que humanos,
P'ra abraçar da razão sabio conselho;
Mas, por fim, á paixão dobrando o joelho,
Só versos entoei... tristes... insanos!

Porém hoje, que um anno, mais, já conto,
Cuidam lá que estou triste?... ora... acordei
Cantando, alegre, e rindo como um tonto!

D'esta mudança a causa bem a sei;
que os *trinta,* p'ra mim, era mau ponto;
Chegando aos *trinta e um,* então... ganhei!

SONETO

AOS MEUS TRINTA E DOUS ANNOS

Oh ingrato fev'reiro, que teimaste
Em velho me tornar!... maldito sejas!
Se p'r'a cova impellir-me assim desejas,
Para que sobre a terra me lançaste?

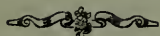
Os cabellos, que louros me creaste,
Com a presença tua agora alvejas;
E até para arrancar-me já forcejas
As forças com que outr'ora me dotaste!

E pelas cruas leis da sociedade
Insanas condições me são impostas,
P'ra festejar-te, envolto n'anciedade!

A ti... que ha tantos annos me desgostas;
E que hoje, com audaz tenacidade,
Vens *uma arroba d'annos* pôr-me ás costas!

*

SONETO

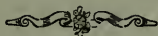
AOS MEUS TRINTA E TRES ANNOS

Como os annos, p'ra mim, correm ligeiros!
Como os dias se vão, sem que se contem!
Julgo que *trinta e dous annos* fiz hontem,
E *trinta e tres* já tenho, muito inteiros!

Foram curtos os mezes derradeiros,
Ou vão, sem que as folhinhas os apontem?
—Eu não creio, ainda que me affrontem,
Que não ouve n'este anno dous fev'reiros!—

Mas... se o tempo, que foi, não foi perdido,
Se o que outros não verão já tenho visto,
Se tantos, inda moços, teem morrido,

Alegre eu devo estar, porque inda existo;
Pois se Christo assemelho em ter nascido,
Se um anno inda viver, sou mais que Christo.

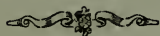
SONETO

AOS MEUS TRINTA E QUATRO ANNOS

Cantei (forte pateta) os meus *trinta annos,*
Por velho me julgar, em ais, em pranto!
Cheguei aos *trinta e um,* mudei o canto,
Que é loucura o chorar, entre os humanos!

Trinta e dous completei, sem sentir damnos
N'este meu bom humor que préso tanto;
Em saudal-os, gostoso, achei encanto,
Por mais de um anno ter de desenganos!

Lá vem os *trinta e tres!...* mais um motivo
P'ra da lyra extrahir um som jucundo —
Pois Christo então morreu, e eu era vivo!

Nem hoje, aos *trinta e quatro,* me confundo;
Mas folgo, rio e canto em tom festivo! —
— Pois eu tolo não sou — conheço o mundo!

EM OUTEIROS

AO MOTE

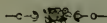
Negro zêlo, vae-te embora.

Vou aprender a torneiro,
Arte da minha paixão;
Pois trabalha o pé e a mão,
Ganha-se muito dinheiro:
Encommendo ao meu ferreiro
Um *tórno* — não dos de fóra —
Esperem, lembra-me agora,
Tenho aqui um *tornozêlo,*
Tiro o *tôrno,* e digo ao *zélo:*
Negro zêlo, vae-te embora.

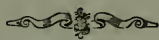
No açafate da costura
Se escondeu agora amor.

Se eu podésse, em noite escura,
Ser por ti agasalhado,
Dormia mesmo enroscado
No açafate da costura;
E se lá d'essa clausura
Fóra me quizessem pôr,
Tu dirias: — « Não, senhor,
« Não toquem n'esse cestinho;
« Que lá dentro, encolhidinho,
« *Se escondeu agora amor.* »

Dôce paz, dôce ventura.

Lá n'essas grades mofinas
Duas ama este rapaz:
Uma *Ventura,* outra *Paz,*
Se chamam as taes meninas:
Quero vêr se são ferinas,
Ou lhes dóe minha amargura;
Quero vêr qual me procura
A fome satisfazer:
Meninas! quero comer:
Dôce, *Paz!* Dôce, *Ventura!*

Desceram do céo os anjos
P'ra fazer esta eleição.

Lá dentro não ha marmanjos
Que manejem o cacête:
P'ra habitar tal palacete
Desceram do céo os anjos:
Por isso, n'esses arranjos
Que manda a constituição,
Sois livres, e com razão;
Pois não ha lá cacetadas,
Nem ha listas carimbadas,
P'ra fazer esta eleição.

EPISTOLA

Não sei porque hoje estou tão sorumbatico;
Mas é certo que vou para o pathetico
Mais, que para o jocoso e epigrammatico:

Dizem que quem mais soffre é mais poetico;
Mas eu sou, em taes casos, tão exotico,
Que ora de gêlo estou, ora phrenetico,

E ou dou em cada verso um bom narcotico,
Ou me torno mordaz, e sou tão critico
Que, muitas vezes, chego a ser despotico!

Mas se devo comtigo ser politico,
Vou da Musa invocar o favor metrico,
Saia o canto mordaz, saia analytico,

Saia erotico, emfim, jocoso, ou tetrico!
Mas... fatal propensão!... para o sarcastico
Já começa a impellir-me um fogo electrico!

Se ás vezes sou, n'um canto, encomiastico,
É só tecendo ao genio um panegyrico,
Porque sou pelo genio enthusiastico;

E então, em verso heroico, ou verso lyrico,
Contra algum detractor que vejo, emphatico,
Ao louvor sei juntar furor satyrico;

Mas é justo o furor, não systematico! —
Se vem, com pretenções a scientifico,
Sobre tudo fallar qualquer lunatico,

Fazendo opposição ao que é magnifico,
Pretendendo ostentar saber generico,
Sem que o possua, ao menos, especifico;

Um estylo affectando, quasi homerico,
Em estranhas questões entrando, impavido,
Sendo tudo o que diz sempre chimerico;

E de um nome immortal mostrando-se ávido,
Perder-se, e, quando tenta ser oraculo,
Da discussão fugir, corrido e pávido,

Quizera expôl-o em publico espectaculo;
Mas d'esse que excitou furor satanico,
Lá vem a compaixão ser sustentaculo;

Porque deixa qualquer de ser tyrannico,
Ao vêr do contendor no rosto pallido
A mais clara expressão do terror panico;

Nem póde ser ninguem tão fero e cálido,
Que não se torne frigido e fleugmatico,
Se tem de guerrear com triste inválido:

E se n'isto me julgas esquipatico,
Não dirás que me torno celeberrimo,
Fulminando o furor aristocratico;

Pois conheces que n'isso eu sou acerrimo,
Por notar que das graças ao demerito
Nosso estado devemos, tão misserrimo!

Bem mais felizes fomos no preterito,
Quando tinha o servil um premio aurifero,
E só a distincção se dava ao merito;

Mas hoje a corrupção tornou pestifero
O cofre de que então genio benefico
Como meio dispunha salutifero,

E das graças o abuso é tão malefico,
Que para os ignorantes é terrifico,
E para os que o não são, inda é benefico!

E quem d'encomios póde ser munifico,
Se este estado de cousas, diabolico,
Vem a raiva excitar no mais pacifico?

É por isso que ás vezes, melancolico,
Da lyra eu lanço mão, e, no ridiculo,
Chego a ser em meus cantos hyperbolico;

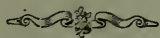
Tento o mundo compôr, n'um só versiculo,
D'um cantinho devendo olhal-o, trepido,
Qual outro anacoreta em seu cubiculo;

E busco n'um estylo ameno e lepido,
Pelo bem do paiz sempre sollícito,
O vicio castigar, zurzindo-o, intrepido;

E se ás vezes de mais eu sou explicito,
Não me diz a consciencia que, sophistico,
Eu negasse o louvor a quanto é licito;

E então, quando eu morrer, em verso mystico,
Sobre a campa — *Aqui jaz um que, maniaco,*
O mundo quiz virar — seja o meu distico.

O SNR. JOSÉ, E O SNR. FRANCISCO

DIALOGO

F. — Oh *Sê Zé!* — Será *possible!*
Vocemecê por aqui!...
Oh *homes!* parece *incrible!*...
Ha qu'annos que eu *num* n'o vi!

Benha de lá esse abraço,
Sejamos *homes* constantes;
Aperte-me este espinhaço,
Que eu sou inda o que era d'antes!

J. — Pois eu não hei-de abraçal-o!
Antes faço muito gosto
De vir assim encontral-o,
Tão gordo, tão bem disposto.

F. — Passo bem, não faço nada,
E não hei-de estar pansudo?
N'esta terra abençoada,
Quem tem dinheiro tem tudo.

J. — Isso é bom! Então cá fico
Por estes sitios bemditos;
Eu, se não sou muito rico,
Sempre trago uns *cem contitos.*

F. — Que me diz? — Então, de certo
Traz cem centos? — Bello, bello!
Com cem contos, sendo esperto,
Mette o Porto n'um chinello!

Cem contos!... Quem tal diria!
O *Sê Zé,* que, desgraçado
Foi d'aqui inda outro dia,
Já tão rico!... Deus louvado!...

Uns p'ra cima, outros p'ra o fundo,
Uns no meio, outros ao canto;]
São voltas que dá o mundo,
Comigo deu-se outro tanto...

J. — É verdade, *Sê Francisco,*
Inda o conheci bem pobre:
Correu por lá muito risco...
Mas tem dinheiro que sóbre!

F. — Graças a Deus, vae-se andando;
Quando mal nunca *maleitas;*
Vae-se por'hi *fugurando,*
Sempre de costas *dereitas*...

J. — Inda que sou confiado:
Já todo o mundo o conhece?!...
Boncecê é cortejado
Por quanta gente apparece!

F. — Corre assim todos os dias,
C'os *homes* andam famintos:
Olhe que estas cortezias
Tem-me custado *bôs* pintos...

Mas leve o diabo o ganhado,
Quando não tem serventia;
Olhe que tendo-o guardado,
Fraca *fugura* eu faria...

Eu gasto-o, mas tambem puxo
Um trem dos mais aceados;
Tenho um *jaquim* pequerrucho,
Tres moços grandes, fardados,

Dous bailes que dão na vista,
Onde vai o Porto inteiro,
Tenho sido *cambarista,*
Sou agora conselheiro,

Faço tudo quanto eu quero,
Todo o mundo em mim confia,
E, aqui para nós, espero
Ser *bisconde, quaesquer* dia.

J. — Pois assim é pretendido,
E ninguem cá lhe faz guerra?...
Então — está decidido —
Ha falta d'*homes* na terra!

F. — Nada! — *homes,* ha com fartura;
Do que ha falta é de dinheiro;
E então quem o tem, *fugura*
Como *quaesquer cabalheiro* ...

J. — Mas d'antes o meu amigo
Era fraquinho na escripta,
E no lêr, como eu que o digo,
Era até cousa *fraquita;*

Mas o tempo vae correndo,
E, aos annos que tem passado,
Pelos geitos que eu vou vendo,
Boncecé tem estudado.

F. — Estudar! ora... essa é sua!...
Mas olhe... tenha paciencia...
Em quanto estamos na rua
Ha-me de dar *inscelencia*...

Num é por mim, que eu por'ora
Num sou cá de *fidalguices;*
Mas *polo* povo, que *ignora*...
Repara n'essas tolices...

J. — Pois sim, mas *bossa insolencia*
Tem trepado como um galgo,
E eu *num* soube, em sua ausencia,
Que *bocê* que era fidalgo...

F. — Muito bem... *bamos adente:*
bocê, quer sêl-o, depressa?
Pois, se quer, vae de repente;
Mas ouça lá... *num* se esqueça...

J. — Mas... *Sê Francisco*... eu sou bruto...
Home creado no matto...
Não sou *home resaluto*...
E nem mesmo estou ao facto...

F. — *Num* 'stá ao facto! Em que pontos?
Ora adeus!... Tenha juizo!...
Os cem contos!... os cem contos
Dão-te tudo o que é preciso.

J. — Pois bem... *faço-le* a vontade...
Vamos lá fazer *fugura*;
Mas *antão,* em amizade,
Ande, falle com lizura!

F. — Ora, então, ande ligeiro,
Mas que *num* faça *desorde:*
É preciso que, primeiro,
Seja irmão de *quaesquer orde:*

Da melhor que você veja;
De São Francisco, ou Trindade;
Da Santa Casa, que seja,
Ou do Terço e Caridade:

Depois, não seja poupado:
Um dia, lá quando possa,
Off'reça a cada entrevado
Um lençol d'estopa grossa;

Ou mande um jantar aos presos,
Pão, feijões, tudo grosseiro,
E mais alguns contrapêsos,
Cousa de pouco dinheiro...

J. — Mas é que essas bagatellas,
Que são tudo ninharias,
Só alguem fallará d'ellas
Dentro das enfermarias.

F. — *Victor serio,* meu amigo,
Num se me faça masmarro:
Vá ouvindo o que eu *le* digo,
E deixe correr o carro:

Compre uma *cazita* grande,
Uns trastinhos aceados,
Um carro em que você ande
E umas fardas p'ra os criados:

Off'reça um *xairé* luzido
A todos os cavalheiros;
Mas então — tome sentido —
Convide-me os gazeteiros!

J. — *Home,* isso *num* é bem feito!
Essa lembrança foi fraca!
Pois *num* teria mais geito
Off'recer-*le* uma casaca?...

Um xairel! — É insultal-os!
E a cavalheiros honrados!
É fazer d'elles cavallos,
E os *homes* ficam zangados!...

F. — Bem diz você que é do matto!...
De francez *num* pesca nada!
Pois você nem 'stá ao facto
D'uma coisa tão usada!...

Um *xairé* — nem mais nem menos —
É um baile! — Agora entende?
Falle lá c'os meus pequenos,
Verá então como aprende!

J. — Basta, basta, já percebo!
Palavras de gente fina;
Eu, por'ora, inda sou gêbo,
Mas o tempo tudo ensina!

F. — É como diz! — Mas deve antes
Ter assignado as gazetas,
Sem lhe importar que os pedantes
Digam verdades ou petas.

Você verá no outro dia
Fallarem as gazetilhas
Do baile — e da bizarria
Cá da patrôa e das filhas:

Do *pianho,* das cadeiras,
Da manteiga e das torradas,
E até das suas maneiras
Affabes e delicadas...

Mais tarde... um jantar em casa,
Bons vinhos, muitas saudes,
Verá que tudo se arrasa
Co'as suas grandes *bertudes*...

Depois... esmolas d'effeito...
Alguma *genoridade,*
E lá vai o *Sé Zé,* feito
Provedor d'uma irmandade!

D'isso a *cambarista*, entenda
Que é um tiro d'espingarda;
Em seguida, uma commenda
Acredite que *num* tarda!

Depois vá continuando,
Faça girar o dinheiro,
A coisa vae caminhando,
E o *Sê Zé* sae conselheiro!

Agora, o mais é comsigo,
E vae bem, se *num* me engano;
Mas diga lá, meu amigo,
Que *le* parece o meu plano?...

J. — Um *home* diz o que sente:
Ouvi tanta trapalhada
Que, fallando francamente,
Parece-me uma farçada!

F. — *Num* no parece, é de certo;
Mas que tem você com isso?
Ora ande, faça-se esperto,
Senão abro-*le* o toutiço!

J. — *Home,* deixe-se de petas,
Isso assim *num* é decente,
E começam as gazetas
A fazer pouco da gente.

F. — As gazetas já *le* eu disse
Como cá se põem ao geito;
E se alguma, por perrice,
Fôr tomando o caso a peito,

Para o *Sé Zé,* essa guerra
Não póde ser importuna,
Porque não lê — n'esta terra
Num saber lêr é fortuna!

J. — Sim, senhor — entendo, entendo;
Mas, feita essa trapalhada,
Terei tudo o que pretendo,
Num é preciso mais nada?

F. — Coisas de pequeno lote:
Ter *triato* todo o anno,
Ou, ao menos, *cambarote*
No *triato* italiano.

J. — D'isso *num* tenho experiencia,
Nem nunca o vi, é verdade;
Mas, adeus, isso paciencia,
Quem sabe? — talvez me agrade!

F. — Não, de certo, *num le* agrada;
Vae-se lá só por ser moda:
É uma patacoada,
Que a mim até me incommóda.

É um bando de *tinores,*
Uns *homes,* outros meninas;
Uns poucos de berradores
D'*airas* e de *sabatinas*...

Mil coisas, qual mais horrenda,
Que levam de cabo a rabo,
Sem que a gente nada entenda
D'essa lingua do diabo!

Bem *repenicada* a chula,
Tem p'ra mim *maór* valia;
Vêr a moça quando pula,
E a *rabeca* quando chia,

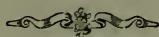
E a *saranda* na viola...
Isso é trigo sem *mastura!*
Mas é moda a cantarola,
Quem *num* vae, *num* faz *fugura!*

J. — Mas *num* ha, entre esse bando,
Alguns *homes* portuguezes,
Que façam, de vez em quando,
Pantominas d'antremezes?...

F. — Ai!... ha cá comediantes,
Que fazem rir toda a gente;
E vão lá *probes* bastantes,
Mas cá nós, *num* é decente!

J. — Pois, emfim, conversaremos,
O *Sé* Francisco é meu guia;
Por isso nós fallaremos,
Mais devagar, outro dia.

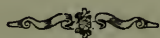
F. — Pois adeus! — Saia dinheiro,
Que andando d'esta maneira,
Será barão, conselheiro,
E bispo, que você queira!

SONETO

Se acaso eu entro em sala onde ha festejo,
Onde agradaveis sons solta o piano,
E alli encontro, com aspecto humano,
Quem de macaco vil, finge, sem pejo;

Se um janota, de pé na casa vejo,
Com sua dama ao lado, muito ufano,
Imitando, por fim, n'um giro insano,
Insulsos manequins de realejo;

Quando assim o Creador vejo ultrajado,
Praguejo, e, p'ra que até lhes falte o solo,
Chamo as iras do céo, arrebatado!

Mas... penso, e brado então, com desconsolo:
« Quem juizo não tem não é culpado,
« Perdoae-lhes, meu Deus, quem dança é tolo!»

NO ALBUM DE UMA SENHORA

N'este cantinho do mundo
Vivo só na escuridão;
Nem eu sei como o teu album
Me veio parar á mão!

E p'ra que?... para uma pagina
Ir manchar do livro teu,
Esse vate desmentindo
Que a primeira folha encheu.

« *Amo-te! És bella!* (diz elle)
« *Todos hão-de aqui jurar!*
Pois é falsa a prophecia!
E as provas eu as vou dar:

Não *te amo,* não! e que *és bella*
Nem posso *jurar,* sequer;
Que só conheço p'r'*amar-te,*
Uma causa: — é que és mulher.

Inda assim, um *juramento*
Não virei aqui depôr;
Que são elles como o vidro
N'estes negocios d'amor.

Nem tambem, como outros vates,
Minha vida contarei;
Ao confessor, só, revelo
Certas coisinhas que eu sei.

Nem *que sôffro — que padeço,*
Como alguns, virei contar;
Não, senhora, á minha custa
Nem has-de rir, nem chorar.

Nem mal-direi a existencia,
Nem hei-de a morte pedir:
Cem annos que eu viva, é pouco
Para o que eu tenho de rir!

Nem, como outros, um *Concelho* [1]
Virei off'recer-te aqui;
Que inda julgo uma *Comarca*
Pequena offerta p'ra ti...

Nem te direi que sou leigo
Na poesia (e sei que o sou),
Do que escrevo só tem culpa
Quem o album me entregou.

---

1 Allude-se a uma poesia, na qual um poeta, pretendendo dar um CONSELHO á dona do album, escreveu assim a epigraphe.

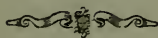
Eu não fico arrependido,
E se vês que escrevi mal,
Confessarás que sou franco,
E, por isso, original.

Hoje é tão rara a *verdade,*
Que quando transluz assim,
Querem todos abraçal-a,
Vem todos — «*a mim, a mim!...*

N'isto dou gosto á familia,
E não sei se t'o darei,
E com mais uns *comprimentos*
A tarefa acabarei:

Sê feliz, e tem saude,
São estes os votos meus;
Pois a minha, ao fazer d'esta,
É boa, louvado Deus.

17 d'outubro de 1853.

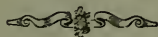
SONETO

Assobiava o leste, e furioso
Quanto achava no chão tudo varria;
D'um ovo meia casca ali jazia,
Que entregue foi ao vento impetuoso!

Com aspecto gentil, rosto formoso,
Joven dama á janella então surgia,
Quando a casca lhe vae, que o vento envia,
No cabello poisar, preto e lustroso!

Prosegue o furacão em sua lida,
Folhas sêccas e palhas pondo em roda,
Que se pegam na casca humedecida;

Vê-se a dama ao espelho, e se accommoda;
E, sendo por janota conhecida,
Faz d'aquillo chapeo, e pega a moda!

*

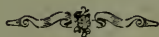
SONETO

Não sei, amigos meus, se vos lembraes,
Mas tenho como certo que sabeis
D'uns vegetaes que nascem, e vereis
Nos paues e nos muros dos quintaes:

Pois é preciso, agora, que saibaes,
P'ra que d'esta noticia aproveiteis,
Que é bom que ao abandono não lanceis
Esses que, por inuteis, despresaes:

Arrancae-os dos muros, e paues,
E podeis no commercio ser heroes,
Pintando-os, verdes, brancos ou azues:

Chamae-lhes já francezes e hespanhoes,
Que comprando-os, depois, damas tafues,
Já *tortulhos* não são — são *guarda-soes*.

NO ALBUM

DO MEU AMIGO J. C. LOUREIRO

Meus crimes quaes serão?... quaes os motivos
Porque são contra mim mortos e vivos?
Das folias do mundo separado,
Em tão curto recinto encarcerado,
Sem d'uma associação ter sido socio,
Por empregar melhor as horas d'ocio;
A politica, vã, sem ter na ideia,
Sem saber o que vai pela Crimeia;
Os annuncios só lendo nas gazetas,
Por causa do rancor que tenho á petas;
Sem procurar dos bailes a folgança,
Porque sempre julguei loucura a dança;
Sem dos *typhos* fallar, ou *cholerina,*
Pelo mêdo que tenho á Medicina;
Que mal posso ter feito á humanidade,
Que massar-me aqui vem, sem piedade?

Se condemnado estou a mil torturas,
Não basta a multidão d'*assignaturas;*
Os *bilhetes* d'immensos *beneficios,*
De gente que tem dous ou tres officios,
E porque a vida quer, d'encantos cheia,
Se dispõe a viver á custa alheia?
Não bastam *subscripções,* para vadios,
Que nobres dizem ser, d'avós e tios?
E os *Fajardos* do tom que, mascarados,
Me vem pintos chupar, tão bem ganhados?
As rifas que alguem faz, p'ra encher o saco,
E onde o premio, se o ha, vale um pataco;
As cartas — muita vez com *excellencia* —
Á minha *respeitavel assistencia*
Pedindo para algum enterramento,
Por quem só n'esse funebre momento
Do meu humilde nome se lembrara,
E nunca a tomar chá me convidara;
Por nobres, outras cartas assignadas,
Com doces palavrinhas emprestadas,
Invocando os meus *nobres sentimentos,*
Para os *cruzios* lhes dar (de que sedentos
Andam esses que ao luxo, cego e louco,
Destinam quanto teem, e é tudo pouco)
Para *obras* em que muito se consome,
Em propria utilidade, armando ao nome?

Não basta — prejuizo que me assusta! —
Com cigarros e fogo á minha custa,
Se malucos não são, tal me julgando,
Vêr dos *amigos meus,* muitos fumando;
E a bolsa magra, assim, vendo ultrajada,

Soffrer a cada um grande massada?
A este que um pae tem que odeia o vicio,
E quer que o filho trate d'outro officio;
Áquelle, porque tem patrão que ralha,
E em quanto occulto fuma não trabalha?

Tão pouco isto será, que mister seja
Dos albuns a mania — que forceja
Por lançar-me nas garras do *Pollido,*
Onde poetas mil já tem cahido? —
E de que serve um album — pobre mudo,
Que pede sem fallar, recebe tudo,
E andando a mendigar por ahi á tôa.
Morre com fome, emfim, de cousa bôa?

Quem tem por gosto lêr semsaborias,
Não encontra jornaes todos os dias?
Quem dá subido apreço a frioleiras,
Ou, não contente assim, deseja asneiras,
Não póde algum logar procurar, onde
Vá ouvir discorrer algum visconde?
Um album de que serve? — inda o repito —
E porque em tantos, eu, já tenho escripto?
— É porque o mundo diz que sou poeta,
E eu, que o pude crêr, fiz-me pateta! —

De versos hei-de encher um livro inteiro,
A vêr se alguem quer têl-os por dinheiro!

4 de Agosto de 1855.

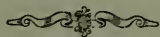
SONETO

Estupido mancebo, ambicioso,
Que as doçuras d'amor não conhecia,
Julgando, em seu pensar, que só podia
Por meio da riqueza ser ditoso.

Tratou d'ir off'recer a mão d'esposo
Á mais tola, mais má, mais feia harpia,
Só porque o monstro horrendo possuia,
P'ra encobrir todo o mal, dote famoso!

Casou-se, e figurou, mas... desgrado!...
Se o gordo o folgasão fôra em solteiro,
Magro e triste era já, sendo casado!

Pesara o fardo enorme ao tal parceiro,
Que ha-de andar toda a vida carregado,
Quem se casa c'um saco de dinheiro!

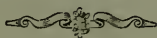
SONETO

Dizem sizudos velhos, rabugentos,
Á moda imperiosa armando guerra,
Que a honestidade presam, que desterra
Esses do luxo, vão, loucos inventos!

E como deprimir são seus intentos,
Do governo fallando, dizem que erra
Porque, inerte, não faz cahir por terra
Bigodes, que em paizanos vêem aos centos!

E lendo assim na cara d'um parceiro,
Julgam quem barbas traz peor que Herodes,
Innocente quem rapa o rosto inteiro;

Mas mostram-n'as os santos, nos pagodes,
Nunca entrou Christo em loja de barbeiro,
E pinta-se o diabo sem bigodes!

AO EXIMIO VIOLINISTA PORTUGUEZ

FRANCISCO DE SÁ NORONHA [1]

Se ao longe tu fôras, nos bosques sombrios,
Das aves o canto, mimoso, imitar,
Em breve as sentiras, soltando seus pios,
Nas costas, nos braços, nas barbas poisar;
E as armas de caça
Verias na praça
Perderem valor;
Que é arte discreta,
Com arco sem setta,
Ser bom caçador!

Se ao longo da praia, de noite, sósinho,
Da vaga o ruido tu fosses fingir,
Depressa verias o povo visinho,
Seus lares deixando, p'ra o monte fugir!

---

[1] Esta poesia foi recitada por occasião da abertura do Theatro de D. Affonso Henriques, em Guimarães, na noite de 12 d'Agosto de 1855, quando o insigne rebequista acabava de tocar as suas VALSAS BURLESCAS, em que imita as vozes de diversos animaes.

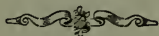
Tu ias seguindo!
E o povo expellindo
Bem longe d'alli,
Ninguem mais verias,
E as casas, vazias,
Ficavam p'ra ti!

Se o toque a rebate, nos tempos de guerra,
Tu fosses, de noite, fingir por ahi,
Nem um só dos homens ficava na terra,
Que ás armas correndo sahiam d'alli;
Senhor do terreno,
Ficando sereno,
Com o arco na mão,
No meio das bellas,
Serias entre ellas
Um novo sultão!

Se fosses aos montes, que aos gados dão pasto,
De longe, imitando da vaca o mugir,
Em poucos momentos, sem nada ter gasto,
Viriam-te as *crias* no laço cahir;
E pelas barbellas
Prendendo as vitellas,
Com grossos grilhões;
E uma nau cheia
Mandando á Crimeia,
Ganhavas milhões.

Se fosses, em noites horriveis d'inverno,
Fingir o ribombo do rouco trovão,
Em terra o joelho, resando ao Eterno,
Verias o povo de rastos no chão:
O povo gritava!
E eu vinha, e bradava:
«Senhor! suspendei!»
— Palavras no entanto,
Passando eu por santo,
Que nunca serei!

Se agora viesses, de traz d'uma scena,
A bulha imitando dos cães a ladrar,
Embora esta gente, ficasse serena,
Tivessem paciencia, que eu punha-me á andar:
Pois se eu, tendo medo,
Não tinha um penedo
Que os fosse expellir,
Melhor fôra agora
Gritar: — passa fóra!
— Deitar a fugir. —

SONETO

Um joven, curioso, que estudava,
E em tudo fundamento achar queria,
Experiente ancião buscando um dia,
A quem, por muitas vezes, consultava,

A razão perguntou — que não achava —
Porque os medicos dão a primazia,
Sobre o cavallo, manso, e de valia,
Á mula, que tem menos, e é mais brava!

« *Lé com cré* (diz o velho) o senso ensina,
« N'estas palavras só, que se compr'endem,
« O que pedir-me vens que te defina:

« E se julgas, p'ra ti, que pouco expendem,
« Eu me explico: — a mula e a medicina
« Ambas manhosas são, e lá se entendem. »

*

O SNR. LOPES

CONTO

I

Lopes era uma pipa na estatura;
E, gordo, porque as pipas esgotava,
Para igualar a pipa, na figura,
Apenas a *aduella* lhe faltava!

Em si jámais sentiu pentes, navalhas,
A dura, espêssa barba, acastanhada,
Que a não trazer cotão, fios e palhas,
Fôra por mil janotas invejada!

O casaco era velho, que vestia,
Usava, de cotim, calça já velha,
Collete, cuja côr já se não via,
Besuntado bonnet, d'orelha a orelha.

Em cada bota os pés, ambos cabiam,
Mas andavam, por uso, separados;
Ser oppressos os dedos não temiam,
Nem ser, por falta d'ar, asphyxiados!

Cheias de callos, sempre, as mãos gretadas,
Jámais elle tentou que se não vissem:
De luvas nunca usou — nem mesmo dadas —
Por as não encontrar que lhe servissem.

Mas se toda a semana assim vestia,
Se este era o seu aceio domingueiro,
Era a causa o rigor d'economia,
Pois era o nosso heroe bom — albardeiro. —

Em que terra nasceu?... e quando? — A fundo
Penetrar ninguem pôde estes arcanos;
Mas era natural cá d'este mundo,
E teria, talvez, bons quarenta annos.

Amor, que não reconhece
Idade, nem condição;
Que torna louco o sensato,
Que inspira ao louco a paixão,
Descobriu no bcm do Lopes
Uma tendencia fatál;
E como é sua tendencia
Aos dilectos fazer mal;
Como aquelle em grossa albarda
A agulha espeta, sem dôr,

Assim lhe embebeu no peito
O farpão destruidor;
Mas se a agulha fura a estôpa
E só palha vai achar,
O farpão, na *albarda viva,*
Foi brando peito encontrar:
E paixão tão desabrida
Como essa, que lhe imprimiu,
Em coração d'albardeiro,
No mundo jámais se viu!

II

A rua mirando, lá d'alta janella,
Formosa donzella,
Dos annos na flor,
Belleza ostentando, que o céo lhe doára,
E o mais que pilhára
Do seu toucador;

E os olhos, bem negros, certeira, fitando
Nos que iam passando,
Sem n'ella cuidar,
Deixava-os tão prêsos, que os pobres janotas
Rompiam as botas,
Á porta, a rondar!

Aos gestos galantes, ao meigo sorriso,
Prudencia e juizo
Se oppunham em vão;

Que a joven, astuta, de rapido alcance,
Por vêr no romance
Pintada a paixão,

Sabia que um gesto, com arte affectado,
Sorriso estudado,
Suspiro fugaz,
Faziam mil vezes d'um louco — um poeta,
D'um sabio — um pateta,
D'um velho — um rapaz!

E assim, divertida, lá d'alta janella,
Matreira, a donzella,
Dos annos na flor,
Belleza ostentava que o céo lhe doára,
E o mais que pilhára
Do seu toucador.

III

Passava o Lopes, timido,
D'amor já dominado,
Na rua, descuidado,
Sósinho, a meditar;
E erguendo os olhos, languidos,
Á magica varanda,
Não anda... nem desanda...
Detem-se, a contemplar!

Aberta a bôca, esqualida,
Os olhos inflammados,
Cabellos eriçados,
As pernas a tremer,
Se n'esse instante um medico
Olhal-o, assim, podera,
Cholerico o dissera,
Mandára-o recolher!

Sentindo Lopes a alma escrava — crava
Os olhos no anjo que elle admira!... mira...
Desce-lhe ás faces, pela mágoa, agoa,
E humedecidos os cabellos, bellos,
Que o rosto, onde as feições se encobrem, cobrem,
Na amarga posição que ostenta, tenta
Abrir o, cheio de respeito, peito,
Embora expulse o desabafo, bafo
Que torne murcha a donairosa *rosa,*
Que no jardim d'amor se apura, pura!
Mas soffre o triste, em quanto pasma, asma!
Não respira, sequer, e apenas penas
Assim póde sentir! Effeito feito
Por essa apparição, que esmaga, maga,
Essa, que a esp'rança não acalma, alma
Onde martyrios reodores, dores,
Tudo, sem luz de desaffronta, affronta!
Mas, pouco a pouco, vem o alento, lento,
E já o amante que essa dama ama,
De tanta dôr na recompensa pensa;
Tenta, esforçando-se, abafal-a!... Falla,
E, com tenção a mais devota, vota —
Após meditação devida — vida,

Fortuna, posição, estudo, tudo,
A quem quanto gosar podera, dera;
Ao que já sonha seu archanjo — anjo
Que só baixára a este immundo mundo
P'ra ter adorações! — Agora, ora
Ao céo, pedindo amor, constancia, ancia,
Para abrandar a catadura, dura,
Com que essa joven, tão avara, vara
Um coração que na repulsa pulsa,
E nem pulsando fortemente, mente!
Lopes, que a dama, que o desprésa, présa,
Julga que, em quanto o desespera — espera
Que outro, que tenha de janota nota,
Vá prestar-lhe, talvez, occulto culto;
Sem que — tendo tenção damnada — nada
Que a dama, em favor seu, requeira, queira!
E como a fama da donzella zela,
A quem tenta chamar consorte — sorte
Lhe deseja feliz!... Prosegue... segue...
Sem ter — ausente do socego — cego,
Para guiar o seu destino, tino!

E caminha o pobre amante,
Mas quem sabe onde elle vae?
Sem vêr, atraz nem adiante,
Aqui tropeça, alli cae,
Em quanto a dama, contente,
— Porque o julgára demente —
Sem lembrar-se do infeliz,
Gasta o tempo — e julga-o pouco —
Com outro, que não é louco
Porque a apparencia o não diz!

Como assombrado d'um raio,
(Se d'uma *raia* não é)
Cae, agora, c'um desmaio,
Logo, a custo, põe-se a pé;
Alto, a sós comsigo, falla,
Pensando, depois, se cala,
Geme agora, e logo ri,
E vai correndo esse mundo,
Sem mais cuidar, vagabundo,
Nem dos outros, nem de si!

O pobre aposento, rude,
Votado ao desprêso, já
Ao Conselho de Saude
Cuidados bem serios dá!
Berrando, sempre, com fome,
Na solidão se consome
O velho gato maltez;
Unico ente que vivia
De Lopes em companhia,
Já desde a infancia, talvez!

Trabalha já poucas vezes,
Nem uma albarda produz;
Choram por elle os freguezes,
Choram por si, que andam nús!
Que o triste, do gato ao lado,
N'um *duo* desconcertado,
Um miando, outro a gemer,
Em casa, assim, se dilata;
E sae, só, a vêr a ingrata,
Que se não cança p'ra o vêr!

Ao triste que amor opprima,
O mal que produz amor,
Ides vêl-o, em tosca rima,
N'um quadro, negro, d'horror!
Se não soltas um gemido,
Oh leitor — compadecido
Pelo albardeiro infeliz —
Que espirras tambem não creias,
Se te chegam mãos alheias
Boa mostarda ao nariz!

Sffrendo, Lopes, se via
Como o reo ante o algoz;
Ao gato, quanto mais mia,
Do peito mais foge a voz!
Estremece o genio d'arte,
Pois lhe falta um baluarte
N'este albardeiro sem par!
— Que ha-de ser d'alguns humanos,
Quando para usarem pannos
A licença lhes findar!...

Debalde vem d'estrangeiros
Albardas a Portugal;
Que este rei dos albardeiros
Na Europa não tem rival!
Nem o tivera no mundo
Se o grande genio, profundo,
Em Paris mais fôra erguer;
Mas... chegou do mar á borda,
E o amor lançando-lhe a corda
O fez em terra deter!

Chorai vós, oh Portuguezes,
Que as bellas-artes presaes!
Chorai do artista os revezes,
Que os vossos tambem choraes!
Vossos, sim, porque na historia
Falta um nome, que alta gloria,
No porvir, dera á Nação!
E vós sabeis que o estudo,
O talento, o senso, tudo
Se compra na *Exposição!...*

E Lopes, que assim deixára
D'ir o genio cultivar,
Nem do que o cêo lhe doára
Se podia aproveitar;
Que do triste o pensamento
Era o mago sentimento,
O sentimento d'amor;
O ardente amor d'albardeiro,
Que albardára o mundo inteiro,
Se vivêra extranho á dôr!

Mas... infeliz!—passeava
Á porta da dama, em vão;
Da ingrata que assim pagava,
Com a indiff'ença, a paixão;
Sem prevenir que a ventura
No porvir tinha, segura
Em tão desejado nó!—
Deixemos, pois, a donzella,
E ouçamos o que, por ella,
O Lopes dizia, só;—

« Porque ando tão prêso,
« Se em premio o desprêso
« Só posso ganhar?
« Que espera essa ingrata,
« Que, louca, maltrata
« Quem deve adorar?...

« Nobreza deseja? —
« Mais nobre quem seja
« Do que eu, ninguem diz;
« Artista affamado,
« Por conta do Estado,
« Mandado a Pariz!...

« Pimpões que se entezam
« E altivos despresam
« Do artista a missão,
« Do que eu mais honrados,
« Mas bem educados,
« Mais nobres, não são!

« Deseja talento? —
« Eu tenho-o, e não tento
« Por elle brilhar;
« Mas nunca os doutores,
« Por mais falladores,
« Me fazem calar!

« Pretende poetas? —
« Não vê que uns, patetas,
« Não dão do que é seu;
« E que outros, coitados,
« Poetas chamados,
« Não são mais do que eu?...

« Aspira a janotas? —
« Não vê que uns, mamotas,
« Valia não tem;
« E que outros, vazios
« De senso, e vadios,
« Não prestam, tambem?

« Não vê que as lunetas,
« A luva, as roupêtas,
« São tudo ouropeis;
« E que esses *cupidos,*
« Com luxo vestidos,
« Não pezam dez reis?

« Não pensa que o artista,
« Que a nobre conquista
« Da fama, só quiz,
« Com muita vigilia,
« Dá nome á familia,
« Dá gloria ao paiz?...»

IV

Triste amante! infeliz albardeiro!
Que, sósinho, na dama a pensar,
Nem de si se recorda primeiro,
Nem do gato, com fome a berrar!

Não se lembra, sequer, do trabalho,
Que o preciso lhe dá p'ra viver;
E lá serve, outra vez, d'espantalho,
N'essa rua, onde se ha-de perder!

E vagueia, p'ra baixo e p'ra cima,
E, defronte, lá pára outra vez!
Desgraçado!... que a dama que estima
Inda n'elle reparo não fez!...

Mas um rizo, para outro que passa...
Um olhar, que elle julga p'ra si...
Tudo o engana, e de gosto o traspassa,
Tudo o prende d'encantos alli!...

E não tarda que alguem, lá da casa,
Queira rir-se da nobre paixão...
Já d'amor o bom *Lopes* se abrasa,
E começa a irrisoria illusão!

Relações chega a travar
Com quem, trazendo-o illudido,
D'esse amor lhe vem fallar;
E o pobre, que anda vendido,
Um servo tenta comprar.

E *compra-o* breve, que o plano
Já de longe era traçado,
Para apanhal-o no engano —
Lá deixa o triste um recado,
E a resposta espera ufano!

E veio — foi um protesto
D'amor firme, (d'um caixeiro)
Mas amor tão manifesto,
Que ao desditoso albardeiro
Quasi um fim dava funesto!

Á porta da sua amada
C'um desmaio cae por terra;
Mas — com agua borrifada
A cabeça — ergue-se e berra
C'uma voz desentoada!

Lá vem o pae da donzella! —
Porque a desordem lhe importa
A causa quer saber d'ella;
Mas em vão... fecha-se a porta,
E o velho, lá da janella,

Vê no vulto que vagueia
Embriaguez ou malicia;
Pois berra com voz tão cheia,
Que se ha na terra policia
Parava só na cadeia!

Mas dorme e socega o amante,
E, no dia immediato,
Vem ser de novo rondante,
Torna a fallar ao gaiato,
Cada vez mais delirante!

E, de todo apaixonado,
Dispõe d'um vintem que tinha,
Vae comprar papel doirado,
Escreve a dôce cartinha,
Fecha-a com pão mastigado,

E lá vae mais um segredo
Nas mãos depôr d'esse *amigo*
Que, envolvido n'este enredo,
Já lá d'estreito postigo
O amante espera, a pé quêdo!

Começa a correspondencia
Entre o amante e o caixeiro,
Que vai chupando a — *excellencia*,
Porque já sabe o albardeiro
Curvar-se ás leis da decencia.

Vêem-se nas cartas ferver
Essas phrases coruscantes
Que só sabe amor dizer:
Entram *pyras fumegantes*,
Entram *corações a arder*,

E no estylo alambicado,
Onde a orthographia é crime,
Onde a prosodia é peccado,
Provar qual é mais *sublime*
É encargo delicado!

Inda assim, cartas d'amores,
Sejam fidalgas as moças,
Chamem-se os moços doutores,
Se nunca as vi mais insôssas,
Tambem nunca as vi melhores!...

E é certo que o grande artista
Canta, e ri, de gosto chora,
Porque está feita a conquista;
Pois marcada já tem hora
Para nocturna entrevista,

V

Era alta noite... a *brisa,* assobiando,
Se ao tão *dôce bafejo* que esparzia
Se lhe oppunha um chapeo, ia-o levando,
E seu dono, infeliz, não mais o via;

E as *arvores frondosas* derribando,
E as altas chaminés, que destruia,
Docemente a soprar de tal maneira,
Se podia chamar *brisa fagueira.*

N'um capote de *nuvens* rebuçada,
Seu *fulgor* occultando, a *meiga lua*
Não se via *nas aguas retratada,*
Nem contemplava a terra *a imagem sua;*
Que a *lampada celeste,* despeitada
Por vêr a luz do gaz enchendo a rua,
Pallida a face envolve em manto opaco,
E aos miseros mortaes não dá cavaco!

Lá no *campo d'anil* não se divisa
A multidão d'*estrellas refulgentes,*
Que em *noites melancolicas* pesquiza
O vate, para entoar *versos cadentes;*
E se uma, sorrateira, *se desliza*
A espreitar o que vae entre os viventes,
Lá vem a *nuvem* dar-lhe um tapa-olho
E depois desfazer-se em frio molho!

Cahindo sobre a terra o *doce orvalho,*
Arranca dos jardins as *lindas flores!*
Bebem os cães em pé — e com trabalho,
Os que não são, d'origem, nadadores —
E debalde procuram agasalho,
Na *gutta-percha,* os tristes peccadores;
Que á força de cahir *brando rocio,*
Mac-adam já não ha — é tudo um rio!

As patrulhas, ás portas encostadas,
D'oleado nas capas envolvidas,
Não vão rondar as ruas despovoadas,
Nem cuidado lhes dão alheias vidas;
Que as ordens, dos mais altos dimanadas,
Não sabe então ninguem se são cumpridas,
Porque os mesmos que as dão—n'esse momento—
Dormem ao som da chuva, e ao som do vento.

Repousa em branda paz, no brando leito,
Dos diurnos trabalhos fatigado,
O pacifico povo, que ao preceito
Da hygiene se curva, ao somno dado:
E se alimenta, algum, sonho suspeito,
Em magoas ou delicias engolfado
Não se diz—que á moral é negra offensa—
Vida particular... não vem á imprensa.

Mas é certo que o gallo já cantava,
Da noite a divisão annunciando;
E do povo, que ao somno se entregava,
Se alguem—em certo sitio—despertando,
Attendesse ao que fóra se passava,
Rouca voz ouviria, descantando
Com a doce expressão de doce affecto,
A mimosa canção do *Rigoletto:*

La donna é mobile,
Qual piuma al vento,
Muita d'accento
E di pensier;—

E embora o cantico
Sem letra acabe,
Porque não sabe,
Porque não quer,

Como inda a musica
Na ideia tenha,
Com voz roufenha
Torna a dizer:

La donna é mobile
Qual piuma al vento,
Mutta d'accento
E di pensier.

Quem seria o cantor?—N'esse momento
Findaria o theatro italiano?
Um janota será, que ao aposento
Recolher-se vae, só, mostrando, ufano,
Que sabe repetìr quanto ouve attento,
Porque ao theatro vae, ha mais d'um anno?
Não saberá sollicito emprezario,
D'este cantor nocturno, solitario?

Quem seria o cantor?—Eis um mysterio,
Um enigma, talvez, uma charada!
Decifre-o quem poder, mas—fallo serio—
Quem vencer a questão, não lhe dou nada;
Que eu, sem orgulho ter de mais criterio,
Na voz o conheci, desentoada,
Que o nosso cantor vae acompanhando,
N'um guizo de folheta, repicando:

Quem seria o cantor, está bem claro! —
Era um heroe, por nós bem conhecido:
E não tome ninguem por caso raro
Que elle saiba canções; — tem bom ouvido,
É dos moços do tom amigo caro,
Seus habitos, assim, tem contrahido,
Faz o seu folhetim, versos semeia,
E tem, por isso, entrada na plateia!

Com ardor infantil tocando o guizo,
Signal para a entrevista combinado,
Pretende o bom do LOPES dar aviso
Que obedece ao que amor tem decretado:
Abre-se uma janella, e d'improviso
Um vulto alli se mostra, encapotado,
Que rapido signal fazendo ao homem,
Corre logo a vidraça, e ambos se somem!...

VI

Tornou-se a noite serena,
O *doce orvalho* parou...
A *brisa fagueira e amena*
Pouco a pouco se acalmou!

Ao vigilante cuidado
Da Guarda Municipal,
O amante escapa, encostado
Á portinha do quintal.

Estreita porta, robusta,
Que junto guarda em porções
O que mil cruzados custa,
Para vender por tostões...

Se a porta alguem desconhece,
Em mysterios infeliz,
Passe adiante — mal parece
Metter-se em tudo o nariz...

Alli, em poucos momentos,
Um *Seraphim* ha-de vir,
Escutar os sentimentos
D'alma que sabe sentir.

Mas... silencio... ouvem-se passos...
É ella!... É ella... que vem...
E Lopes, os membros lassos,
Convulso, já se não tem...

Quer dar um ai... suffocado
Outra vez, fica em torpôr;
Depois começa, coitado,
Tremendo sezões d'amor.

Ruge a porta... e n'um instante
Lá espreita o *Seraphim*...
Animo, Lopes!... ávante!...
Falla... aperta a mão... assim!...

«Ca... ca... ca... ca estou prompto...
«Que... que... que... quero mostrar...
«Qu'i... qu'i... qu'i... qu'inda em tal ponto
«Co... co... co... corre a adorar...

«Quem... quem... quem»—e o pobre amante
Quer fallar, mas tenta em vão;
E a *menina,* vacillante,
«Alto!—diz—tenha lá mão...

«Falla baixo, e com cautella,
«Que não escute o *papá*...»
—Pasma o Lopes da voz d'*ella,*
Que tão grossa outra não ha!

Estranha-a, mas n'um momento
Ouve em resposta:—«isto faz
«Passar noites ao relento
«Quando á minha porta estás...»

E para que mais pareça
Constipação de matar,
Um chaile pela cabeça
Vem a molestia affirmar.

De Lopes as criancices
Ella, em vão, entender quer;
Elle ouve apenas tolices,
Galanteios de mulher!

Não brilha amor um momento
Em longa noite d'amor:
Não — que ao seu mando o talento
Faz-se parvo e semsabor...

«Mas... silencio, menino... fuja... fuja...
«Lá vem o meu *papá... chiton!...* não ruja...
«Que eu ouço pés... se aqui somos pilhados,
«Olhe que ambos ficamos arranjados!...
«Mas *boncecê* lá vai tratar da vida...
«Pobre de mim, que estou compromettida!

«Eu, fugir? — brada o Lopes — nem á morte!
«Não!... que a sua ha-de ser a minha sorte!
«Se a menina, p'ra tudo, estiver prompta,
«Deixe vir quem vier, por minha conta!

Mas inda bem não eram proferidas
Estas fallas d'amor, d'alma nascidas,
Ao som d'estridorosa bofetada,
Vê Lopes a seus pés *a suà amada!*
Ergue-a do chão, abraça-a, e procurando
O pae, com o outro braço, ir desviando,
Grita, d'animo cheio: — «Em cortezia,
«Senhor, tenha lá mão!... que em vindo o dia
«Ha-de então conhecer, queira ou não queira,
«Que fez insulto á minha *companheira!*
«E, se tanto é preciso, até lhe juro
«Que só para o bom fim é que eu procuro
«Conversar a senhora sua filha! —
«Menina — faz favor — ponha a mantilha,
«E saia, que o paesinho dá licença!...»

O *papá,* que atéli debalde pensa
Sobre tudo o que escuta, e vê, pasmado,
Cahindo em si, de riso suffocado,
Porque, de quanto ouviu, traduz o engano,
Um aspecto fingindo, soberano,
Á *pretendida esposa* do albardeiro
Assim falla, n'um tom rude e grosseiro?

«Que é isto?—*Seraphim*—que tratantada
«Pretendias fazer n'esta emboscada?
«Este senhor quem é, que tornas louco?—
«Não respondes, maroto, achas que é pouco
«Tentar eu, inda, ouvir o que tu dizes,
«Sem te esmurrar os queixos e os narizes?
«Não se move?—senhor—ande, appareça!
«Arranque-me esse chaile da cabeça!
«Dispa-me já, tambem, vestido, e tudo,
«Não quero em casa ter funcções d'Entrudo!»

Inutil vendo ser a resistencia,
Forçado *Seraphim* á obediencia,
As vestes vae despindo, e de repente
Transformado apparece ao padecente
Que, vendo amor, ternura, um sonho falso,
Já vê n'aquelle sitio um cadafalso,
Onde o seu coração, a amor sujeito,
Nas mãos d'impia traição vae ser desfeito!

Começa a fresca aurora despontando,
E Lopes, que estivera contemplando,
Toda a scena d'horror, petrificado,
A gritar principia horrorisado,

Porque vê, em lugar d'essa que adora,
O maldito gaiato a quem outr'ora,
Porque nos seus serviços confiava,
Os recados e cartas entregava!
Quizera dar então grande tapona;
Mas depressa, qual outra *prima-dona,*
Sem ter ao menos feito um só ensaio,
Finda o drama, cahindo c'um desmaio!

O rapaz, com receio á palmatoria,
Sem o fim pretender saber da historia,
Sorrateiro fugiu, metteu-se em casa!
O bojudo patrão, ardendo em braza,
Porque, um corpo a seus pés tendo, estirado,
Teme por matador ser accusado,
Tenta o amante infeliz chamar á vida;
E apenas esta empreza acha vencida,
Na rua o põe, sósinho, em abandono,
E em socego inda vae dormir um somno!

VII

Agora, leitor amigo,
Dizer-te vou, com lisura,
Quem teve premio ou castigo
N'esta pasmosa aventura;
Pois é justo que te importe,
Porque tens n'isso vantagens,

Saber o que fez a sorte
D'este drama aos personagens
A donzella vive ainda,
Cada vez mais satisfeita,
E outros *Lopes* — por ser linda —
Aos seus caprichos sujeita;
Tão parvos como o albardeiro,
Mas de bigode e luneta,
Respeita-os o mundo inteiro,
Que só olha a taboleta,
O *papá*, tendo dormido,
Mais um somno, socegado,
Apesar do acontecido,
Passa bem — muito obrigado, —
Mettendo a viola no saco,
Guardou á filha respeito;
Ao rapaz não deu cavaco,
Pois fez d'elle alto concoito;
Mais que outr'ora seu amigo,
Sem d'isso fazer alarde,
Se lhe deu premio ou castigo
Has-de sabel-o, mais tarde. —
De mêdo cheio tremia
Seraphim, por ser culpado,
Sem pensar que inda seria,
Por garoto afortunado;
Quanto valia a maldade
Não conhecia inda a fundo:
Pois estava em curta idade,
Não sabia o que era mundo;
Mas o patrão, vendo-o, esperto,
Em logros, fino tratante,

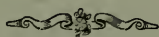
Julgou que tinha alli certo
Um destro negociante;
E ao lembrar-se da viveza
Com que andára na entrevista,
Vaticinou-lhe a destreza
D'um fino contrabandista;
E mostrando-o ao mundo inteiro —
Como heroe para o *negocio,*
Em breve o fez seu caixeiro,
D'alli a pouco, seu socio.
A predicção sahiu certa!
Vive o rapaz na opulencia;
E o povo, de bocca aberta,
Já lhe vae dando *excellencia;*
E com razão, que na praça
Tem estes dias constado
Que *Seraphim,* com a *graça*
Já conta, d'um viscondado!
A dama, o pae e o gaiato,
Não perderam na aventura;
Mas de Lopes e do gato
Causa pena a desventura:
O pouco sizo que tinha
O triste, infeliz amante,
Roubou-lh'o a sorte mesquinha,
Desde esse fatal instante;
E, leitor, se é teu systema
Não dar voltas ao miôlo,
Escuro deixa o problema:
Como é que endoudece um tôlo?
Faz scismar — isso é verdade —
Mas segue, não penses n'isto;

Seja, embora, raridade,
Já, mais vezes, se tem visto;
Ao aposento o albardeiro
Não voltou mais — desgraçado!
E o gato, seu companheiro,
Sósinho, em casa, fechado,
Da saudade á dôr sujeito,
Com fome sempre miando,
Veio-lhe a queixa de peito,
Soffreu muito, e foi-se andando!
Do desar tocando a meta,
Foi tão negra a sua sorte,
Que nem houve uma gazeta
Que lamentasse esta morte!!!!
— Abandonado á loucura,
Pela rua, á chuva e ao vento,
Passou dias d'amargura,
Passou noites de tormento,
Ora gritando e correndo,
Ora rindo, prasenteiro,
Mil travessuras fazendo,
O desgraçado albardeiro!
E não chamem, por tão pouco,
Á policia negligente;
Que em grandes terras um louco
Não se torna saliente...
E, portanto, o seu estado,
Que antes ninguem conhecêra,
Por Lopes foi accusado,
N'um folhetim que escrevêra,
Que um jornal acceitou d'elle,
E publicou — que era justo

Não negar favor a aquelle,
Que a tantos se faz, sem custo...
Desde então, o triste amante
Foi por doudo conhecido,
Já com medonho semblante,
Dentro em pouco enfurecido,
Contra os doudos a mania
Furor se tornou, ardente;
E, como em doudos batia,
Dava, quasi, em toda a gente!...
Qual bravo touro no curro
Corrido, sem caridade,
Chegou, mesmo, um grande murro
A dar, n'uma Authoridade!
Tornou-se o caso importante,
O triste foi agarrado,
Bem seguro, e n'um instante
P'ra Rilhafolles mandado!
Mas em vão!... vence a loucura,
Cada vez mais desatina;
Que é certo que não tem cura
Quem se entrega á Medicina!
Fugindo, o pobre albardeiro,
Com tenaz molestia a braços,
Cahiu n'um despenhadeiro
E morreu, feito em pedaços!!

Eis-aqui, leitor piedoso,
O fim d'esse grande artista,
Que assim morreu — desditoso —
Por tentar alta conquista!...

Perdôa, leitor amigo,
Da historia a simplicidade;
Sê generoso comigo,
Que te contei a verdade;
E p'ra entreter, quando topes
Alguma semsaboria,
Por alma do Senhor Lopes,
Padre Nosso — Ave-Maria!

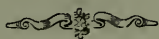
SONETO

De que serve passar a noite e o dia
Em penosos trabalhos envolvido,
Se ha-de o homem, pelo ouro engrandecido,
Na miseria viver, como vivia?

Que ideia lhe inspirou a economia?
Se muito se cançou, com que sentido?
A riqueza o tornou doudo varrido,
Ou juntou, sem saber o que fazia?

Faz-me a incerteza dar volta ao miôlo;
Mas creio que um pensar judicioso
Não tem, quem na pobreza acha consôlo:

E, além de louco, é mau o ambicioso:
Se o dinheiro que tem não gosa — é tôlo —
Não deixa os mais gosal-o — é criminoso!

*

OS DOUS GYMNASIOS

Ha um theatro em Lisboa
— Que Gymnasio se appellida —
Onde a mágoa é prohibida,
Onde jámais se consente
Um suspiro, um ai pungente.

Em tão ditoso recinto
Só entra, em vez da tragedia,
A espirituosa comedia;
E, em lugar do triste drama,
A farça, que o rizo chama.

Quando o poder da tristeza
Dominar o mundo tenta,
Inda a mágoa se afugenta
N'essa casa abençoada,
Onde reina a gargalhada;

E apenas as portas se abrem,
Alli junto o povo em massa
Bemdiz o tempo que passa;
Que jámais alma piedosa
Alli se viu lacrimosa!

Se todo um povo coubesse
Lá n'aquelle céo aberto,
Fôra Lisboa um deserto,
Quando, com economia,
Alli se compra a alegria!

Mas o céo não é p'ra todos,
E vae o povo disperso
Aos theatros onde, immerso
Em pesar, todo o vivente
Triste chora e triste sente;

Chora a dama que, sensivel,
Uma actriz vê desmaiada;
Chora a creança espantada,
Porque na scena um conflicto
A desperta, ao som d'um grito!

Chora tambem o emprezario
Quando a casa tem vazia;
Chora o actor, em agonia,
Que a peça estudára inteira,
Para os bancos de madeira!

O dramaturgo, mil vezes
Tambem chora apoquentado,
Porque em scena, estrangulado
Vê morrer, qual criminoso,
Um seu drama apparatoso!

E o povo, que tem na vida
De tristeza horas e dias,
Fugindo ás semsaborias,
Quer antes gastar dinheiro
Rindo, alegre e prasenteiro.

Mas do Gymnasio o prestigio
Vae prestes cahir por terra;
Que outro Gymnasio faz guerra
A aquelle, que ha tempo tanto
Era dos povos o encanto.

Com dimensões estupendas,
O grande theatro novo,
Tem nobreza, clero e povo,
Entre bons e maus actores,
Comparsas e espectadores!

O local é mais que bello!
As palmas e a pateada
São livres: — é livre a entrada
Na plateia e galerias,
E ha funcções todos os dias!

Este Gymnasio é o Porto! —
Os dramas tristes, sentidos,
Não vogam, são repellidos;
E se um dia algum figura
É sempre em caricatura!

Sendo immensa a Companhia,
Ligam-se tanto os actores,
Que, d'entre elles, os maiores,
Ás vezes fazem, nas farças,
Tristes papeis de comparsas!

Tem aqui remedio prompto
Quem soffrer d'hypocondria;
— Mas, no excesso d'alegria,
Póde a pessoa affectada
Rebentar, n'uma risada! —

Venha vêr aqui a plebe
D'arminhos toda coberta,
Deixando de bôca aberta
Quem se lembra, pela historia,
Dos tempos da nossa gloria.

Venha vêr qualquer idiota,
Que o destino tornou rico,
Tentar já metter o bico
Onde, reinando a decencia,
Só bebêra a intelligencia.

E em camisa d'onze varas,
Por culpa sua mettido,
Escrever — e com sentido —
Dando tratos aos miolos,
Em vez de Carlos, *Carróllos!*

Venha vêr grossos lapuzes,
Pela riqueza orgulhosos,
Submissos e attenciosos
Fallarem, já, com modestia,
A qualquer *José da Vestia,*

E a cabeça, descoberta,
Humildemente curvando,
Pedirem, quasi chorando,
Com fingida urbanidade,
Um *voto,* por caridade!

E chamando *eleição livre*
Ao que foi proprio trabalho,
Como um burro c'um chocalho
Com o alto cargo contentes,
Já grosseiros e impudentes,

Esses mesmos despresarem
Que d'escada lhes serviram;
E em questões que nunca viram
Entrando já com denodo,
Com pasmo do povo todo,

Nas palavras papagaios,
Feios macacos, nos gestos,
Soltaram já, immodestos,
Junto a acção vil e grosseira,
Em cada falla uma asneira!

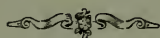
Venha vêr as grandes obras
De *Mac-Adam* pelo invento,
E, com chuva d'um momento,
Rico, pobre, novo e velho,
Com lama até ao joelho,

Pelas ruas espetados,
Com rheumatismo gritando;
Até que as damas, passando,
Com as caudas dos vestidos,
Os deixem desempedidos!

Venha vêr n'um throno a asneira,
De rastos a intelligencia,
E a estupidez e a demencia,
Passeando de braço dado,
Levando o ouro a seu lado,

Dos que se dizem mais livres
Mil affectos receberem;
A ponto de se dizerem,
Vendo o senso desthronado,
Rainhas d'este reinado!

E vendo, emfim, como impera
Esta nova magestade,
Terá por grande verdade
Que o Porto quer, n'esta guerra,
Lançar o Gymnasio a terra!

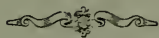
SONETO

Pansudo trapalhão no mundo andava,
Seu occulto valor apregoando;
E tinha-o na mudez, porém fallando
A sandice era tal que o enterrava!

Mas, opposto ao silencio, que odiava,
Pretenções a orador sempre ostentando,
Tanto fez, que a policia o foi levando,
Porque do estado seu já suspeitava!

O povo que o topava no caminho,
Vendo-o prêso marchar, sem saber onde,
Dizia com pesar: «será tolinho?»—

« N'este espelho, mortaes, os olhos ponde:
« Não queiraes figurar (diz um meirinho)
« Elle tolo não é, mas é visconde! »

O AVARENTO

(PARA SER RECITADA N'UM THEATRO)

Dinheirinho abençoado!...
Duzentos contos... aqui!...
Homem tão afortunado,
Como eu sou, inda o não vi!
Dizem que sou usurario?...
Mentem!... quem é perdulario
Gasta o que tem, e vem cá...
Off'rece-me um grande juro,
E eu, então, não sou tão duro
Que não diga: «tome lá»!

Esmolas... nem se pergunta...
Não me sae uma da mão!
Pois dar a gente o que junta...
Pôr-se a pedir!... isso não!...
É mesmo um grande peccado!...
Fui d'este modo educado
Por meus paes e meus avós:
Caridade!... Nada... nada...
Não que ella, bem ordenada,
Principia cá por nós!...

Todos podem ter dinheiro;
Mas é mister, p'ra o juntar,
Olho vivo, pé ligeiro,
Ganhar sempre, e não gastar!
Eu tenho-o, porque assim faço...
Demais, nunca dei um passo
De graça, por fazer bem...
Agora, se a cousa rende
Sou prompto, mas — já se entende —
Não quero o suor de ninguem!

E respeito a economia! —
Inda ninguem me venceu:
Gasto seis vintens por dia...
O caldinho... faço-o eu...
Ao almoço, uma sardinha
Com brôa, e bem assadinha,
É mesmo de consolar!...
A ceia... isso bagatella...
Sempre cresce uma tigella
Do caldinho do jantar.

Roupinha... tenha só esta,
E dou graças ao Senhor...
Se eu não entro n'uma festa!...
Se o theatro me causa horror!...
Se eu julgo um baile um inferno!
— O que eu quero é, pelo inverno,
Andar quentinho... isso sim!...
Comigo não sou poupado!...
Para andar agasalhado
Dou tudo... eu cá sou assim!...

Hontem, com esta casaca,
Tendo um frio de matar,
Até rasguei uma saca,
Para as costas lhe forrar!
Rasguei-a e não tive pena!
A perca não foi pequena...
Mas embora... fiquei bem,
E fugi dos comedores...
Alfaiates!... mercadores!...
Consciencia... nem um a tem!

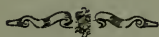
E vamos assim vivendo,
Ninguem sabe o que será;
Eu ando sempre tremendo,
Co'as voltas que o mundo dá! —
Dizem que sou avarento!
Mas, se eu vivo a meu contento,
Que importa o que o povo diz?...
É bem tolo quem m'o chama!...
Ora vejam se essa fama
Não me faz viver feliz:

Dos que pedem por officio
Nem um só me vem pedir!...
Actor que faz beneficio
Não se lembra de cá vir!
Esses *grandes* da cidade,
— Os homens de caridade —
Que fazem grandes acções,
Nenhum d'elles me procura,
Nem me pede a assignatura...
Nem vem limpar-me os tostões!

As gazetas, tenho-as lido
Quando aqui m'as vem trazer;
Assignal-as, a pedido!...
Nada... nada... não sei lêr!...
Assim poupa-se o dinheiro,
E quando haja algum bregeiro
Que lá me queira zurzir,
Não me faz suar a testa!...
Como não pago p'r'a festa,
Leio tudo... e fico a rir!

Até os ladrões, coitados,
Não tentam vir-me roubar!...
Pois ficavam arranjados
Se podessem cá entrar!...
Os outros riem... motejam...
Mas... por fim... todos cortejam
Um homem que tem de seu!
No mais não me dão desgosto: —
Elles vivem a seu gosto,
Eu vou cá vivendo ao meu.

NO ALBUM

DO MEU AMIGO TORRES E ALMEIDA

Tens um album triste — amigo!
Tens em casa um cemiterio!
Tens a tristeza comtigo,
N'um livro, todo funereo!

Tudo aqui são choradeiras,
São tudo mágoas e dores!
Morreram as *carpideiras,*
Nasceram os *carpidores!*

Leio estas folhas com mêdo,
Vejo n'ellas um abysmo;
Receio mergulhar cêdo
Nas ondas do scepticismo!

*

Costumar não quero a vista
A negros quadros, horriveis,
Com que o demonio conquista
As almas fracas, sensiveis!

Ah! fuja o livro nefando
Longe do meu domicilio!
Quero a alegria!... chamando
A razão em meu auxilio!

É feliz, é bella a ideia
Que a dominar-me já sinto;
Julga-a, embora, triste e feia,
Mas pódes crêr-me — não minto.

Ella importa um desmentido
— Do dever contra o preceito —
A escriptos que tenho lido,
D'amigos teus, que respeito.

Mas, feita a venia devida,
Dizer-lhes quero a verdade,
Singela, embora, e despida
De galas, d'amenidade:

Não creio n'esses lamentos,
N'essa dôr, n'essa agonia: —
Nascem d'esses desalentos,
Tantas vezes, n'uma orgia!...

Á força obedece a penna,
O papel tudo recebe,
E o peito ás vezes condemna
Quanto a cabeça concebe!

Houve tempo em que a poesia,
Na botanica abraçada,
Só de plantas se nutria,
Só d'ellas era enfeitada!

Os jasmins, cravos e rosas,
E outras florinhas selectas,
Eram, por serem formosas,
Propriedade dos poetas:

No mais esteril terreno
Eram ás vezes plantadas,
Regadas com pranto ameno,
Pelas Musas cultivadas;

E vates eu vi que, apenas
Por tornar seus cantos bellos,
Punham no charco açucenas,
E no jardim cogumellos!

E no poetico delirio,
Contra a razão em peleja,
Procuravam, mesmo, um lirio,
Onde só nasce carqueja!

E p'ra serem mais suaves
As canções dos trovadores,
Vieram tambem as aves,
A voar por entre as flores!

Foi tão grande o espalhafato
Com acquisição tão bella,
Que ás vezes trinava o pato
E grasnava a philomella!

Seguiam todas seu trilho,
Eis que, n'um dia ditoso,
Veem os astros, com seu brilho,
Tornar o quadro famoso!

Revoltos os elementos
Juntam-se, em fraternidade,
Entram n'esses movimentos,
E rebenta a tempestade!

Murcharam todas as flores,
P'ra longe as aves fugiram;
Os astros e seus fulgores,
N'um momento, se encobriram!

Tristes os vates, sósinhos,
A carpir-se começaram,
E, desde então, coitadinhos,
Não riram mais, nem folgaram.

E na soidão, lamentando
Os desvarios da sorte,
Ficaram sempre invocando,
Como salvaterio, a morte!

Tornou-se moda a tristeza
Nos vates da nossa idade,
E mudou, por natureza,
De moda em necessidade!

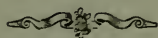
Quem sabe, pois, caro amigo,
Se algum dia, d'improviso,
A moda trará comsigo,
Em vez dos prantos, o riso?

Verás então mil poetas
Rindo sempre ás gargalhadas,
E authoridades discretas,
Contra os pobres conspiradas,

Ao vêl-os, como insensatos,
Sempre a rir e a dar aos folles,
Tomando-os por mentecaptos,
Mandal-os p'ra Rilhafolles!

É por isso que os censuro,
E — de todos afastado —
Rio só — mas, no futuro,
Tendo-se o riso acabado,

Em silencio, despresando
De vate a lucida c'rôa,
Fugirei d'ir caminhando,
Com elles, até Lisboa.

SONETO

Formigas tenho visto, esvoaçando,
No pó, a rastejar, *aguias* valentes,
Orando, *papagaios* eloquentes,
Jumentos, a cavallo, passeando;

Cães de fila, a amisade respeitando,
E *homens,* em seus paes cravando os dentes;
Gansos, a levantar vozes cadentes,
E *cysnes,* entre o lôdo chafurdando;

Serpentes, sobre estôfo assetinado,
Pombas, ao abandono, e sem conforto,
E *perús* a cantar, de papo inchado!

Só resta a quem tudo isto viu no Porto,
Vêr um vivo, ha dez annos enterrado,
E a pé por essa rua, a andar, um morto!

A S. GONÇALO

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas;
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas?

De certo não sabes, oh meu São Gonçalo,
Da guerra tão impia que o mundo te faz!
Poder que da terra não teme um abalo,
Tentando roubar-t'o, perturbam a paz!

Que as velhas proteges é fama entre o povo,
E o povo o dominio das velhas não quer;
Pois são rabugentas, e já não é novo
Que é duro a rabugem soffrer á mulher.

Nem ellas merecem que um braço potente,
Que ás novas não vale, lhes dê protecção;
Que os annos gastando na terra, sómente,
Não querem um dia fazer-te oração!

Suppondo que a falsa belleza conquista,
Nas faces poem tintas, que compram aqui;
Já vês, oh meu Santo, que até n'um droguista,
Que vende, confiam, bem mais do que em ti.

Com varas de folha, que teem por dinheiro,
Seu corpo endireitam, p'r'a terra a pender;
Milagres esperam d'um bom funileiro,
Despresam, vaidosas, teu alto poder!

E guerra á velhice movendo, tão forte,
Nas ruas, nos bailes, as vêmos tambem;
Ai... casa-as, bom Santo, que é dura esta sorte,
Ou dá-lhes o senso, que as pobres não teem!

As moças, coitadas, formosas que sejam,
Mais que ellas, precisam d'um bom protector;
Que muitas não casam, por mais que forcejam,
Embora possuam thesouros d'amor!

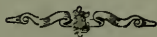
Debalde, outras, tendo d'um noivo cobiça,
Com mil arrebiques carregam em si;
Não cega os mancebos belleza postiça,
Só grandes fortunas se querem aqui!

Amor e virtude, no mundo mesquinho,
Se outr'ora valeram, não valem real;
Protege-as, protege-as, meu São Gonçalinho,
Supplanta o dinheiro, teu forte rival!

Que as feias, devassas, de genio terrivel,
Se a tudo isto podem bom dote juntar,
Despertam nos moços *paixão* invencivel,
E ás vezes do berço lá vão p'ra o altar!

As velhas despresa! — Que o povo não diga
Que só por capricho teu braço lhes dás!
Das pobres e honestas qualquer rapariga
Sem ti, São Gonçalo, não acha um rapaz.

SONETO

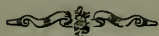
(N'UM ALBUM)

Tão vazio o teu album inda está!
Se alguma causa houver, não sei qual é
No Porto, onde a poesia chega, até,
P'ra encher quanto papel o mundo dá!

Que entre mil vates um não haverá
Que os seus versos te negue, tenho fé;
E se o album não póde ir por seu pé,
Como o mandaste cá, manda-lh'o lá:

E quando tente algum fugir de ti,
Dizendo que escrever-te póde, só
Um canto, de bellezas todo nu,

Responde que assim mesmo eu escrevi;
E que as rimas se encontram, como o pó,
Em -*a*- em -*e*- em -*i*- em -*o*- em -*u*-!

NO ALBUM

DO MEU AMIGO FRANCISCO JOSÉ DE REZENDE (PINTOR)

P'ra que exiges aqui, Rezende amigo,
Um nome, qual o meu, obscuro e pobre? —
Um nome que só tem achado abrigo
No *Bardo,* entre mil nomes, qual mais nobre?
Não sabes que illustral-o eu não consigo,
Embora, ha muito, em mim, desejo sóbre?...
— P'ra que exiges?... mas não... é já bastante...
É modestia de mais... vamos adiante.

Pretendes versos meus!... terás meus versos,
Embora, p'ra t'os dar, falte a materia;
Em mil albuns os tenho já, dispersos,
Sem conceito... sem graça... uma miseria;
Mas ha albuns, comtudo, bem diversos!
E, no teu, escrever... é coisa séria!
Cumprirei: — « Venha cá, senhora Musa!
« Não tem hoje lugar uma recusa.

«Olá! como passou, minha senhora?
«Não me lembro de vêl-a, ha tempo immenso!
«Mas já não vem risonha, e seductora!...
«Não me quer ajudar... segundo eu penso!
«Pois olhe, se não quer (o que bom fôra)
«Tambem o auxilio seu hoje dispenso:
«Sem elle *muita gente* pulsa a lyra;
«E a mim, é a amizade que me inspira.»

Eis-me só, caro amigo! — Bem teimosas,
Lá no Parnaso, até, são as mulheres!
Algumas trovas, pois, frias... rançosas,
Só te posso offertar, se assim quizeres;
Mas... lisonjas, p'ra mim tão ascorosas,
Nem eu t'as posso dar, nem tu as queres:
De lamurias já tens teu album cheio,
E tristezas em verso!... eu não as creio.

E sôffro... que não sou eu venturoso,
Julgue-me embora alguem d'outra maneira;
Mas para o mundo, ingrato e desdenhoso,
A cara sempre alegre e prasenteira;
Em publico verter pranto amargoso,
E ter em troca um riso? — É grande asneira!
Este mundo não é o que parece;
Quem sério o encarar, não o conhece.

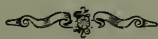
Inda assim, meu Rezende, não supponhas
Que espero ancioso a paz da sepultura;
Que eu góso por aqui scenas risonhas,
Em troca de momentos d'amargura;

Não desposo as ideias, tão medonhas,
D'allivio ir encontrar na campa escura!
— Quizera, até, no mundo desgraçado,
Como o abbade na egreja, ser *collado.*

E não creias jámais nos *chora-migas,*
Que só escrevem versos de tristeza!
A vida, boa ou má, nunca a maldigas,
Bem vês que deves muito á natureza;
Quando aqui a ventura não consigas,
Visto que o Genio teu quer mais largueza,
Vae o mundo correr — nunca o empeças,
E cá do pobre alegre não te esqueças!

Abril 4 de 1854.

*

POESIAS DA ULTIMA MODA

RECORDAÇÕES DA INFANCIA — UM ANJO — SOFFRIMENTOS — DESESPERAÇÃO

RECORDAÇÕES DA INFANCIA

Saudades!... Tenho saudades
D'esses tempos que lá vão!
Quando á porta do quinteiro
Eu jogava o meu pião;
Quando no campo eu corria,
C'um papagaio na mão!

Oh! que então eram, na terra,
Tudo venturas, p'ra mim!
Meu pae me dava biscoitos,
Minha mãe beijos sem fim;
Minha avó me defumava,
De manhã, com alecrim!

Por entre os prados amenos
Como, contente, eu saltei,
Com meu chapéo de dois bicos
Que d'um papel arranjei,
E em grosso pau a cavallo,
Mais orgulhoso que um rei!

De ser christão, n'essa idade,
Tendo já nobre altivez,
De papelão com a mitra
Que o mano Antonio me fez,
Ao pé da minha egrejinha
Bispo fui por muita vez!

Nos innocentes folguedos
Eu via o tempo voar;
Se um dia vinha um sopapo
Que me obrigava a chorar,
Depois, de mimos coberto,
Eis-me a rir, eis-me a brincar!

Meu pião idolatrado,
Que será feito de ti?...
Papagaio da minha alma,
Ha que tempo te não vi!
Dôces biscoitos d'outr'ora,
Quem m'os dera agora aqui!...

Meigos beijos, innocentes,
Como ainda me lembraes!
Cheirosos defumadouros,
Que saudade me inspiraes!
Meu lindo chapéo de bicos,
Não me enfeitarás jámais!

Grosso pau em que eu montava,
Em cinzas, talvez, será!
A mitra, com que fui bispo,
Esfarrapada foi já!
E a minha bella egrejinha,
Em que mãos hoje estará!

Da infancia a negra saudade,
Que á desgraça me reduz,
A minha alma espivitando,
Tem quasi apagada a luz;
Só vivo até que meu peito,
Ás escuras, diga: — *truz!*

UM ANJO!

Não sabes, meu anjo, que sinto n'esta alma
Tormentos que excedem
Dos dentes a dôr?
Não pensas, ao menos, que a dôr não se acalma
Sem que me borrifes
Com pingas d'amor?

Teu negro cabello — que o lustro mesquinho
Da bota engraxada
Não póde vencer —
Prendeu-me, e tão preso, que nem um meirinho
Assim me podéra
Com cordas prender!

Teus olhos, tão vivos, tem fogo radiante
Que aos astros que brilham
Seu brilho desfaz;
Nas trevas d'esta alma, com lume brilhante,
Parecem dous bicos,
Dous bicos de gaz!

Teus labios tem labia, se vem n'um sorriso
Mostrar-me a dentuça
De branco marfim;
A voz maviosa me rouba o juizo,
Se diz o que sentes,
Tim tim, por tim tim!...

A mão delicada, pequena, é lindinha,
Nos dedos, nas unhas,
Nas pelles que tem;
E o pé pequenino, que occulta a botinha,
Tem unhas, tem dedos,
Tem pelles tambem!

No corpo elegante, direito e airoso,
Semelhas a estatua
Quando andas em pé;
Se está recostado teu corpo mimoso,
Pareces, dormindo,
Formoso *nené!*

Quem tantos e tantos encantos encerra
No corpo tão bello,
No rosto sem veu,
Não póde ter sido creado na terra...
Oh! não... és um anjo,
Mas anjo do céo!

SOFFRIMENTOS!

Soffro muito, meu Deus! É meu destino,
Sobre a terra, soffrer... sempre soffrer!
Tenho umas botas de bezerro fino,
Que mil vezes me poem os pés a arder!

Não posso mais... não posso... que esta vida,
Para mim, se tornou inferno atroz!
Tenho a minha casaca descosida,
E o fôrro já se vê... vê-se o retroz!

Do passado só tenho agra saudade,
No presente só sinto amarga dôr!
O inverno passo-o todo em frialdade,
O estio, sempre cheio de calor!

É muito, grande Deus!... Penas tão duras
Não as póde um vivente supportar!
Se, á noite, apago a luz, fico ás escuras;
Fecho os olhos, de dia, ando a apalpar!

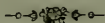
Que crimes tenho eu feito sobre a terra?
Porque tudo se volta contra mim?
Tenho um gato maltez, que á noite berra,
E, por mais que o enxote, é sempre assim!

Não escuta ninguem os meus lamentos,
E muitos quando eu choro poem-se a rir!
Aos que zonbam por ahi de meus tormentos,
Hei-de matal-os, todos, e fugir?!...

Oh! não... que eu nunca foi um criminoso!
Mas, por ter um benigno coração,
Na loteria, até, sou desditoso,
Aos outros sahem premios, a mim... não!

A desventura é sorte dos poetas!
Muitos d'elles a tem soffrido, já!
Ha no mundo uma sucia de patetas,
Que escarnecem de quanto a Musa dá!

E julgando fingido este meu pranto,
Que desgraçado sou não podem crer!
É muito, grande Deus, não posso tanto!
Esp'rança tenho-a só no teu poder!

É por isso, talvez, que os collarinhos
D'uma camisa nova que vesti,
Não me deixam aqui gosar carinhos,
E me obrigam, da terra, a olhar p'ra ti!

DESESPERAÇÃO

A vida!... Que importa a vida,
A quem vive p'ra soffrer,
Tendo só fel por bebida,
E só ossos p'ra roer!
Com receio d'ir ao fundo,
De que serve andar no mundo
A remar contra a maré,
Entre roda de navalhas,
Vendo a esp'rança de cangalhas,
Vendo a dôr sempre de pé?...

Passo dias infelizes,
Sem poder nunca estancar,
Nos olhos, dous chafarizes,
Mas d'agua quente, a escaldar!
Se toca a fogo em meu peito,
Dizem-n'o porto suspeito,

E soccorro peço-o em vão;
Ninguem conta as badaladas
Que soam, desentoadas,
Nas torres do coração!

Fórça-me o negro destino
A entoar tristes canções,
Como o badalo do sino
Sempre, sempre aos trambolhões!
Se me veem do abysmo á borda,
Mais me puxam pela corda,
E a gemer me obrigam mais!
Com desdens, com indiff'renças,
Me caçam as minhas crenças
Como quem caça pardaes!

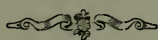
Que importa a vida, passada
Entre amarguras crueis?
Vêde-me a face molhada
De pranto por dois toneis,
Que teem por boca os meus olhos,
E onde tormentos aos molhos
A mágoa vão espremer!
Ninguem lhes tapa o suspiro,
E eu gemo, choro, deliro,
Hei-de-me assim desfazer!

Joven sou, velho pareço,
Porque a dôr me envelheceu!
Se esta vida é um tropêço,
Quem tropeça mais do que eu?
D'esta fronte, encanecida,

— Como em vistosa e comprida
Taboleta d'armazem —
Póde lêr-se no destroço:
« Aqui se chora por grosso,
Aqui se geme tambem. »

E assim vou rompendo as solas
No mundo, em busca da paz,
Até que, rotas as molas,
Venha a morte, e diga: — *zás!*...
Então, sim!... na sepultura
Ha-de findar a amargura,
Porque nada amarga alli;
Não terei, dentro da toca,
Estes amargos de boca,
Tão amargosos aqui!

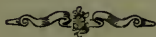
Venha a morte! Venha a morte
Meus tormentos acabar!
Tenho já meu passaporte,
Posso á cova caminhar!
E depois, lá sobre a lousa,
Grave-me alguem qualquer cousa,
Por este modelo meu:
« Aqui jaz pobre pateta,
« Que entregue á moda — *poeta* —
« Tanto chorou, que morreu! »

SONETO

N'esse tempo em que tudo bem fallava,
Como falla, ao presente, um deputado,
Orelhudo jumento, empavonado,
Com lindo papagaio disputava:

És um tolo — o jumento sustentava —
O ouvido, e nada mais, tens apurado;
Se eu te fizera, assim, tão enfeitado,
A viver sem fallar te condemnava.

E porque fallas tu? — bicho nojento —
Quem mais te habilitou? — bruto!... pedante..
— Responde o papagaio n'um momento —

A mim? Pois nem te lembras — petulante! —
Que em quanto prêso estás — torna o jumento —
Fui a Coimbra levar um estudante?...

COUSAS QUE ACONTECEM

Negociante que soffre
Caixeiro que fuma e dança,
E que ao dar balanço ao cofre,
Nutrindo desconfiança,
O não põe logo na rua,
Recúa.

Mulher que não tem dinheiro,
Nem é, tão pouco, formosa —
Gaste, embora, o dia inteiro
Ao toucador, caprichosa, —
Se, aos trinta, d'amor se abrasa,
Não casa.

Grosseiro commerciante
Que os filhos quer ter doutores,
E ao balcão só, e constante,
Passa a vida em dissabores,
Dando voltas ao miôlo,
É tôlo.

Militar que, ás leis sujeito,
Tem basofia em ser honrado,
E aos grandes tendo respeito,
Do dever do bom soldado
Nem um momento discrepa,
Não trepa.

Mancebo que o tempo gasta
Em Coimbra, leis estudando,
E affectando instrucção vasta
Quer, na seara alheia entrando,
Em tudo metter a foice,
Dá coice.

Homem da plebe nascido,
Que um dia chega a ser rico,
E, pelo ouro engrandecido,
Quer metter em tudo o bico,
Affastando-se do povo,
É bobo.

Poeta que principia
Invocando sempre a morte,
E que apenas tem poesia
P'ra chorar sua má sorte,
N'um continuo desafogo,
Cae logo.

Litterato que começa
Tudo a esmo criticando,
Sem que as suas forças meça,
Ás vezes muito fallando
D'aquillo em que sabe pouco,
É louco.

Homem que, tendo exercido
Empregos de rendimento,
Ao vêr em baixo um partido
Presta n'outro juramento
De seguir o seu destino,
É fino...

Cantor que vem muito ufano,
Com cartas p'ra muita gente;
Que diz tocar bem piano,
Ser de nobres descendente,
Andar no theatro por festa,
Não presta.

*

Clerigo novo, que affecta
Fugir do mundo aos encantos;
Que é na apparencia um propheta,
E a vida conta dos santos
Á velha e á moça donzella,
Cautella!...

Creança que tem vaidade
D'usar chapeo e casaco,
E, apesar de curta idade,
Furta ao pae o seu pataco,
em toda a parte se mette,
Promette...

Pae que ao filhinho concede
Liberdade sem limites;
ue lhe dá quanto lhe pede,
Que o deixa acceitar convites,
E nas loucuras o afaga,
Tem paga.

Jornal que acceita e publica
Quanto lhe off'reçam, de graça;
Que toca na gente rica,
Que um partido só abraça,
E os erros todos censura,
Não dura.

Individuo que não teme
Nas mãos cahir da justiça,
E que — tendo só por leme,
Durante a vida, a cobiça —
É falso, mau, impudico,
É rico.

Fidalgo que tudo entrega
Nas mãos de procuradores,
E, em confiança tão cega,
Ao vêl-os grandes senhores,
A melgueira não descobre,
É pobre.

Artista que anda a cavallo,
Que ser janota pretende,
E imagina que um só callo,
Que mostre nas mãos, offende
Sua prosapia tamanha,
Não ganha.

Velha que traz cabelleira,
Que as faces tinge de caio;
Que p'ra andar têza e ligeira
Ao espelho faz ensaio,
E aos seus annos não attende,
Pretende.

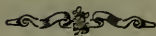
Homem que soffre uma offensa,
De quem favor lhe devia,
E, sem dar-lhe a recompensa,
D'esse aggressor se desvia,
E, se póde, o mimoseia,
Receia.

Escriptor sempre disposto
A incensar a fidalguia,
E que, abatendo o seu posto,
O talento, noite e dia,
No servilismo consome,
Tem fome.

Dançarina que recebe,
Dos janotas, comprimentos,
E, a fingir que os não percebe
Se lhe fazem juramentos,
Sabe prender fracas almas,
Tem palmas.

Poeta, ou mesmo aspirante,
Que um volume encher deseja;
Ou pretenda um nome ovante,
Ou dinheiro só preveja,
Ficando bem ou malquisto,
Faz d'isto.

SONETO

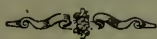
(A UMA VELHA NAMORADEIRA)

Quando o preço do pão tem levantado,
E são por ahi sem conta os comedores,
Que fazes tu aqui, fingindo amores,
Envergonhando o seculo passado?

Vae-te embora do mundo desastrado,
Onde estás p'ra augmentar crueis horrores!
—Se, p'ra lembrar-te aos teus adoradores,
Um epitaphio julgas acertado,

Na lousa o gravarei d'esta maneira:
«Uma velha aqui jaz, d'olho de rôla,
«Que ha trinta annos usava cabelleira;

«E as faces tendo já côr de cebôla,
«Cheia de pretenções, sempre gaiteira,
«Um seculo viveu, e morreu tôla.»

O ACTOR

(PARA SER RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO, PELO ACTOR ABEL, NA NOITE DO SEU BENEFICIO, EM 27 DE DEZEMBRO DE 1855)

Ha muito quem diga que é vida famosa,
Que é cheia d'encantos, a vida do actor!
Eu cá... não affirmo... porque é trabalhosa,
E os *pintos*... não fazem na bolsa calor!

Ensaio ás dez horas... ensaio de tarde...
Nas noites vazias... ensaio tambem!
Convida-se ao drama, no fim d'este alarde,
Em cima... dez damas!... Em baixo... ninguem!

Em casa, a madama:—«Dinheiro p'ra vacca»!
Lá vem um pequeno:—«Papá, quero pão»!...
Espreme-se um bolso... não deita pataca!...
Procura-se em outros... é tudo cotão!...

É certo que ás vezes, n'um rasgo de penna,
Qualquer dramaturgo me faz... general!
Por fim, bem que eu *ande* com garbo na scena,
Lá diz a gazeta:—«Fulano... *andou* mal»!

O author, n'outra peça — por ser meu amigo —
Eleva-me ainda... despacha-me rei!
Então já dou *graças*... reparto o castigo...
Mas que?... sae o *ponto*... vem cá dar-me a lei!

E quando eu diviso, do throno, sentado,
Um filho, entre scenas, pedindo-me pão!...
Esquece-me a parte... lá fico pasmado...
E calam-se todos... só falla o *tacão!*...

Se julgam que é pouco soffrer isto tudo,
Descancem... que eu tenho tormento maior;
Tormento que faz um actor barrigudo
Tornar-se um espêto!... morrer... que é peor!...

Supponham que trato do meu beneficio...
Do meu salvaterio... se póde chamar...
Os *pintos* são poucos... não tenho outro officio,
Portanto, é preciso os bilhetes passar.

Sae um homem, bem vestido,
E, p'ra todo o fiel christão,
Ou seja ou não conhecido,
O chapeo, sempre, na mão!
Muito rizo... muito agrado...
— Já se vê... tudo estudado,
Como estuda um bom actor; —
Faço beneficio agora,
E então, muito me penhora...
Se me fizer o favor!...

« Isso de toda a maneira!
« Um bilhete... e pago já;
« Mas, espere... é sexta-feira?
« N'esse dia não 'stou cá!
« Se o mudasse bom seria»...
« Tenho, á força, n'esse dia,
« Uma jornada a fazer...
« É fatal coincidencia!...
« Mas emfim, tenha paciencia,
« D'esta vez... não póde ser.»

Lá vou seguindo a derrota,
C'um ferro por ahi além!
Chego-me ao pé, d'um janota,
Que por costume aqui vem:
Aqui é certa a victoria!
Trato d'impingir-lhe a historia,
Eis que elle a vem atalhar!
« Não sabe?... tive um abalo!...
« Morreu-me hoje o meu cavallo...
« Por isso... ha-de perdoar!...

Tem razão!... anda de luto,
Não póde entrar em funcções:
E assim, na morte do bruto,
Tambem perco alguns tostões! —
Vou ter c'um negociante:
— Como sei que é muito amante
Do theatro portuguez,
Eu não posso ser ingrato...
Levo um drama d'apparato...
Levo um soberbo entremez!...

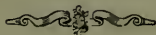
« Pois guarde lá o seu drama,
« Vá para o inferno, você!
« P'ra gastar, qualquer me chama!
« O que eu não acho é quem dê!
« Jesus! Isto não se atura!
« Um, vem c'uma assigatura,
« Outro me pede a chorar,
« Você c'um bilhete, agora!...
« Deixe-me homem, vá-se embora!
« Tenho muito em que o gastar!

Busco—já de cara torta—
Das damas a protecção;
Mas... chego á primeira porta,
Bato... espero... bato... em vão...
Vem a criada da sala:
« A senhora não lhe falla,
« Nem do seu quarto hoje sae;
« Mataram-lhe a cadellinha...
« Chora tanto... coitadinha!...
« Ella ao theatro não vae! »

Morre o cavallo... n'um dia...
Morre a cadella... por fim,
Tenho toda a bicharia
Conspirada contra mim!
Volto a casa, desesp'rado,
Vem a mulher: — « Tens passado
« Os bilhetes que te dei? »
Deixa-me! Olha que te acabo!
Tenho passado o diabo!
Foi o diabo que eu passei!

Lá por fóra... escarnecido...
Em casa... sempre questões...
O beneficio... perdido...
A algibeira... sem tostões!
—Mas não é hoje—se entende—
Esta noite... a coisa rende...
A casa póde-se vêr!...
—Vou saber, do bilheteiro,
Como vamos de dinheiro,
E cá venho agradecer.

EPISTOLA

(AO MEU INTIMO AMIGO FRANCISCO DE SÁ NORONHA)

Vou escrever-te em verso! — É cousa feia
Pretender occupar comtigo a Musa,
Sem poder consagrar-te uma epopeia:

Mas se ao intento o genio se recusa,
Já vês que o genio é só quem n'isto, pecca,
Porque fraco me vê, do fraco abusa!

Assim, vae-te dispondo a grande sécca;
Pois não posso fazer na rude lyra
Tanto, como tu fazes na rebeca:

Graves sons que o teu braço d'ella tira,
Tiral-os tento em vão, com singeleza:
Versos *graves* só faz quem Deus inspira!

Sons *agudos,* tambem, dás com braveza,
Que eu não posso imitar, porque me falta,
Para dar-te os *agudos,* a *agudeza.*

Apegado ao talento, que te exalta,
Tomando por degraus *notas* selectas,
De modo que o espanto o povo assalta,

Subindo com maneiras circumspectas,
Tu vaes da *escalla* ao cimo, emquanto eu fico
No mais baixo da *escalla* dos poetas!

E além d'isto que noto és inda rico,
N'outras cousas em que eu não me intrometto,
Mas em que tenta *alguem* metter o bico!

Dás *oitavas*, e eu dar-t'as não prometto:
E como tentará chegar a *oitavas,*
Quem lhe custa fazer um só *terceto?*

E sabendo eu que n'isso me ganhavas,
Comtigo caminhar fôra loucura,
Por não poder chegar onde chegavas!

Harmonicos, tambem, dás com finura;
Com elles o que tocas tem poesia,
Arrebata, commove, e tem doçura:

A lyra que dedilho, em tudo fria,
A *harmonicos* não chega, e é—com franqueza—
Seu maior erro a falta d'*harmonia.*

Foi avara comigo a natureza!
Nem te posso imitar no *pizzicato,*
Porque as cordas não pilho, com firmeza,

E soltara da lyra um som ingrato;
Que as unhas, que devêra ter cortadas,
Aguçadas as tenho, como um gato!

Mas por têl-as assim, pouco aparadas,
Muitas vezes lhes dou serviço estranho,
Para o qual inda são pouco afiadas!

É com ellas, então, que eu esgadanho
Una *bichinhos,* de vulto pequenino,
Que imaginando ter grande tamanho,

Ousam tanto elevar seu desatino,
Que julgando offuscar a gloria tua,
Aguçam para ti dente canino;

E erguendo a fraca voz, na raiva sua,
Para a altura em que estás pelo talento,
São fraldiqueiros cães, ladrando á lua!

Mas cançam, enrouquecem n'esse intento,
Por verem que estás firme no teu throno,
Como a lua a brilhar no firmamento!

Desfallecem, por fim, e ao abandono,
Estendidos no lodo, enlameados,
Morrem como quem são, *gozos* sem dono!

Tu, que os *Lords* já viste embasbacados,
Do teu mago instrumento os sons ouvindo,
Nos bancos da plateia repimpados;

Tu, que em Londres ouviste, retinindo,
Os ardentes applausos, que só ganha
O merito real, alli fulgindo;

Tu, que ao talento, só que te acompanha,
Esses triumphos deves, que tiveste,
Da mais bella das artes na campanha;

Que da Europa e d'America vieste,
De palmas e de louros carregado,
Com que a Patria, tão pobre, ornar quizeste;

Que mostrando o teu genio abalisado,
No meio d'ovações, grandes, completas,
Tens entre os irmãos teus sempre reinado.

Que d'orgulho tornaste, alfim, patetas,
Pelo forte poder d'arte divina,
O povo, os jornalistas e os poetas;

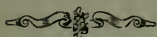
Cuidarias, talvez, que a tua sina
Era só caminhar, sem que podessem
Atacar-te de traz d'alguma esquina?

Pretenderias, mesmo, que esquecessem
O seu officio, *alguns,* e que esquecidos
Nem os pobres *insectos* te mordessem?...

Deixo-os morder, coitados, que, feridos
Pela inveja que os vae mortificando,
Já nem sabem de si... andam perdidos!...

Não te mereçam mais que um rizo brando:
—Só quando te incommodem com zunidos,
Poem-lhes um pé por cima e vae andando.

SEMELHANÇA

(SONETO)

Vê o menino a luz quasi pellado,
São do velho os cabellos quasi ausentes;
O menino, ao nascer, nunca tem dentes,
Mais ou menos, o velho é desdentado:

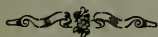
Pelos paes o menino chama ousado,
Falla o velho em seus paes, como presentes;
Cae o menino em logros innocentes,
O velho pelos netos é logrado:

Quer-se o menino vêr d'enfeites cheio,
Pretende o velho impôr, pela apparencia,
Os annos encobrindo com o aceio:

Buscam ambos gosar, com imprudencia,
—E, p'ra mais semelhança, ainda, eu creio
Menino e velho iguaes na impertinencia.

*

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM DE MINHA IRMÃ

CAROLINA AUGUSTA XAVIER DE NOVAES

Um album já tens! E eu creio
Que compr'endes a Poesia;
Mas que não saibas receio
Quanto a moda deprecia
Esse tão puro recreio!

Julgas com elle — innocente! —
Mostrar que essa arte divina
P'ra os sabios não é sómente?
— Que a luz que o genio illumina,
De fogo te inunda a mente? —

Mas... n'estas folhas mimosas
Poderás tu, algum dia,
Verter lagrimas piedosas,
Sobre a *sentida* poesia
D'essas musas caprichosas?

Ai!... talvez... que n'essa idade,
Em que abraza o peito o ardor,
Olha tudo a mocidade
Por um prisma encantador,
Que a face muda á verdade!

A poesia — sempre bella —
Quasi nunca é proveitosa
Para a candida donzella;
Que — mesmo se é venenosa —
Doçuras só lhe revela.

Mas se um album tens — embora!
É mister dar-lhe valor:
Começas a ouvir agora
Mentidas phrases d'amor
Lamentos de quem não chora...

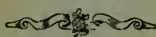
Se um — belbade — te chamar,
E te disser que enlouquece,
Que nasceu para te amar,
Indaga se te conhece,
Ou se ouviu de ti fallar.

Se outro bradar que ama em vão,
Que, ao vêr-te, ficou perdido,
Não lhe prestes attenção!
— Talvez cumpra o teu pedido,
Tendo d'*outra* a inspiração...

Nem, por mais que o canto exprima,
Creias, aqui consagrados,
Ardentes votos d'estima;
Faço versos, por peccados,
Sei a quanto obriga a rima...

Attenta bem n'este espelho!
E da fraterna amizade
Acceita o justo conselho:
— Se velho não sou, na idade,
Já, n'estas coisas, sou velho.

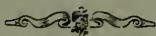
SONETO

(A UM INDIVIDUO QUE SE JULGAVA DOENTE)

Imaginas que um mal impertinente
Consumindo te vae, de dia em dia,
E accusas por tal causa a sorte impia,
Que eu accuso por vêr que estás demente!

Podias inculcar-te heroe valente,
Ou ter o orgulho vão da fidalguia;
Mas, se fôras feliz com tal mania,
Soffres, porque a tens de ser doente!

Se inda queres a sorte caprichosa
Vencer, com armas que a razão ensina,
E ter depois saude, vigorosa,

Come, bebe, e passeia — mas termina
A feia mancebia, escandalosa,
Em que vivido tens co'a Medicina.

UM DEVOTO DE BACCHO

Oh vinho!... Licor famoso!
A ventura devo-a a ti!
Quanto hoje no mundo goso,
Quanto outr'ora padeci!
Na mais affanosa lida,
Creio, só, que, em toda a vida,
Nunca tive indigestões!...
Fomes... sêdes... chuvas... frios...
Tudo atacava os meus brios,
E andei sempre aos trambolhões!
Soffri muito!... mas, embora...
Graças ao bom vinho, agora
Já, p'ra mim, não ha paixões!

Já não sou pobre e mesquinho...
— Do meu rosto a côr o diz —
Dinheiro... tendo-o p'ra vinho,
Tenho tudo... e sou feliz!

Nunca mais me vi faminto!
Chuva... se cae... não a sinto...
Nem tornei a arrefecer!
Sem chorar a minha sorte,
Contra os revezes sou forte,
Nenhum me póde abater!
C'uma garrafa do *fino,*
Faço frente ao meu destino,
E o mundo... deixo-o correr!...

Quando a mulher se consome,
Vendo os filhos a chorar...
Coitados... porque teem fome,
E não ha pão p'ra lhes dar;
Eu bebo... e, depois de quente,
Vejo-me alegre e contente,
Julgo que tudo vae bem!
Dizem que o dinheiro é raro,
Que o milho corre tão caro,
Que lhe não chega ninguem...
E eu... no chão, mesmo, deitado,
Durmo... e não me dá cuidado
O que vae... nem o que vem!...

E que sonhos, tão felizes,
Vem o meu somno doirar!
Que variados matizes
Vejo em torno a mim brilhar!...
Vejo a casa illuminada...
Ricamente alcatifada...

Bellos sophás de setim...
Mil garrafas com licores...
Immensas jarras com flores,
Das mais bellas d'um jardim!...
Tudo sonho!... mas é certo
Que ás vezes... mesmo desperto,
Eu tenho sonhos assim!...

Isso tenho... e então... transformo
Tudo quanto em casa jaz!
Até da candeia eu formo
Um rico lustre... de gaz!...
A mulher... triste... e em pobreza,
Parece-me uma princeza,
Que me vem comprimentar!
Se os filhos, qual mais esguio,
Cheios de fome e de frio,
Se poem todos a chorar,
Dando guinchos que ensurdecem,
Sabem o que me parecem?...
Clarinetes a tocar!

E digam que a pingoleta
Não faz um homem feliz!
Oh se faz!... quem diz que é peta,
Não considera o que diz!
Bradam que o beber é vicio,
E eu provo, sem artificio,
Que é um precioso dom!
Se o vinho causa alegria,

Se dá força e bizarria,
Quem dirá que não é bom?!...
O systema ha-de ir pegando!
Se elle já se vae usando
Em gente do grande tom!...

Ás vezes vae cá um pobre
Um fidalgo procurar,
E o criado, em vez do nobre,
Vem com mysterio fallar,
Dizendo: — «Sua excellencia
«Não falla — tenha paciencia —
«Nem do quarto hoje sahiu,
«Por se achar incommodado»! —
E quem sabe se deitado
Elle está, porque sentiu
Do tormento a dôr extrema,
E, ensaiando o meu systema,
Bebeu de mais, e cahiu?!...

Póde ser!... Mesmo na rua,
Se vae um rapaz taful,
C'os olhos fitos na lua,
Navegando ao norte e ao sul;
Ninguem suppõe que elle ginga
Por influencia da pinga
Que bebeu, sem calcular!
Não, que o povo, em seu conceito,
Julgando com mais respeito
Quem mais póde figurar,

Só diz: — vendo-o ás cabeçadas —
«Leva as botas apertadas,
«Coitado, nem póde andar!»

Eu por mim, até nas damas,
Se diviso alguma vez
Nas faces... a côr das chammas,
Nos olhos... a languidez...
Já desconfio do caso!
Póde, ás vezes, ser acaso,
Nem eu sustento que não!
Mas, inda assim, é possivel
Que uma dama, que é sensivel,
Tendo a dôr no coração,
Por causa d'um cupidinho,
Tentasse affogar em vinho
Essa maldita paixão!

Que o systema tem sectarios
Em toda a classe... isso tem!
Entre os homens... já são varios...
Entre as madamas... tambem!...
Ora agora, o que é desgraça,
É que o vulgo, cego, faça
Entre nós taes distincções!
A gente que faz figura,
Sempre esse povo procura,
P'ra desculpal-a, razões!...
Cá os pequenos, se bebem,
Outra cousa não concebem:
São pobres!... São beberrões!...

Nos grandes, do vinho o effeito
Dizem todos:—é *spleen!*
No pobre... a queixa de peito
É vinho!... vae tudo assim!...
É *perua*... é *cabelleira*...
Carraspana... *borracheira*...
Turca... *porca*... e que sei eu?...
É inda *bico*... *moafa*...
Mas eu desejo a garrafa,
Porque bebo do que é meu,
E tenho o prazer no vinho—
Quem não quer, vive mesquinho,
E morre... como um sandeu!